



CAROLINA
MARIA DE
JESUS

FOME

PEDAÇOS D

PEDAÇOS DA FOME



.....

.....

CAROLINA MARIA DE JESUS

PEDAÇOS DA FOME



.....
EDITORA AQUILA LTDA.

São Paulo, Brasil

— 1963 —

Capa e ilustrações de João K. Suzuki

Direitos desta edição reservados à Editora "Águila" Ltda.
Rua Dom José de Barros, 301 — 1.ª sobreloja — Conj. 105
São Paulo — Brasil

Copyrights reserved to the Editora "Águila" Ltda.
Rua Dom José de Barros, 301 — 1st entresol — ensemble 105
São Paulo — Brazil

O B R A S D A A U T O R A

Publicadas:

QUARTO DE DESPEJO
CASA DE ALVENARIA

A publicar:

DR. SÍLVIO
REMINISCÊNCIAS

Printed in the United States of Brazil
Impresso nos Estados Unidos do Brasil

ALGUNS TRECHOS DA OPINIÃO INTERNACIONAL

"Agora temos visão do mundo da pequena burguesia, dos intelectuais e da grande burguesia através os olhos observadores e realistas de quem veio de uma favela".

JORGE AMADO

"A sexualidade e a vida mundana nas favelas são abordadas pela escritora, que se via constantemente em presença da FOME e, apesar de queixar-se das suas precárias condições de vida, nunca tinha pena de si, não desistia de melhorar a si e aos outros".

Editorial da E. P. DUTTON & CO — New York

"... não se consegue nem mesmo saborear o pitoresco, tão profunda é a miséria humana que êle revela".

Do crítico francês ROGER GRÉNIER, por ocasião da edição francesa "Le Dépotoir"

"Vivendo cercada por toda sorte de imoralidade, Carolina ainda acredita no amanhã e sonha com a felicidade".

Professor NOBUO HAMAGUCHI,
prefaciador da edição japonesa

“Estou certo de que, na luta pela emancipação econômica da nossa Pátria, contaremos com seu entusiasmo e solidariedade”.

LEONEL BRIZOLA

“...em uma negra de baixa condição social nós esperaríamos de encontrar, pelo menos, aquele estado de sincetismo misto de catolicismo e magia africana; entretanto, nada disto encontramos. Carolina não fala de Xangô, macumba, candomblê. A sua devoção vai direta aos livros, à palavra escrita e falada. Neste sentido, Carolina compartilha do ideal da maioria da humanidade mais humilde e sofredora. Como o colono cubano, o negro do Congo, o camponês indiano, Carolina tem fé naquilo que constitui a superioridade dos povos brancos sobre os demais povos, ou seja, a Cultura.

A chave do sucesso de Carolina está ainda, mais uma vez, naquilo que chamamos o seu ideal de cultura. É evidente que, para Carolina, escrever é tão importante e sagrado como rezar. Ela é uma alma religiosa, mas da religião do nosso tempo, isto é, da religião da cultura”.

Da edição italiana, ALBERTO MORAVIA

“Carolina é um produto de seu tempo e profundamente cônica da época e do meio em que vive. Ela fala da sociedade contemporânea e do impacto à sua volta. Não tenta ser artista. Só é simplesmente sincera”.

DAVID SAINT CLAIR

“É a linguagem simples de uma mulher que apenas aprendeu a ler e a escrever. Transparece, aqui e acolá, uma relação mais estética para com o idioma, mas a linguagem cotidiana predomina... Carolina alegra o leitor com uma série de criações

linguísticas felizes e, principalmente, com uma quantidade de comparações exatas e por vezes hilariantes”.

De JOHANES GEROLD, da edição alemã
“Tagebuch der Armut”

“Para nós, porém, Carolina é a prova abalizada sobre o sacrifício dos trabalhadores na sociedade, que os condena à mais pobres existência. É a demonstração da inumanidade do mundo do capitalista e sua moral de lobo. É o caminho que de passo em passo cresce para chegar até o consciente ato revolucionário”.

De ZDENEK HAMPEJZ
editorial da Nakladatelství politické literatury

“Carolina María De Jesus es negra. Y también está orgullosa de serlo. Ama su piel negra. Y sus cabellos crespos y duros. Por eso nos dice que el día de la Abolición es un día especialmente simpático para ella. Pero su nueva tarea es luchar contra la esclavitud actual —: el HAMBRE”.

BEATRIZ BROIDE DE SAHOVALER,
edição argentina.

“Eu não trago uma reportagem, mas uma revolução.”

AUDALIO DANTAS

“O jornal “Sosial demokraati” (Finlândia) — a jornalista Eva Vastari, em seu artigo — “Kurjuuden suur ähetiläs” (Grande Embaixatriz da Miséria) que julga Carolina “uma pérola preta que o Brasil criou do seu sofrimento” diz: “Na minha primeira conversa com ela foram vários os aspectos de interesse, e como aconteceu com todo mundo naquela época, entre eles este: foi ou não foi ela mesma quem escreveu o livro? Acho que nesta altura já não há mais ninguém com dúvidas a respeito, porque com o correr dos tempos muita gente tem tido a oportunidade

de falar com Carolina, o que serve para dissipar as suspeitas. Se é verdade que algo que Carolina escreveu o faz depois de ser estimulada por outros, também é verdade que a expressão literária nata, ela a tem em abundância e que cada frase sua foi ela mesma quem escreveu / Ela é uma artista, espelho da vida que viveu, da sociedade em que nasceu, das pessoas com quem conviveu. Carolina, como expressão espontânea do Brasil, representa a realidade de uma grande parte do seu povo, queiram ou não queiram aceitá-la."

EVA VASTARI

"As expressões de Carolina Maria de Jesus retratam uma descrição social única no seu estilo, fascinante na sua franqueza, sua humanidade nua, seu patético e sua honestidade. É um livro que conta algo essencial sobre as condições de vida dos homens."

Editorial da Tidens Förlag — Stockholm, Suécia

"Com somente 2 anos de Escola Primária, Carolina não escreveu uma obra prima da literatura, porém seu estilo é direto e fascinante. Ela tem à sua disposição surpreendente filosofia de vida."

Editorial da Van Loghum Slaterus — Arnhem, Holanda

A P R E S E N T A Ç Ã O

Você sabe o que poderia acontecer a uma pessoa rica, que perdesse tudo da noite para o dia e se visse obrigada a morar na favela? Não? Pois bem. Carolina Maria de Jesus, com "Pedacos da Fome", lhe dará a surpreendente resposta. Sem artifícios ou tecnicismos, usando apenas o bistruti da sua instituição literária, projeta um talho profundo e vertical na carneadura do panorama social da nossa terra, dele extraindo a figura minada e singela da romântica Maria Clara que arrebatada pelos impulsos de seu jovem coração, resolve, então, acompanhar, iludida, o falso doutor — rapaz atilado e audacioso de nome Paulo — vindo com ele conhecer a capital. Aqui, padece toda sorte de privações físicas e vexames morais, esmagada por uma sociedade decadente, de alma metalizada, que se nutre de valores fátuos, acalentando o adorável sonho de construir um lar decente e feliz. É uma história pungente, dolorosa, narrada com a simplicidade de quem nasceu assinalado pela vocação de escrever. Seus episódios poderiam ser vividos por qualquer criatura em qualquer lugar: onde há o homem haverá histórias; onde houver histórias haverá Marias Claras, Paulos, Coronéis. Sendo "Pedacos da Fome" uma obra de pura criação imaginativa, não deixa de trazer, todavia, aquele sabor de depoimento sem o que jamais teria o semelhança interesse social. Ao oferecermos este livro aos leitores que sabem apreciar as mensagens do mais acendrado conteúdo humano, pela oportunidade que lhes propicia vislumbrar um

mundo novo e de novas dimensões, ainda que não traga a moldura portentosa e fulgurante da estilística machadiana, nem o apuro de linguagem exigível pelos estetas da literatura, "Pedagogos da Fome", quando mais não seja, é uma autêntica afirmação reveladora dos incomensuráveis prodígios da alma humana. O mistério de escrever, de registrar pequeninos acontecimentos cotidianos, para a autora é algo tão vital, tão íntimo, tão organicamente vinculado à sua condição de ente pensante, que este ato já se transformou, em seu temperamento irrequieto e inconformado, numa segunda natureza. Neste sentido, a sua vida é uma vereda, um caminho áspero e pedregoso, sem dúvida, mas todo ele iluminado por uma luta heróica, num supremo esforço para elevar-se superando a si própria. No âmbito destas perspectivas é que devemos visualizar esse novo ângulo da personalidade de Carolina e todas as implicações daí decorrentes. Poderíamos aduzir, em verdade, que a escritora "catadeira de papel", no momento em que escreve e concebe a singular imagem da heroína Maria Clara, — símbolo de fraqueza e abnegação — é violentamente arrastada pela fúria irreprimível de um deleite espiritual, atingindo destarte os mais elevados páramos da emoção criadora. Entretanto, não se estiola e nem se descarnea confinada num mero e ocasional diletantismo. Carolina Maria de Jesus, consciente ou não, participando da luta e da vida de seu tempo, liga-se estreitamente ao futuro. Este seu novo livro não é uma obra de arte, não é uma peça propriamente literária, talvez tão pouco tenha sido uma das suas preocupações quando escreve "Pedagogos da Fome". Mesmo porque, com seus dois anos incompletos de bancos escolares, não lhe seria permitido escrever senão com a alma e coração transidos de emoção e de calor humanos. Carolina conserva a mesma forma de escrever dos seus diários: sua palavra continua "tôca, mas admiravelmente clara". O enredo é ingênuo, leve, correntio e o estilo é despido dos monumentos da retórica. Ainda assim, "Pedagogos da Fome" tem esse sopro de vida, traz lampejo de verossimilhança. É arrancado do mesmo barro de que foi feita a humanidade. Livro duro, cortante, não deixa de trazer quadros de muita ternura e poesia quando a autora coloca nos lábios trêmulos de Maria Clara observações como esta: "ouvi dizer que lá no céu tem

um queijo deste tamanho. O casal que viver aqui na terra sem arrufos, há de parti-lo no céu". Dentro da sua rudeza primitiva, Carolina carrega as virtudes da bondade e da fé, sofre com resignação sem nunca perder a esperança nos fatores válidos da espécie humana. Desta feita, lançando mão dos recursos da ficção, faz veemente crítica aos nossos costumes, observa, através do austero Coronel, o comportamento do homem público, a vida angustiada do homem e o trágico realismo dos novos tempos. E diz, com a máxima naturalidade pela boca dos seus personagens: "Se Jesus voltar ao mundo há de ficar horrorizado. Porisso é que ele não vem". "Pedagogos da Fome" vale por uma radiografia franca, direta e corajosa de uma instituição cheia de possibilidades e que, não obstante o seu progresso material, não oferece a necessária segurança e tranquilidade para que os homens sintam-se irmãos dentro de uma só e grande família. A "romancista das favelas" compreende que "um governo deve construir escolas, casas, colégios, dar trabalho ao povo, destinar terra para lavradores". Sabe também que "a grandeza de um país é o seu povo bem nutrido". Nota que "Um governo tem o dever de fiscalizar os preços dos gêneros de primeira necessidade". Verifica entretanto melancolicamente que nada disso acontece. A autora depois de revelar a São Paulo, ao Brasil e ao Mundo que a "miséria material produz a miséria moral", na arguta análise de Zdenek Hampejz, e que a chaga exposta a purulenta do marginalismo no seio das cidades modernas é o fruto da mais desapiadada injustiça, com esse seu novo trabalho, "Pedagogos da Fome", aponta-nos, num plano subjetivo e metafísico, as fraquezas, as mistificações, os vícios, as ambições desmedidas e a falta de espírito patriótico dos nossos homens, bem como os responsáveis por grande parte dessa atmosfera pesada e asfixiante em que nos debatemos. O leitor há de surpreender-se ao passar os olhos por estas páginas úmidas de lágrimas, ao ouvir saltar, aqui e ali, o grito surdo, impotente, patético mesmo de Carolina Maria de Jesus, como a voz clamante do deserto, sofrendo por milhares de seres anônimos, cruelmente agredidos e apedrejados pelos "Pedagogos da Fome". Neste livro, o fantasma cinzento da Fome toma a sinistra configuração de permanente ameaça, prestes a dizimar as esquecidas populações dos campos e dos grandes centros urbanos. Dai o aspecto dramático da

indagação tocante de Maria Clara: Onde vou encontrar um senhorio que me aceite com as crianças? seis filhos hoje em dia é como se fôsse mil quilos de chumbo". Em síntese, com essa obra, a estranha criadora dos sombrios diários "Quarto de Despejo" e "Casa de Alvenaria", levanta a cortina diáfana da hipocrisia, atrás da qual uma minoria indiferente e distante dos problemas humanos se locupleta à custa da fome e da miséria generalizadas, expondo a quantos insistam em defender o atual estado de coisas, não reconhecendo a hora funesta que atravessamos, em que a brutal realidade dos fenômenos sociais lança um apocalítico desafio às consciências dos homens de responsabilidades. Que este livro, antes de encarnar os anátemas de uma terrível e derradeira acusação, lhes valha para despertar os sentimentos de compreensão e de amor à Humanidade.

EDUARDO DE OLIVEIRA

NO tôpo de uma colina, donde se avistava toda propriedade, o Coronel Pedro Fagundes edificou a sua fazenda.

Mandou construir uma residência suntuosa. Dava gosto contemplá-la; todos que a viam, exclamavam — "que casa linda! Isto não parece obra do homem, parece obra da natureza! É uma pena construir uma casa tão bonita no campo". E queriam saber o nome do arquiteto que construiu aquele recanto tão poético.

O Coronel, envaidecido com os elogios, sorria, e sorria, principalmente, quando sentado na sua cadeira de balanço, fumando um bom charuto, contemplava as pétalas das rosas e as folhas desprendidas espalhadas que o vento impelia de um lado para outro, deixando o ar impregnado do seu perfume.

O Coronel, homem de quarenta e cinco anos, era enérgico e lépido. Era homem de ação. Não conhecia a fíbieza, o que iniciava concluía. Dizia: — "O homem indeciso não prospera, o homem não deve estacionar-se".

Estava afastado do Exército, onde prestara inúmeros serviços, e pelos quais foi condecorado com a patente de Coronel: título que prezava e ostentava com orgulho.

Não havia dúvida, nascera sobre o domínio de uma boa estrêla, pois até essa idade não encontrava impecilhos

na vida, tudo era amplo, igual ao espaço, via todas as aspirações realizadas, às vezes ficava pensando "consigo tudo o que almejo, tenho a impressão que a felicidade é minha madrinha e que me proteje com seu manto".

Sabia-se benquistado por todos, mesmo assim, vez por outra, meditava profundamente fazendo uma revisão de sua vida. Era íntegro, e não prevalecia de sua posição social em proveito próprio; não apreciava as polémicas, porque arrefecem as amizades; não discutia com ninguém e, tão pouco, desconfiava dos que o rodeavam, pois a desconfiança gera inquietação interior. Pagava bem os que o serviam, pois quem é correto para pagar o que deve não promove atritos. Elogiava a todos que conhecia, por isso pensava que não tinha inimigos.

Homem conservador, não abandonava os seus hábitos. Deixava o leito logo que o sol despontava, para ouvir o gorjeio das aves saudando o romper da aurora, quando sentia-se felicíssimo dentro de seus domínios, fitando aquela imensidade de terras que ele amava profundamente.

Adorava sua esposa, dona Virgínia, e sua filha Maria Clara. Dizia: "O meu lar é o meu tesouro; vinte anos que estou casado e sou deveras feliz".

Aquêle, era o dia do aniversário do seu casamento, e seria para eles um dia de festa. Ele não sairia de casa. Seria um dia de consagração mútua. Os dois passariam o dia conversando, e iriam também orar para agradecer a Deus por lhes proteger, pois além de tudo tinham afindades intelectuais e disto o Coronel Pedro estava certo, pois lembrava-se ainda do último colóquio que tivera com a esposa após ter-lhe dado um presente.

— Você ainda gosta de mim?

— Ainda não aborreceu-se de minha companhia?

— Ainda sente prazer de viver ao meu lado?

Trocaram um beijo e sorriam. O coronel prosseguiu:

— Se estou lhe fazendo estas perguntas é porque, em geral, os casais após um certo tempo de casados, começam a encontrar defeitos mútuos; e a pior coisa num casamento é quando um homem percebe e propala que a esposa não é sua companheira por ser inculta. Portanto, creio que cabe ao homem introduzir e guiar a mulher num núcleo culto, para que ela possa se tornar a sua companheira em todos os campos. E o homem, se ao casar-se não estiver com a personalidade formada, ou seja, com o espírito maduro, com o decorrer do tempo abandona o lar. E a mordacidade da mulher reduz a força moral do homem, regredindo o seu valor.

— Eu não sou fútil. Imagina só se eu vou lhe desmoralizar, você que é o meu tesouro! Que é a única coisa de valor que eu tenho no mundo. Apenas agradeço-lhe por você tratar-me bem.

— Obrigado Dona Virgínia. Eu ouvi dizer que lá no céu tem um queijo dêste tamanho. E que o casal que viver aqui na terra sem arrufos, sem desfazer-se do lar, quando morrerem vão partir o queijo e dividir com seus descendentes.

Falando assim, ela aproximou-se acariciando o rosto velhusco do coronel e continuou a dizer:

— Quando estou sentada no teu colo tenho a impressão que sou uma rainha num trono. Os braços de um homem honesto é o maior trono do mundo. Você é o meu ilustre esposo. Foi e há de ser sempre a razão de minha vida. Nós estamos envelhecendo e havemos de chegar na decrepitude sempre unidos iguais as pétalas de rosas.

E o coronel dava uma risada estentória e alisava o seu vasto bigode.

Fitava o rosto de sua espôsa e manifestava todos os seus pensamentos: "eu conheci êste rosto, o mais bonito que eu já vi até hoje. Vi os teus cabelos negros. Agora estão prateados. O nosso amor não se restringe a terra, medra como o espaço. Não arrefece. É quente como as lava de um vulcão". Dava um suspiro e dizia: "pois é minha ilustre Virgínia. Eu ainda gosto de você, por que é boa dona de casa, boa espôsa e boa enfermeira, quando estou doente cuida de tudo com desvêlo. Porque tudo que custa dinheiro merece cuidado. Você não deu-me motivos para que eu lhe repreenda em nada. Em fim estou contente com você minha Virgínia divina. Quando o teu pae apresentou-me tuas irmãs para eu escolher-lhe a minha companheira para acompanhar-me nos alpes da vida, gostei mais de você". E ficou divagando. "Era miudinha, parecia uma boneca. Já é tempo de agradecer a tua dedicação. Quando eu era pobre você contentava-se com o que eu podia lhe dar. Não exigia nada. Soube suportar heróicamente as agruras da vida. Percebendo que você era digna de melhor condição de melhor existência resolvi lutar. O que sempre admirei em você, é o saber ter paciência. Estou tranqüilo. Se eu morrer de um momento para outro, você e a Maria Clara, não precisam preocupar-se com o futuro. Minha filha já completou dezoito anos e em breve há de aparecer um bom pretendente. Um homem honesto e compreensivo. Ninguém sofre ao lado de uma pessoa correta". Dona Virgínia chegou subitamente e perguntou-lhe.

— Em que estava pensando?

— Em você e Maria Clara. Aliás os nossos pensamentos são recíprocos. Vaguei pelo pomar procurando-te. Depois fui ao escritório, lhe procurei nos lugares de sua predileção.

— O que você quer?

— Vim lhe dizer que as malas já estão prontas. Tudo em ordem para irmos para a cidade amanhã.

— A probresinha da Maria Clara há de aborrecer-se com esta existência de eremita. Ela não tem uma amiga-lhe para palestrar. É dever dos paes propocionar alegria aos filhos.

— Eu também penso assim. É bem possível que ela não aprecia êste recanto.

— Isto aqui é próprio para nós dois que já estamos idosos e queremos tranqüilidade. Mas, ela é fiôr desabrochando. É a personificação da plenitude. É o que eu tenho notado, pretendo satisfazer todos desejos de minha filha.

— Esta filha foi quem estimulou-me ao trabalho. Depois que ela nasceu eu passei a negociar, eu prosperei. Creio que posso dizer: a minha filha deu sorte.

E o seu olhar percorria o espaço.

— Penso que devíamos contratar uma dama de companhia para ela. Dona Virgínia gostava de ouvir o coronel falar. A voz era acústica.

— Penso que é desnecessário. Ela gosta de ler ou bordar. Vou consultá-la, se ela quiser... como é bom vir ao mundo, e ter um pae como você carinhoso. O coronel sorria. O que lhe deixava realmente contente, era os elogios de sua espôsa. Era com ela que êle consultava suas apreensões. E ela lhe orientava tão bem que êle as vêzes dizia: "você é a minha bússola. Você é o meu oráculo".

Ergueu a vista fitando o céu acompanhando com o olhar as nuvens que giravam no espaço, perguntou-lhe.

— A nossa filha lamenta a vida aqui no campo sem atração?

— Não. Só que não é alegre. Penso que ela tem algum desejo recôndito, que tem receio de nos relatar. Ou quem sabe é impressão minha. Na sua idade, eu era fagueira.

As vezes eu a encontrava cismando; parece que está falando algo. Mas os temperamentos não são iguais. A minha avó era assim. Eu penso assim. E você?

Dona Virgínia sempre concordava com o coronel. A porteira bateu. Dona Virgínia virou a cabeça para ver quem chegava.

— Ah. É o Raul. O que será que ele quer?

Raul era um dos antigos colonos e era compadre do coronel e Dona Virgínia. Os olhares se encontravam e eles sorriam.

— Bom dia, comadre!

— Bom dia, compadré.

— Bom dia, compadre!

— Bom dia, coronel.

— Bom dia, compadre Raul.

— Sabe; disse o coronel: Eu já observei que o senhor quando nos visita, cumprimenta a dona Virgínia em primeiro lugar.

Raul ficou vermelho e perguntou-lhe:

— Isto magoa-te?

— Oh! Não. Dá-me prazer. É outra coisa, porque a dona Virgínia é tratada por comadre, e eu, sou o coronel?

— Há tempo desejava esclarecer este assunto. É que eu acho o título coronel muito bonito e gosto de pronunciar-lo.

— Ah!... bem. E o coronel sorriu. E a comadre Malvina como vai?

— Está boa. Está torrando farinha.

— Quer dizer que vamos ter farinha de milho!

— É o milho é colheita nova deste ano. Eu vou reservar um saco para o senhor.

— Não, um saco é muito. É só eu e a Maria Clara que comemos farinha. Quero só vinte quilos.

— Está bem coronel. Está bem. Eu vou festejar o São Pedro sexta-feira e vim convidar o senhor. O coronel ergueu a cabeça para fitar o rosto do seu compadre Raul e disse-lhe sorrindo:

— Então o senhor vai festejar o xará?

Raul sorindo disse-lhe:

— Peço ao senhor levar dona Maria Clara.

— Está bem. Se nós vivemos até lá havemos de aparecer.

Dona Virgínia fitava o seu compadre que distanciava.

— Eu acho os filhos dos colonos mais alegres do que nossa filha.

O coronel ficou apreensivo, perguntou-lhe:

— Será que Maria Clara está doente? Mas é melhor irmos para a cidade para ela distrair-se um pouco. Vou procurá-la e avisá-la que daqui uns dias iremos para a cidade. Nós vamos amanhã, mas temos que comparecer na festa do compadre.

O coronel pegou o charuto e levou-o a boca. Meditou um pouco e disse:

— Observa-o e sorri. O sorriso é o comprovante do contentamento.

— Pois não, concordou dona Virgínia, retirando-se e pisando tão forte no assoalho que o eco ia repercutindo-se, parecia que o assoalho ia ceder.

O coronel reclinou-se na cadeira de balanço e começou a ler uma revista, o sono foi surgindo. Ele adormeceu.

Recolhida nos seus aposentos, construído especialmente para ela, Maria Clara evocava o seu passado na escola, com grande ressentimento. Era considerada a melhor aluna da classe. Se errava nas lições não era castigada. Era aprovada em tudo. Reinava na classe e nunca foi castigada e recebia as melhores notas. Ninguém mencio-

nava seu nome. Dizia: "A filha do coronel." Quando atingiu a juventude com seus sonhos deslumbrantes, a reserva com que lhe tratavam foi magoando-lhe profundamente. Ninguém ousaria tocar-lhe. A filha do coronel era uma boneca de porcelana.

Quando alguém lhe convidava para uma festa é por que pretendia pedir um favor ao seu pae.

Bajulavam a filha para cativar o pae. Se tocava uma valsa era aplaudida. Ninguém lhe criticava. Não observavam seus atos. Na festa de formatura o único que dançou com ela foi o seu pai. Depois sentou-se e ficou olhando suas colegas dançar com seus pares prediletos.

O título de coronel de seu pae era uma muralha impedindo que alguém lhe aproximasse.

Quando lhe serviam bebidas serviam-lhe em primeiro lugar. Só nas preferências dos homens ela percebeu que não tinha classificação.

Os jovens lhe despresavam.

Foi ficando ressentida interiormente. Mirava-se no espelho, procurando em si defeitos físicos. Não encontrava-os. Pensou: "porque é que sou pretérida"?

Ouvia as filhas dos colonos falar dos namorados com tanto prazer, enaltecendo as carícias como se os homens fossem divindades.

Aquêle entusiasmo que elas demonstravam lhe deixava inquieta. As vezes ela via sua mãe sentar-se no colo de seu pae e acariciá-lo. Alisar-lhes os cabelos e puxar-lhe as orelhas. Quando seu pae viajava sua mãe não se preocupava com as refeições. Dizia-lhe.

— O teu pai não está em casa. Nós comemos qualquer coisa lá na cozinha.

Porém quando o coronel estava em casa ela era exigente com a mesa que devia ser posta, as toalhas de linho

bordado, talheres de prata e um jarro de flôres nos centro da mesa e a criada trajada a rigor. Sua mãe usava toillettes de alto preço e a casa estava rigorosamente limpa.

"Quando êle não está, ela usa um pegoir de veludo desbotado e permanecia o dia todo com o rosário nas mãos, e os seus lábios não paravam, com o "padre nosso que estais no céu fazei com que Pedro seja feliz nos seus negócios. Livrae-lhe de alguns desastres".

Maria Clara pensava: "O que será que tem o homem no pensamento de uma mulher. Será que o homem proporciona tanto prazer assim? A ponto de empolgar a razão? Quando o homem briga com a mulher, que chora-deira! Quando agrada outra mulher, vem o ciúmes. Depois vem as discussões. Depois vem a luta corporal. Depois vem a interferência da dona lei. Depois vem a incompatibilidade. Depois vem a separação. Depois vem a dúvida, será que êle tem outra? ELE: Será que ela tem outro? Quando êle olha outro homem pensa: será êste o meu rival? E passam a espionar-se. E recomçam os olhares e a namorar outra vez: reconciliam-se."

Quando ela ouvia falar dos namorados não interferia porque não conhecia as carícias masculinas. Várias vezes presenciou seus progenitores trocando beijos e abraços. Depois olhavam-se extasiados e sorriam. "Pelo que vejo, a coisa de mas valôr neste mundo é o homem." Como invejava as heroínas dos romances. Sabia que era pecado ter inveja. Mas ela não podia dominar-se. De uma coisa estava certa: sejam as pessoas ricas ou pobres desejavam alguém ao seu lado.

Ficava pensando quando via as filhas dos colonos chorando porque queriam casar-se com um jovem e os pais interferiam impedindo a união. Ela também era muher e desejava ser amada, ser venerada. Ocupar um lugar

de destaque no coração de um homem. Receber seus olhares de ternuras. Os seus afagos. Por mais que ela se esforçasse não era notada. Confeccionava e bordava seus vestidos e nunca recebeu os elogios de um homem.

Em geral quando uma mulher passa perto de um homem olha da cabeça aos pés, faz um exame. E ela... ninguém olhava. Deixou de cismar quando sua mãe bateu na porta, sobressaltou-se, e foi atender. Cumprimentaram e beijaram-se.

— Entra mamãe.

Ela entrou, sentou-se, perpassou o olhar pelo aposento como se estivesse entrando num templo sagrado, perguntou-lhe:

— Como vai minha filha?

— Vou indo bem... Minha mãe.

— O teu olhar prova o contrário. Você está sempre triste, pensativa. O que te falta? Dá-nos a impressão que a tua vida está incompleta, parece que as tuas idéias estão além do mundo. Você está doente?

— Oh mamãe! Graças a Deus não!

— Foi teu pai quem mandou perguntar.

— E até quando a senhora vai servir de pombo cor-reio para o papai?

— É que nós falavamos de você. O compadre Raul veio nos convidar para irmos na festa de São Pedro. Depois da festa nós vamos à cidade. Você precisa dis-trair-se.

Dona Virgínia observava a expressão de sua filha. Ela recebeu a notícia com indiferença. Dona Virgínia prosseguiu.

— Você precisa dançar. Manifestar seus desejos. Você parece que evita-me. E eu, vivo bajulando-te. Os filhos únicos são tratados com preferência especial. O que

se passa com você? Os filhos não devem ocultar suas apreensões as mães. Tudo o que eu sentia relatava à minha mãe. Você não tem algo para dizer?

— Não senhora.

Dona Virgínia retirou-se.

E Maria Clara ficou refletindo e repetindo as palavras de sua mãe que ficavam gravadas na sua memória: "Você precisa distrair-se precisa dançar."

— Dançar com quem? Ela bem que sonhava. Já que iam para a cidade iria ao cinema. Admirava os dramas de amor na tela. Ficou mais alegre. Rejubilou-se interiormente, pensou:

— Quem sabe se desta vez eu encontro um namorado?

Maria Clara era riquíssima, nenhum jovem ousava aproximar-se dela com receio do Coronel Fagundes. O homem mais rico da Noroeste. As más línguas diziam que o coronel tinha jagunços. E era um homem malvado. Outros diziam que ele era bom igual ao pão. Mas o boato que predominava era o de homem malvado. E estes boatos pouco recomendáveis deixava o povo de sobreaviso.

E o coronel mandou avisar o caseiro que preparasse a casa porque gostava de tudo em ordem: é o impulso do triunfo.

Enfim chegou o esperado dia de São Pedro. Apareceu tanta gente porque a festa do Raul era propalada pela abundância, decência e harmonia.

Depois a presença do coronel impunha respeito. Ninguém embriagava-se com receio de cometer algum deslize. Reservaram um lugar para o coronel. Maria Clara não tomou parte na festança; olhava os pares dançando e pensava: — "Deve ser bom dançar! Porque eles demonstram

contentamento?" As onze horas foram embora, porque no outro dia iam para a cidade.

Quando deixaram a fazenda, o automóvel ia deslizando na estrada. Ela ia pensando que não era nada agradável ser filha de pessoa de destaque. A casa da cidade estava maravilhosa. Era uma casa de construção antiga. Um aspecto magnífico. A sala de música era adornada com ricos quadros de autores célebres. A ordem imperava naquele lar. Tudo nos lugares. Maria Clara achava tudo tão triste! Eles não tinham amigos, não recebiam visitas para dissipar aquela tristeza incômoda e perpétua.

Maria Clara tocava piano. Quando parou de tocar foi aplaudida. Girou na banqueta para ver quem aplaudia. Seu olhar pousou no rosto sorridente do Coronel que disse-lhe:

— Vim ouvir e aplaudir-lhe. Você está tocando admiravelmente.

Maria Clara pensou: "todos bajulam-me. Até meu pai! E o Coronel prosseguiu: "a tua música já não fere os ouvidos. Você tem vocação, parece que nasceu predestinada a ser pianista. Você deslumbra esta casa, pode continuar tocando minha filha. Quero ver-te sempre contente. Eu pensei que você está doente, porisso é que vim para a cidade."

— Ora papai! Eu gosto de tudo dentro do normal. Obrigado meu carinhoso pai.

— Se eu pudesse, abandonava a fazenda definitivamente para morar na cidade. Mas eu não posso, por que ninguém olha melhor o que é seu do que o próprio dono.

— Não se preocupe papai. Estou bem.

E Maria Clara continuou tocando. O Coronel folheava o álbum de música pensando — "graças a Deus sou um homem realizado. Tenho uma boa espôsa, uma filha inte-

ligente e as terras da fazenda são férteis, o que se planta é lucro à vista".

Dona Virgínia surgiu e anunciou o almôço. Na mesa, Dona Virgínia insistiu com Maria Clara para tomar sopa:

— Eu não gosto, mamãe!

Havia muitas coisas para comer, a mesa era farta e varida. Terminando a refeição Maria Clara foi ler o jornal para ver os filmes. Pretendia ir ao cinema à noite.

Depois foi repousar um pouco. Quando o sol descambou no poente, ela foi prostar-se na janela para contemplar os casais de namorados que passavam, tão unidos, trocando juras de amor. E suspirou:

— E eu... quando será que vou encontrar o meu príncipe encantado?

Cansou de ficar na janela, foi para o portão. Fitou o espaço. A sua vista foi elevando-se até pousar no centro do céu onde a lua estava parada. Quieta como se estivesse meditando. O sol ia recluindo-se com seus reflexos cor de ouro. As aves estavam fagueiras e percorriam o espaço. Umas em direção ao sul. Outras dirigiam para o norte, chilreando, demonstrando contentamento. O olhar de Maria Clara circundava indeciso, pousava ora aqui ora ali, sem fixar-se em nenhuma parte. Sobressaltou-se quando viu um jovem de 22 anos ou 24 anos fitando-a com os seus olhos pretos e ovais. Aquele olhar terno perturbou-a. Era a primeira vez que um homem lhe dirigia um olhar de admiração. O jovem aproximou-se e sorriu-lhe. Exibindo seus dentes nívios e retos como pauta.

— Boa tarde, senhorita.

— Boa tarde, cavalheiro, respondeu Maria Clara, emocionada com aquela atenção.

O jovem parou e perguntou-lhe: — Pudia dizer-me as horas?

Maria Clara fitou seu relógio de pulso e disse-lhe em voz trêmula: — Cinco para três.

— Obrigado, êle respondeu-lhe sorrindo e disse-lhe: — vou tomar nota dêsse horário, por ser um momento em que vi a jovem mais bonita dêsse mundo. Era a primeira vez que ela falava com um homem estranho, estava com receio de cometer alguma gaffe. Mas ficou contente quando ouviu a frase "ela era bonita".

— O senhor de onde vem?

— Da Capital. É a primeira vez que visito o interior, confesso que estou apreciando a tua cidade tranquila e ridente... já estou fatigado da vida agitada da Capital. Os atropêlos diários esgotam uma pessoa. Eu já estou ficando neurótico. Lá pensa-se em excesso. E é horrível a intranquilidade interior. As pessoas que residem na Capital pensam e agem com intensidade. Desde o operário da fábrica até o cientista, permanecem horas e horas nas filas a espera da condução. E todos querem tomar aquele ônibus. Os que não conseguem penetrar no ônibus ficam nervosos porque ninguém quer chegar atrasado no local de trabalho. É o retorno para o almoço, o retorno para o trabalho. Aqui a vida desliza sem aborrecimentos. Maria Clara ouvia aquela voz suave e rítmica.

Tinha a impressão de estar ouvindo um anjo falar num recanto celeste.

— Pois eu já estou feita desta vida apática. Eu nasci aqui. Aqui fiz os meus estudos. Sei que existem outros países e outras cidades porque lí na geografia, sei que cada país tem seus hábitos e alguns o idioma é próprio. E que há vários países com colônias derivadas. Mas eu gostaria de conhecer êstes países. Deve ser bellissimo!

— Para mim, o lindo país é onde o ente humano não sofre. E êste país não existe, disse o rapaz.

Maria Clara sorriu, achando engraçado as palavras. Porque ela não conhecia as lutas da existência. Para ela as palavras sofrimento eram abstratas. Olharam-se e sorriam.

Ela perguntou-lhe: — O teu nome, por favor.

— Paulo Lemes.

— Profissão?

— Sou dentista. E o teu nome?

— Maria Clara.

— O teu nome combina com a tua côr. A senhorita é nêvea, parece que nunca tomou sol; para mim a senhorita é igual a orquídea que não recebe os raios solares. — Mas a orquídea é maravilhosa, comentou Maria Clara.

— E a senhorita também.

Maria Clara sorriu apreciando o exame que Paulo fez de sua pessoa.

— Oh! O senhor não é o primeiro a dizer-me isto. O papai também. Eu nunca conversei com homem a não ser o papai. O senhor é o primeiro.

Paulo prosseguiu: — Eu sempre apreciei os dois nomes próprios nas pessoas, mas o teu é muito bonito. A senhorita sabe a origem do seu nome?

— Não sei. Quer explicar-me? Eu sou curiosa...

— Clara quer dizer: Branco, puro, esclarecido.

Ela sorriu e pousou seu olhar no rosto de Paulo, observando os traços fisionômicos; e perguntou-lhe: — O senhor tem gabinete dentário em São Paulo?

Paulo perturbou-se um pouco. Vacilou com a pergunta de Maria Clara.

— Eu trabalho numa Clínica. Ainda não consegui dinheiro para montar um gabinete dentário; o que é difícil é formar-se.

— O senhor já está formado; para as pessoas que tem ofício a vida é uma linha reta, para os que não tem com. que ocupar-se a vida é uma linha curva.

Maria Clara esforçava para ser sensata nas palavras porque estava conversando com um doutor. Um homem de São Paulo, de uma cidade importante.

— A Clínica onde o senhor trabalha é conceituada e tem afluência popular?

— Estamos iniciando. Mas a Clínica promete. O que desejo é que a senhoria não vá necessitar dos meus serviços e que os seus dentes não se deturpem; não quero maguar a sua linda boquinha. Eu estou de férias e pretendo partir daqui alguns dias.

Maria Clara estava emocionada. Ali estava um homem falando com ela, prestando atenção nas suas palavras.

Paulo convidou-a para ir com ele ao jardim. O jardim público estava em frente a sua casa. Ela não viu inconveniente em acompanhá-lo e sorrindo atendeu-lhe o convite. Ela ficou tão contente que não esperou um segundo convite. Como é sublime realizar um sonho!

Dirigiu-se contente para o jardim, sentia-se importante andando ao lado daquele jovem.

A brisa perpassava conduzindo um aroma suave das flores que os envolvia. Paulo perpassou um olhar ao redor e disse-lhe:

— Como é linda essa praça. Como é o nome dessa praça?

— Praça Cel. Pedro Fagundes.

— O Cel. deve ser dono da Cidade. É a mania dos super-ricos mandar nas cidades atuando como dragões.

Maria Clara sobressaltou-se e perguntou-lhe:

— Ouvindo-te, tenho a impressão de que você não gosta de ricos!



— É que tem duas classes de ricos: Os passivos e os ativos. Há os ricos que cuidam unicamente dos seus negócios, dá serviços aos operários. São industriais, auxiliam um grupo a viver. Há o segundo que são os ativos. Os Coroneis, Generais, homens que enriqueceram no ofício, interferem na política, não permitem que um homem governe um país tranquilamente. Enfim, o que eles tem de bonito é a farda e seus brasões. Mas o homem para ter valor é preciso ter inteligência.

E o olhar de Paulo perpassava...

— Aqui pode-se andar sem atropêlos.

Maria Clara tinha a impressão que estava andando no ar, seus pensamentos estavam inestros igual ao balão quando atingem o cimo.

— Nós temos o nosso banco aqui no jardim.

E Maria Clara dirigiu-se para o local onde estava o seu banco.

Dois senhores que estavam sentados olharam para ela e retiraram-se sem protestar. Paulo leu o que estava no banco: "Coronel Pedro Fagundes". E perguntou-lhe: — Quem é o Coronel Pedro Fagundes?

— É meu pai.

— Ah..." Exclamou Paulo, preocupado. Refletindo no que havia dito, sentindo intranquilidade interior. Mas procurou dominar seus receios. Perguntou-lhe:

— Porque é que aqueles dois senhores deixaram o banco sem protesto?

— São empregados do papai.

— Sendo empregados de teu pai são seus empregados também.

Maria Clara perpassou o olhar pelos bancos todos ocupados com casais e pensou: "Porque será que a mulher

ao lado de um homem fica tão contente e sorrindo? Qual será a atração que existe entre dois sexos que um procura o outro?"

E os casais mostravam felicidades iguais siameses.

"Se este homem não abandonar-me eu também vou conhecer esta atração. Quero conhecer a felicidade que o homem proporciona a mulher; creio que sou mais feliz do que as jovens do interior porque tive a felicidade de ser preferida por um homem da capital."

Deu um longo suspiro e pensou: "Eu sou uma feliz! zarda!"

Paulo sobressaltou-se com o suspiro de Maria Clara e perguntou-lhe:

— Em que pensa querida? O que te agita?

— Estou pensando em você.

— Muito obrigado.

Prosseguiu pensando em sua felicidade. "Ela ali sentada ao lado de um doutor. Um dentista. Um homem nobre. Que estudou para lenir a dor do corpo humano! Porque todas as dores afligem. Este homem tem que ser meu! Um homem que suplantava os pés rapados do interior que lhe despresavam. Mas Deus auxiliou-me, encontrei um elemento que sabe falar bonito e tem cultura para falar com o prefeito, a maior autoridade da cidade." Paulo lhe falava na boca igual aos artistas de cinema, com halito quente e perfumado.

— Fala-me de São Paulo! Ouço dizer que é uma cidade empolgante, a princeza do Brasil, que o paulista é um bom filantrópico, é laborioso e amigo do progresso.

Paulo satisfazia-lhe, Maria Clara estava contente porque foi sempre obedecida. Não conhecia contrariedades.

— A capital é digna de ser vista e não descrita. Algum dia há de conhecê-la.

— E quem irá levar-me? .

— Eu, ou outro qualquer que tiver a ventura de casar-se com você.

— Eu prefiro que seja você. Ouvi dizer que a mulher que se casar com um homem paulista não sofre, está amparada na vida, que o paulista é atilado. É nobre e sensato. Que são homens decentes. Que prezam a sua dignidade. Que tem noção de deveres. Que são previdentes aprendendo um ofício. Quem nasce em São Paulo tem possibilidades de aprender um ofício, porque São Paulo é a Capital da indústria. E todos encontram trabalho. Quem nasce em São Paulo nasce em um escritório de ouro por ser bom elemento. Paulo mordida os lábios, as palavras de Maria Clara o incomodava.

— Oh! Muito obrigado pela boa impressão que você tem do homem paulista. Eu sou paulista, sinto-me honrado, você transformou meu coração em seu escravo.

Maria Clara sorriu-lhe.

— É bom ter um escravo perpétuo.

— Mas ele vai ter uma sinha carinhosa. O teu coração sendo meu escravo será amarrado numa corrente de ouro.

Paulo fitou-a no rosto e disse: "Você é muito bonita, pretendentes que não lhe falta."

— Você perturbou-me, monopolisa-me. Vou custar ouvi-lo. Que suplicio quando eu estiver em São Paulo e não mais ver estes olhos cor de esmeralda que fascinou-me e deixou meu coração inquieto, oscilando igual um navio ao dispor das ondas.

Maria Clara olhou o relógio e exclamou: "Já onze horas?" Paulo sobressaltou-se:

— Meu Deus, o jardim está deserto!

— Vou-me embora, o meu pai deve estar preocupado.

Ao levantar-se, sua pernas estavam dormientes. Paulo

segurou-lhe as mãos e disse-lhe: "espero-lhe aqui neste banco as sete horas em ponto."

— Está bem, concordou Maria Clara, sorrindo interiormente e exteriormente.

— Ah! De manhã não é possível. Terei que ir a missa porque eu fiz uma promessa, quando estiver na cidade, ir a missa todos os dias. Agora estou confiando nos santos. Eles não falam. Estou sendo atendida no pedido que fiz. A noite eu estou disponível.

— Você trabalha?

— Oh! não. Ia dizer-lhe que era rica, mas conteve-se. O seu amado podia zarpar-se. Ela tinha a impressão que certas pessoas afastam-se dos ricos.

— Está bem, concordou Paulo que olhou por todos os lados e não vendo ninguém tomou-a em seus braços e beijou seus candidos lábios murmurando: "Maria... Maria... Maria Clara meu doce amor." Apertou tanto a jovem que lhe embargou a respiração deixando a pobre moça com a mentalidade confusa e empolgada com aquelas carícias. Continuando disse:

— Depois de amanhã retorno a São Paulo.

— Oh! Paulo, não vai. Eu vou sentir saudades. Você agradou-me tanto. Ensinou-me a gostar de você, creio que se um homem não tem pretensões de se unir com uma mulher, não deve atraí-la e depois despresá-la. Como é horrível sentir saudades!

Despediram-se.

Maria Clara olhou sua casa. As luzes estavam acesas. O jardim, a garagem e o porão. Entrou em casa rápida como a briza, tão contente como se estivesse regressando do céu. O coronel assim que a viu correu ao seu encontro. Prendendo-a nos braços com ardor e com receio de que alguém lhe roubasse a filha, disse:

— Oh! minha filha, onde andaste, eu e tua mãe estamos aflitos. Pensei mil coisas num segundo. — Você leu a bíblia quando Jesus desapareceu, seu pai e sua mãe ficaram preocupados procurando-o? E foram encontrá-lo entre os doutores, concluiu Maria Clara sorrindo.

Dona Virgínia ficou séria observando a alegria da sua filha, gesto que ela desconhecia. E assim falou-lhe: "Você sorri porque não conhece a preocupação de uma mãe em relação ao filho."

— Eu fui passear mamãe.

Maria Clara queria ficar só para pensar naquele homem bonito. Tipo atleta. Parece que ainda sentia o calor dos seus lábios carnudos quando se uniam nos seus. Olhou o relógio. Eram vinte e quatro horas, pensou:

— Faltam dezenove horas para eu ver aquele homem. Si eu pudesse permanecer sempre ao lado dele! Maria Clara galgou a escada e foi para o seu quarto. Abriu o guarda roupa para vêr com que vestido devia ir ao encontro com seu ídolo.

Queria que o Paulo lhe achasse atraente e bonita, fitou os seus vestidos um a um e ficou indecisa. Deitou-se e pegou um livro para ler. Mas não conseguiu concentrar-se na leitura. O seu pensamento parecia poeira agitada pelo vento, a presença de Paulo perturbava a sua mente. O coronel Fagundes e Dona Virgínia também não conseguiram conciliar o sono. Pensando na filha que já começava a causar-lhes sérios aborrecimentos; passaram a noite contando as badaladas do relógio centenário da cidade.

Eram cinco horas quando Maria Clara deixou o leito para ir na missa. Não foi de carro pois a promessa era ir a pé. Retornou-se contente por haver cumprido os seus deveres religiosos. Encontrou sua refeição matinal preparada com desvelo.

Abluiu-se para dissipar o sono. Tocou piano e foi até a janela. O seu olhar dirigiu-se da janela e pousou no banco onde ela e Paulo estavam sentados. Sentiu sono e foi deitar-se. Estava impaciente achando o dia tão lento, era treis horas da tarde, quando despertou-se com o tintilar do relógio. Deixou o leito indisposta, recebeu um raio de sol que penetrava pelo quarto rápido como o som de um sino que repica, os reflexos do astro rei iluminou suas faces. Fitou as árvores que adornavam o jardim e o seu olhar seguia de uma lado para outro e voltando a olhar no banco onde os dois estiveram sentados na noite anterior.

Pensava: — Eu ei de amar êste jardim. Foi neste jardim que eu recebi o meu primeiro beijo de amor. As flôres deu-me felicidades. Oh meu Deus! como eu sou feliz, tenho um namorado! "Ela estava radiante. Agora já tenho em quem pensar, ia ter um homem que lhe acompanhasse ao cinema. Que ia discutir com ela os problemas do futuro. Enfim ela ia ter responsabilidade. Não pretendia ser uma madame inútil, ou melhor, madame fútil que passa o tempo preocupando-se com futilidades; eu ei de fazer tudo para Paulo ser feliz. Êle há de acompanhar-me aos cinemas e vamos de carro! O mundo para ser bonito para uma mulher é preciso que ela tenha um homem em sua vida! Enfim, ela ia ter responsabilidade. Como seria a sua vida conjugal? Residir na capital, uma cidade bela! Frequentar teatros, ópera, ter uma casa suntuosa, tóda ajardinada, usar toiles de alto preço, ser notada quando passasse pelas ruas, ser indicada!... — "Olha a senhora Paulo Lemes!" E o Paulo há de trabalhar para pessoas de renomes. Com certeza há de apresentar-me, para o prefeito e ao governador e para falar com o governador eu vou com tolete especial. O meu colar de brilhantes! Sorria e pensava: Eu custei a ser feliz! Mas agora sou uma felizarda!

O relógio badalou cinco horas, ela dirigiu-se ao banheiro, abluu-se, penteou os cabelos castanho claro e vestiu-se.

Quando entrou na sala de jantar, a mesa estava posta e ao seu dispor.

Pediu a refeição. O coronel saiu de manhã e recomendou a espôsa para interrogá-la e descobrir onde ela esteve até aquela hora.

— "Não admito que ninguém transvie a minha filha." Gesto pouco recomendável para uma pessoa do interior.

Dona Virgínia abriu a boca várias vêzes para interrogá-la, mas faltou-lhe coragem. Amava imensamente aquela filha e não queria magoá-la. Não ousava dar-lhe ordem. Ela era a princesa do lar.

O coronel entrou e sentou-se.

— Oh! Bom dia. Olvidei-me de cumprimentar-lhe. Estou nervoso. É por isso que estou esquecendo as regras sociais. É que eu senti um choque emocional, parece que os meus ossos estão desligados...

Elas responderam o cumprimento do coronel. Êle que era tolerante aquêle dia estava irritado. Êle que sabia resolver suas preocupações em dois segundos. Mas quando tratava de sua filha ficava sem ação.

E ali estava êle sentado ao seu lado com olhos fixos no seu rosto admirando-a como se fôsse uma imagem. Ela era o talismã do lar.

Maria Clara estava agitada, olhava o relógio, achava que os ponteiros não se moviam.

Queria que o dia terminasse logo para ela ver o seu dileto Paulo Lemes.

E pensava: — Ê êle... Há de ser o leme da minha vida. Terminou a refeição e foi para o seu quarto, perfu-

mou as roupas internas e externas. Adornou-se com as pérolas que seu pai deu-lhe de presentes e que pertenciam as suas avós. Aquelas jóias eram usadas nas ocasiões excepcionais de grande contentamento. Um aniversário do primeiro filho, um pedido de casamento vantajoso! Ou então o primeiro encontro com o homem amado. Enquanto preparava, pensava: — A minha mãe considerava tanto o meu pai! Qual será o valor do homem na vida de uma mulher?

Porisso quando Maria Clara surgiu na sala o coronel respirou aliviado. As pérolas eram símbolo da alegria. Maria Clara tocou piano e cantou.

— Meu Deus! A minha filha está cantando! Ela toca e canta... que bonita voz! Qualidades que eu desconhecia ou então ela deve estar muito alegre! Os pais deviam ser telepáticos para saber o que pensam os filhos! O que será que está se passando meu Deus?

Maria Clara foi até a janela, permaneceu uns minutos, depois saiu para o terraço, desceu os degraus e parou no portão. E ergueu os olhos ao céu para agradecer a Deus que enviou-lhe um namorado e certificar-se se não ia cho-ver. Pediu a Deus para não enviar chuvas, para não impedir-lhe de sentar-se ao lado de Paulo, que era o hóspede de honra de seu pensamento.

Divagava no dia anterior quando êle surgiu.

Reclinou a cabeça nas grades do portão. Através das venezianas quatro olhos amigos lhe observava. Os olhos de seus pais.

Ficou radiante quando Paulo surgiu.

Foi a primeira vez que o coronel achou lindo o sorriso de sua filha. Era um sorriso de sua...filha...um sorriso de contentamento. Fitou Paulo longamente e pensou: "Ah! E êste o motivo! Antes isso, eu pensava que ela estava

ficando louca. Os pensamentos invadiram o cérebro do coronel. Quem será êste homem? Será realmente um homem dinâmico e arrojado? Ou será um homem no físico e irresoluto nas ações? A minha filha há de casar-se com um homem enérgico."

Maria Clara e Paulo foram para o jardim.

— Como passaste o dia?

— Pensando em ti! foi a resposta rápida e sincera de Maria Clara.

— Obrigado. Um homem sempre fica contente quando ocupa o lugar proeminente no cérebro de uma mulher.

— Você foi a missa?

— Fui... E rezei pedindo a Deus para auxiliar-te.

— Agradeço-te porque você é a primeira mulher que reza para mim. Deus há de ouvir tuas orações porque você é um anjo falando com anjos.

— Mas as mães rezam para os filhos. A tua mãe há de rezar por você.

Paulo deu um suspiro tão triste que deixou Maria Clara condóida.

— Eu não conheci minha mãe!

— Oh! que pena... Lamento e aceite o meus pêsames. Eu graças a Deus tenho pai e mãe! Por isso sou feliz. E agora tive a ventura de conhecer-te. Passei o dia rezando, pedindo a Deus para a noite surgir e ver-te novamente. Foi o dia mais longo para mim. Chegaram ao jardim. Dois senhores estavam sentados no banco.

— Vamos noutro banco, deixemo-los em paz.

— Não, eu quero sentar-me no mesmo lugar.

Paulo não apreciava os debates, calou-se. Maria Clara aproximou-se e disse-lhe:

— Eu quero sentar-me neste banco.

Eles olharam. Era a filha do coronel, levantaram e saíram do jardim.

Paulo ficou admirado.

— Como êles te obedecem? As mulheres a quem os homens obedecem ficam petulantes e deixam de ser mulher. É bonito a mulher meiga e amável.

— Pretendo ser amável com você, sorriu Maria Clara fitando-o.

— Você parece uma ditadora, pois eu esperava uma discussão. Eu sendo um cavalheiro tinha que defender-te. Eu ia lutar com dois homens. As vezes a luta com um homem já é funesta e ter que enfrentar uma dupla, não sei se ia levar vantagem ou desvantagem porque eu nunca lutei.

— Êles são empregados de meu pai. Tomam conta dos armazens.

Paulo meneou a cabeça e disse-lhe:

— Ah! Compreendo... Êles têm filhos...

— E um dêles tem um que é afiliado de papai.

— Quem tem filhos aprende a tolerar e a usar o senso, são poderados e se tem razão, não dão alteração. Todo homem tem o dever de ser educado, mas se casa e tem filhos, os filhos reeduca o casal. Um pai de família é um afônico.

Paulo parou de falar e ficou pensando. Maria Clara ficou constrangida.

Ela não sabia que os homens gostam de ser obedecidos...

A temperatura amena e a lua surgiu com seus reflexos prateados e enviava uma luz opaca na extremidade do banco em que Paulo estava sentado.

— Amanhã vou partir! falou Paulo quebrando o silêncio.

— Oh! exclamou Maria Clara. Seu corpo tremeu várias vezes, parecia que estava a mercê de um vento impetuoso e supôs que ia desfalecer.

Uniu-se mais ao lado. Recebeu a notícia como uma seta retalhando-lhe o coração. Ela que há longos anos sonhava encontrar um namorado agora ia perdê-lo.

— Porque você quer partir?

— Porque não sou daqui e tenho os meus negócios lá em São Paulo.

— Posso saber do que se trata?

— Pode, como não, respondeu Paulo delicadamente. É que eu deposito dinheiro no Banco Francês e o mesmo não tem filiais no interior. Só nas capitais. E eu estou com pouco dinheiro.

Maria Clara ouviu em silêncio e disse-lhe:

— Se é questão de dinheiro eu posso resolver. E você poderá ficar mais uns dias. A tua companhia agrada-me. Para que possamos revelar a nossa sapiência, é preciso encontrar outra pessoa com igual compreensão. Você é doutor, há de ser um companheiro magnífico.

— E você tem dinheiro disponível que possa empregar-me?

— Eu tenho a minha mesada que o papai me dá todos os meses. Mas, não gasto porque não saio de casa. Não viajo. Não tomo parte nas festas porque permaneço mais tempo na fazenda do que na cidade. A casa é bonita mas eu não gosto de viver nos prados. A única distração é o gorgoejo das aves.

— Querida Maria...: feliz aquêle que tiver uma casa, em qualquer lugar do mundo. Sendo assim eu aceito porque...

Ele parou de falar.

— O que foi Dr. Paulo? Cita-me o que te aflige?

— Você mesclou-se na minha vida. E eu não admito que você sofra por minha causa os aborrecimentos. Ei de deixar-te em paz. Se o teu pai souber que você me dá dinheiro, há de prender-me dizendo que estou prevalecendo da tua inocência. Que sou um oportunista. E um homem desclassificado encontra muitas dificuldades para viver neste mundo, pelo que vi aqui nesta cidade até as pedras curvam-se aos teus desejos já que você quer favorecer-me, desde já os meus agradecimentos.

— E você permanecerá aqui mais uns dias.

— Está bem minha querida, para te ser agradável, eu fico, concordo Paulo, acariciando as mãozinhas de Maria Clara.

Aquela frase "querida" foi alojar-se diretamente no seu coração. Ela não podia perder aquele homem que lhe dizia tudo que ela queria ouvir, pensava: "Este homem veio do céu!" Amanhã eu lhe dou o dinheiro e vamos passear! Subiremos num trem e descenderemos no outro vagão que desce as cinco horas para divertir-se.

— Quando termina tuas férias?

— Demora uns dias.

— Você não deseja trabalhar por conta própria?

— Desejo. Mas não posso manter um gabinete, já expliquei ontem.

— Eu lhe empresto o dinheiro.

Paulo sorriu e perguntou-lhe:

— Você é muito boa para mim. Reza por mim e me empresta dinheiro! Há de ser muito feliz quem tiver a ventura de ser teu espóso.

— Por que não há de ser você? Ou eu não sou o tipo predileto?

Paulo ficou pensativo.

— Amanhã você me espera na estação à uma hora. Vou levar doces e frutas para você. Está bem?

— Está bem, querida.

— O meu nome é Maria Clara Fagundes, mas você crismou-me de querida.

Sorriram.

Paulo já sabia que Maria Clara era filha do Coronel. E que ele tinha jagunço. Mas a pequena estava gostando dele e ninguém rejeita o afeto de uma menina rica. Resolveu despedir-se antes das dez horas.

As nove e quarenta e cinco minutos Maria Clara entrou dentro de sua casa. Dna. Virgínia estava sentada fazendo tricô.

— Quem é aquele homem?

Perguntou Dna. Virgínia, enérgica e disposta a pôr um ponto final naqueles encontros.

— É de São Paulo! E quem é de São Paulo é importante! Quem nasce em São Paulo por força tem que ser um homem culto porque é uma cidade industrial. É um núcleo em que as pessoas vão crescendo e emancipando-se.

— Que profissão exerce este homem?

Perguntou o coronel que estava com o jornal aberto mas prestava atenção nas palavras de Maria Clara.

— É dentista. Disse-me que estava saturado dos bulícios da cidade. Que a vida na Capital é muito agitada. Aproveitou as férias para conhecer o interior.

Dna. Virgínia deu suspiro e disse-lhe:

— Eu não simpatizo com aquele homem.

— Oh! Mãe! Pois eu sinto não poder dizer-lhe o mesmo, retrucou Maria Clara resoluta.

— Minha filha, imploro-lhe. Afaste-se daquele homem. Não quero que fale com ele!

— É impossível, mãe. A nossa amizade é indissolúvel.

Dna. Virgínia reuniu suas energias e disse-lhe, advertindo-lhe:

— Lembre-se que nós temos possibilidades para desfazermos dele num segundo.

— E eu também tenho possibilidades para eliminar a minha vida num segundo, posso atirar-me debaixo de um trem, retrucou Maria Clara, com decisão na voz.

O Coronel dobrou o jornal, ergueu a cabeça e fitou o teto. Aquêle diálogo não estava lhe agradando.

Maria Clara reclinou-se no seu quarto. Ela que sempre sonhava com estes momentos. Ter um homem só para ela! Receber suas carícias, compartilhar de suas agruras e de seus triunfos. Estava disposta a lutar. Fazer o possível para não perdê-lo.

Abriu a gaveta da escrivaninha, retirou os cinquenta mil cruzeiros e guardou-os na bolsa. Deitou-se, mas estava tão nervosa que teve a impressão de estar deitada numa fôrma. O seu coração estava acelerado preparando-se para receber o Dr. Paulo Lemes. Por que será que sua mãe interferia? Era a primeira rusga na família. Não queria inimizá-lo com seus pais, por gratidão moral os filhos devem considerar seus progenitores. Não queria ser considerada filha rebelde. Mas os beijos de Paulo dominou-lhe a razão. Passou a noite pensando.

Aquela intranquilidade interior impediu-lhe o sono. Quando o sol surgiu com seus raios coloridos galgando o cimo celeste Maria Clara estava no seu quarto preparando-se para sair com o seu ídolo. Dirigiu-se à cozinha. Fêz bôlo, café com leite e pôs na garrafa térmica, garfos de sobremesa, refrescos e pôs dentro de uma sacola, pensando: "Agora eu vou me casar. É necessário ir habitando-me a trabalhar na cozinha."

Estava fatigada. Quando Dna. Virgínia levantou-se ficou horrorizada com aquêle reboliço na cozinha. Aquêles acontecimentos inesperados a abalara profundamente. Ela prescentia que sua filha não ia ser feliz com aquela união.

O coronel estava preocupado, ia enviar seu advogado à São Paulo para tirar informações de Paulo. Queria encará-lo para pedir-lhe seu endereço. Já havia percorrido as pensões, os hotéis, e em nenhum estava hospedado o Dr. de São Paulo.

— Se ele fôr um homem decente, hei de acatá-lo. Pedir para namorar a minha filha dentro de casa. Mas se fôr um malandro, vou mandar prendê-lo e dar-lhe borrachadas até ele desmaiar. Queria saber se ele era formado e se exercia a sua profissão.

O coronel não considerava os desconhecidos. E a sua filha conversando com um desconhecido no jardim, ia dar margem aos comentários desairosos.

A uma hora Maria Clara saiu com uma sacola azul na mão. Ia de chapéu, luvas e bolsa azul. E um casaco de linho. Através da janela, Dna. Virgínia olhava sua filha distanciando-se. Chamou um taxi e ordenou ao motorista que a seguisse. O motorista estava nervoso porque não gostava de trabalhar para o Cel. O seu ódio ia avultando-se. Mas ele não comentava com ninguém porque tinha receio. Ninguém gostava do Cel. Mas não faltava

quem não bajulasse o Cel. Ele era um homem que não tolerava as falhas dos homens. As ordens do Cel. eram ordens que deviam ser executadas. Ele era um homem que falava uma só vez. Ele e Maria Clara chegaram juntos a estação.

Maria Clara desceu sorridente e foi sentar-se ao lado de Paulo.

— Boa tarde Dr. Paulo.

— Boa tarde Dona Maria Clara.

Ela sorriu-lhe e perguntou-lhe: — Como vai?

— Bem. Porque tive a ventura de conhecer-te.

— Oh! Paulo. Como você é amável.

— E pretendo ser sempre assim. Você é minha estrêla d'alva.

Maria Clara dirigiu-se a bilheteria. Paulo não impediu.

Recebeu os bilhetes e dirigiu-se sorrindo e disse-lhe:

— Aqui está a tua passagem. É de primeira classe. Foi eu quem convidou, as despesas correm por minha conta.

Paulo recebeu as passagens e abriu bem os olhos em sinal de contentamento. Maria Clara retirou o envelope da bolsa e entregou-lhe. Disse-lhe: — Aqui está o dinheiro que prometi. Como vê, eu tenho noção de palavra: sou a Maria Clara Fagundes. Os que confiam nos Fagundes não sofrem. Nós não decepçionamos.

Paulo bateu palmas e aplaudiu-a:

— Muito bem. Você é ótima oradora. Fêz um bonito discurso. Você é uma Fagundes bajulando os Fagundes. Aliás, ninguém maliz a sua genealogia. Sorriam. O monstro de aço foi se aproximando. Eles entraram e acomodaram-se. O trem apitou e singrou-se. O éco estridente eceu-se no espaço. Paulo estava emocionado e curioso. Queria ver a quantia que a sua pródiga namorada lhe dera. Pediu licença e foi ao lavatório. Quando viu as

cédulas de mil cruzeiros, ficou petrificado. Tinha a impressão que estava sonhando, começou a pensar no terno de linho, um par de spatos e um relógio de pulso. Ele não podia perder aquela jovem arqui-milionária e ingênuu... Voltou-se para junto dela e foram saboreando as gostosas guloseimas. Foram falando de música, poesia e pinturas. Maria Clara convidou-o para ouvi-la tocar piano. Ouvira embevecida tudo que Paulo dizia.

O motorista voltou rápido como a eletricidade nos fios, foi entrando pela casa dentro sem tocar a campainha, citou que Maria Clara viajara na companhia de um estranho.

Dona Virgínia congelou-se. Ela que pensava que ia passar pela vida sem provar o cálice da amargura! Estava enganada. Ela era muito rica, e adotou as manias dos ricos, que confiam muito no dinheiro e querem viver como fenômenos. Mas ninguém passa sem sofrer. Telefonou para o escritório e avisou o Cel. O Cel. chegou em casa amarelo como manteiga deteriorada, tremendo como se estivesse com maleita.

— Ela fugiu!

Dona Virgínia começou a chorar.

O Cel., vendo D. Virgínia chorar disse-lhe: — Aborrecimento de lágrimas são hóspedes indesejáveis. São visitas que não agradam. O Cel. disse ao motorista:

— Explica-me tudo. E fala alto, porque quando fico Nervoso não escuto bem.

O motorista falava e o Cel. andava de um lado para outro. O motorista explicava tudo rapidamente porque o seu desejo era sair daquela casa, porque aquela casa lhe dava mal estar.

— É, deve ser algum "gangster". Raptou-a. Com certeza tirou informações, soube que sou rico, há de exigir muito dinheiro pelo resgate. Ele estava armado?

— Não notei senhor Coronel.

O Coronel parou de andar e olhou o relógio de pulso dizendo: — Vamos até a estação.

Entraram no carro e partiram. O carro não corria, parecia que avoava no espaço. Quando chegaram na estação, o Coronel deu ordem ao chefe para mandar parar o trem até segunda ordem. O chefe ficou nervoso e disse-lhe:

— Mas Coronel!

O Coronel exaltou-se, pois estava habituado a falar e ser obedecido: — Vim ao mundo para dar ordens, não vim recebê-las.

Foram estas as palavras enérgicas do Coronel e então o chefe olhou o relógio: a esta hora, o trem já percorreria mais de cem quilômetros. O Coronel dava ordens com tanta energia que os empregados ficavam atemorizados. Quem é que ia desobedecer um homem daquela fibra?

— Vamos a delegacia. Você e o delegado vão buscar a minha filha! Eu levo dois minutos para esquentar e cem para esfriar. Eu sou um homem que vim ao mundo para mandar nos homens.

O Coronel estava esfregando as mãos como se estas lhe encomodassem.

O motorista estava nervoso e arrependido de não ter arranjado outra profissão, pois não tolerava a presença do Coronel. Deus devia selecionar as pessoas para enviá-las ao mundo. Infelizmente são os prepotentes que se tornam Coroneis.

Chegaram a delegacia. O delegado assustou-se quando ouviu a voz estridente do Coronel, coçando a cabeça e pensando:

Vamos ter confusões porque o Coronel não era homem que se preocupasse com futilidades.

— Boa tarde Senhor Coronel. O que deseja?

— Venho dizer-te que deve buscar minha filha e o cavalheiro que a acompanha.

Em um minuto a notícia circulou, que Maria Clara havia fugido com um homem desconhecido e que o delegado foi buscá-la.

A cidade agitou-se. Os comentários eram os mais variados. Se fôsse filha de pobre vinha algemada, mas é filha do Coronel... Os amigos condoíam-se. Os inimigos sorriam dizendo: "chegou sua vez de pagar o mal que nos fez". Os viajantes ficaram nervosos com a interrupção da viagem, mas Paulo e Maria Clara desceram e foram tomar um refresco. Estavam tão contentes que não notaram as reclamações dos companheiros de viagem. O delegado chegou e iniciou a busca nos carros. Encontrando-os, deu-lhes voz de prisão. Paulo quis protestar, mas o delegado disse que era ordem do Coronel.

— O senhor deve apenas obedecer-me, eu recebo ordens e obedeço, e quando dou ordens quero ser obedecido.

O trem seguiu. Paulo e Maria Clara entraram no automóvel e ficaram descontentes porque idealizaram a viagem de um jeito e ela ocorreu-se de outro.

Maria Clara ficou admirada quando chegaram em casa e encontraram um verdadeiro pandemônio. Pensou consigo, com olhar estasiado: — Que confusão, meu Deus! — Em pouco tempo chegou o padre e o juiz.

Maria Clara olhou Paulo, que havia ficado parado na porta indeciso e trêmulo, ladeado pelo delegado, até que o Coronel aceverou: — vão entrando!, e a voz enérgica avolumou-se dentro do cérebro de Paulo.

O delegado alterou sua voz e disse mansamente:

— Senhor Coronel, aqui está o homem!

— Ele não anda armado?

— Não.

O Coronel examinava Paulo de todos os ângulos como se estivesse examinando um objeto antes de comprá-lo. Paulo sentia as pernas tremer e um calafrio a percorrer-lhe o corpo. Depois sentiu frio. Tinha a impressão que estava dentro de uma geladeira ou um "iceberg". Outrora tinha a impressão que estava dentro de um forno de uma padaria.

— Muito obrigado, disse o Coronel. Falaremos depois. Vou pedir ao Prefeito, senhor delegado, para aumentar o teu soldo.

Paulo pensou: — Que homem que fala com decisão e ninguém duvida.

O Coronel continuou a falar: — E você motorista, o meu reconhecimento. Você hoje foi utilíssimo. Enquanto eu viver, você estará livre dos impostos e das multas, mas não prevelessa porque não pretendo anular a minha promessa.

O motorista ficou tão contente que alterou a voz: — Muito obrigado Coronel. — Até o padre assustou-se. E o motorista saiu pensando: — Que homem bom, meu Deus!

A voz enérgica do Coronel deixava Paulo inquieto interiormente. Ergueu os olhos e enfrentou o olhar rígido que o Coronel lhe dirigia. O Coronel perguntou-lhe com ironia:

— Quer dizer que o senhor é de São Paulo? E resolveu vir ao interior demonstrar suas proezas e perturbar minha tranquilidade. A minha filha disse-me que o senhor é um dentista, que é um doutor. Mas a tua atitude prova o contrário. Um doutor não rapta minha filha.

Maria Clara interferiu:

— Mas papai, nós não fugimos. Iam apenas dar

um passeio. Subir num trem e descer no outro. Fui eu que convidei. Sou maior e quero ter o direito de fazer o que desejo. Creio que posso dispor de minha vontade. Ele é um grande homem e um homem de São Paulo.

— Maria Clara! Advertiu o coronel asperamente. Quando estou falando com um diamante não admito a interferência de vidro laminado. Quem faz as leis na minha casa sou eu! A senhorita só se emancipará quando casar-se.

E dirigindo a Paulo:

— O senhor veio perturbar a paz no meu lar! E comprometeu o nome de minha filha! A minha vontade é de acertarmos êste negócio de outra forma. Por mim eu te quebraria os ossos até que coubesses dentro de uma caixa de fósforos e o senhor não perturbava mais ninguém neste mundo!

Paulo engulia tudo e tinha a impressão que o seu coração aumentava dentro de seu peito.

— Pois bem, continuou o Coronel, o senhor vai casar com minha filha, vai ser genro do Coronel Pedro Fagundes. Espero que o senhor não vá dissipar a fortuna de minha filha. Não sou avaro, sou limitado e prudente. Fêz uma pequena pausa e prosseguiu:

— O senhor disse que é dentista. Eu só admiro o homem de u'a palavra. Dizem que sou descendente de cobra porque não gosto dos transviados, êsses só arranjam complicações. Bem, o senhor que é doutor, é um homem esclarecido. O núcleo que o senhor frequenta é um núcleo seleta e culto. Um homem para casar-se com minha filha deve ter belas qualidades. E o senhor pode transferir-se aqui para o interior porque eu não vou admitir que o senhor leve minha filha para São Paulo. E desde já esta casa estará a seu dispor.

Paulo ficou ouvindo o coronel falar e apreensivo com o roteiro que a sua vida tomava em poucos segundos.

O coronel vendo-o pensativo e resignado perguntou-lhe:

— O senhor é afônico?

Paulo decidiu falar para certificar-se se a sua voz ainda existia, porque o coronel lhe atemorizava.

— Eu estava disposto a me casar com ela. Não previa estas ocorrências. O que é precipitado não é certo.

— Isto eu sei. O pior de tudo isto é que nós não lhe conhecemos. Não sei se você é um homem porque há milhares de homens que são homens no físico e verdadeiros biltres. Há certos tipos de homens piores que as meretrizes. E há os mentirosos. O mentiroso não tem noção de prever o que a mentira acarreta. Eu classifico a mentira como um furacão. Eu deixo de falar com um homem mentiroso.

— Da-me licença de falar senhor Coronel?

— Pois não, Doutor Paulo.

— É que eu pretendia falar com o senhor.

— Eis uma coisa que eu não gosto. Detesto e fico furioso. Na primeira oportunidade, o senhor devia vir falar. Os que ficam transferindo o que pretendem fazer não triunfam. A vida é feita para um fim, tem que exercer aquela finalidade. Veja um foguete e o seu engenho, é para explodir no ar, eles explodem no ar. Mas é tolice eu estar perdendo tempo dando-lhe lições porque o senhor é de São Paulo e os paulistas são dinâmicos. O homem que nasceu em São Paulo não precisa mendigar, pode estudar e aprender um ofício. O homem que vadia em São Paulo não é um homem, é um semi-homem.

O escrivão, o padre e o juiz estavam impacientes com o discurso tão confuso do Coronel. Mas era uma gamolo-

gia oportuna. Todos demonstravam calma na presença do Coronel, o homem que predominava: — Vamos realizar a cerimônia!

“Eu sempre pensei neste momento mas noutra forma, como uma festa inesquecível e um níveo véu”, pensava Maria Clara.

— Quando terminou a cerimônia, Paulo impediu o Coronel de pagar. Deixe que eu pago, Senhor Coronel. — E retirou a carteira com duas cédulas de mil cruzeiros...

O Coronel observa o gesto de Paulo. Disse-lhe: — Você está demonstrando que não é um tipo desprezível porque tem dinheiro para gastar nas horas difíceis da nossa vida.

Dona Virgínia chorava ininterruptamente e lamentava: — Eu casei minha filha com um homem desconhecido. É isto que me preocupa. Para mim é um espectro, tenho um pressentimento que ela vai sofrer muito.

Maria Clara sorria: — Não se aflija, mamãe, o Paulo é um santo e eu hei de ser uma felizardã.

— Assim espero, advertiu o Coronel, porque se ela sofrer... eu tenho que interferir na sua vida. E eu não quero. Espero que o meu genro, o Sr. Paulo Lemes, tenha noção dos seus deveres. Enquanto eu viver hei de ser a sua sombra.

As promessas do Coronel deixavam Paulo pálido como se estivesse enfêrmo. Tinha a impressão que era uma gota de orvalho absorvida pelos raios solares.

O escrivão, o juiz, e o vigário despediram-se. O Coronel acompanhou-os até o portão. Os curiosos aglomeraram-se na rua, em frente a casa do Coronel para ver o que se passava. Dava a impressão que todo pessoal da cidade estava em frente a casa do Coronel. Mas quando o povo viu o Coronel surgir no terraço, debandaram-se.

Que pânico uns empurrando os outros! Cinco minutos depois a praça ficou deserta e o jardim ficou deturpado: as roseiras quebradas, pedaços de seda depenclurados nos galhos das árvores, sapatos e brincos e contas de colares espalhados. Com aquela correria até o padre achou graça e todos sorriam menos o Coronel, um homem que ninguém sabia se estava alegre ou triste.

— Obrigado, senhor escrivão.

— Obrigado, senhor vigário. Quando precisar de mim, estou as ordens. Eu não tenho por hábito pagar o que devo com ingratidão.

O Coronel entrou, viu Paulo beijando sua filha e a tempo de ouvi-lo:

— Vai preparar suas roupas porque hoje mesmo vamos para São Paulo. Mas leve tudo que é teu. Você promete ser boazinha para mim, obedecer todos os meus desejos?

— Prometo, meu ilustre espóso.

Maria Clara estava radiante. Os seus sonhos de longos anos realizou-se, não mais invejava as mulheres que passavam de carro ao lado dos esposos. "Quando eu chegar em São Paulo vou comprar um automóvel."

— Quer dizer que o senhor pretende partir para São Paulo!

Paulo sobressaltou-se quando ouviu a voz barítona do Coronel.

— Eu pretendia partir hoje!

— Ah! É mesmo, é o que êle me disse ontem. Eu lhe pedi para ficar, êle obedeceu-me. Se êle quiser partir, o senhor não tem direito de impedi-lo.

O Coronel revoltava com a interferência de Maria Clara. Tolerava porque percebia que ela era inocente. Parou no centro da sala e cruzou os braços.

— O senhor não pode ir deixando minha casa sem mais e nem menos; eu não creio nesta história de Dentista. Amanhã eu vou chamar um dentista para discutir odontologia. Se o senhor provar conhecimentos odontológicos e ficar provado que estudou, aí eu lhe entrego a minha filha. Eu sou como São Tomé, quero ver para crer. Não vou consentir que ela sem experiência da vida vá lhe acompanhar.

— Está bem, senhor Coronel, concordou Paulo com muita calma na voz.

Dona Virgínia serviu o jantar. Paulo estava tão agitado, comia mas não sentia o sabor, tinha impressão que estava mastigando esponja. Como êle sentia-se mal dentro daquela casa. O olhar do Coronel lhe atemorizava. Terminaram a refeição.

Maria Clara convidou-lhe para ouvi-la tocar piano. Paulo ficou tão contente porque queria ficar sozinho com ela. Dirigiram-se para a sala de música, por infelicidade sua o Coronel lhes acompanhou. Paulo estava de pé ouvindo-a tocar.

— O senhor conhece música? perguntou grosseiramente o Coronel.

— Não senhor, apenas os nomes dos grandes músicos do passado.

O Coronel acendeu o charuto e acompanhou com o olhar a fumaça que subiu para o teto.

— Você disse que é benquista, e um dentista é um intelectual e um intelectual conhece de tudo um pouco e você não conhece nada. Para mim você é um João sem direção na vida, um andarilho.

O Coronel continuou a inquiri-lo sempre grosseiramente como era seu costume: — O senhor serviu o exército?

— Não senhor, fui dispensado. Tenho certificado de segunda categoria.

Paulo estava nervoso com os interrogatórios do coronel.

— Então, você foi dispensado?

— Fui, sim senhor.

— Bem, isto é coisa que hei de saber porque eu agora quero saber até quem foi a tua parteira. Quero saber se o senhor veio ao mundo normal ou se foi cesariana.

Maria Clara parou de tocar, perguntou sorrindo:

— Que tal, gostou Paulo?

Você toca admiravelmente bem. E meus parabéns!

— O teu elogio envaidece-me e estimula-me a tocar melhor. Hoje eu estou tocando para você. É o meu presente de núpcias.

Paulo sorriu e agradeceu-lhe novamente.

— Obrigado pela deferência, já que você está tocando para mim.

— Quero uma casa bem bonita. Quando estivermos na nossa casinha hei de tocar todas as noites para você. Ouviu, meu ilustre espôso?

— Ouvi, Dna. Maria Clara Fagundes Lemes.

Maria Clara sorriu dizendo:

— Até eu habituar com este Lemes no meu nome vou estranhar um pouco.

— Com o decorrer dos tempos, você há de habituar-se, porque a vida é uma coisa que vai modificando-se, respondeu Paulo, com a voz mais triste que já se viu num ente humano.

O coronel, jogando a fumaça do charuto para cima, interrompe o casal com o seu entrar barulhento.

— Eu também vou com vocês para São Paulo, preciso ver se este homem tem possibilidades para proporcionar-lhe o conforto de que você está habituada. A minha filha não

conhece preocupações. Eu sempre fui o cérebro pensante na minha casa.

Enquanto o coronel falava, Paulo fitava o solo pensativo. Maria Clara fechou o piano e convidou Paulo para ir ver a casa.

— Vou mostrar-lhe todas dependências.

O coronel com voz forte impediu-lhe.

— Hoje não! Só depois que ele provar que é dentista. Vou mandar o meu advogado, em São Paulo, averiguar que espécie de homem é o senhor, sua categoria social. Não posso dar liberdade a um estranho na minha casa. Não sei se ele é um ladrão!

O ambiente ficou carregado e silencioso e então o coronel prosseguiu com mais calma:

— Se ele for um bom elemento, aí sim, vou tratá-lo com desvelo e com as devidas honras. Vou apresentá-lo ao prefeito. O senhor tem liberdade de andar nesta sala e no teu quarto.

— Mas papai, ele agora é da família!

— Não defenda-o. Nem você, nem eu, conhecemos este homem. Minha filha, este homem é de São Paulo, uma cidade grande. E lá existe homens que tem aparença de santo e são verdadeiros demônios. São as pragas das grandes cidades. É contra os desconhecidos que devemos precaver-nos.

O coronel retirou um cigarro da cigarreira e ofereceu-lhe.

— Eu não fumo, senhor coronel. Muito obrigado.

— Eu sempre desejei para a minha filha um tipo que não cultivasse vícios, porque um vício atrai o outro.

— Você não bebe? O bêbedo é péssimo espôso. Não dá conforto moral, não dá conforto físico à sua família. E

não prospera. A esposa do ébrio não lhe tem amor. Se tolera-o é por formalidades. Eu vou buscar um cafezinho. Paulo se viu aliviado quando viu o coronel desaparecer no interior da casa.

Paulo se viu a sós com a sua linda esposa. Correu para junto dela e beijou-a carinhosamente. As faces e os lábios rubros. — Maria! Minha dileta Maria. Quero-lhe tanto! Vamos para o nosso quarto. O teu pai não tem o direito de interferir-se na nossa vida. Você pertence-me!

— E há de ser sempre meu marido Paulo.

— Oh! minha sublime MARIA! Quando penso que ele há de querer nos separar fico alucinado.

Maria Clara acariciava o lindo rosto de Paulo Lemes. E estava tão contente porque ele lhe pertencia. Disse-lhe:

— Juro-lhe que não hei de deixar-lhe por nada neste mundo. Você há de ocupar o primeiro lugar nas minhas preferências. Todas mulheres adoram os esposos. Eu pretendo adorar-te. Se você sofrer hei de sofrer ao teu lado.

— Oh! Maria! como hei de agradecer-lhe. Tuas palavras reconforta a minha alma combalida. Teu pai é severo. Ao lado dele eu fico sem ação. O teu pai tem hábitos de escravocrata. Na sua presença eu tenho a impressão que estou vivendo na época da escravidão. Eu não posso e não devo ter sinhô. Eu aqui sou rato nas garras do gato, vamos para um lugar onde ninguém nos ouça. O teu pai pode estar ouvindo.

— O meu quarto. Lá você poderá dizer-me tudo que sente.

Paulo pegou a sua esposa nos braços e galgou as escadas de dois em dois degraus. O seu desejo era ter azas para voar e deixar aquela casa!

— Maria! prepara as tuas malas e vamos embora hoje mesmo!

— Mas Paulo, retrucou Maria, e delicadamente expôs seus planos íntimos...

— Não tenha receio! Papai não lhe fará mal algum, pretendo levar-lhe à nossa fazenda e você há de apreciá-la. É um lugar preferido para a nossa lua de mel. Vamos andar a cavalo, nadar e navegar na barca à vela. Você vai conhecer os colonos de papai. Eles são compadres de papai, você vai ver os cafésais, os canaviais. Temos várias qualidades de orquídeas, você gosta de botânica?

Paulo não respondeu-lhe.

— Temos vacas e um pomar com frutas de todas as qualidades; só vendo que fortuna! o papai exporta as frutas para São Paulo. Você pode ser gerente de papai! Eu tenho roupas e jóias que estão no cofre de papai, precisamos levar uma criada para cuidar da nossa casa, o nosso casamento foi precipitado, mas nossa vida precisa ser organizada com calma.

— Tudo isto é muito bonito, mas eu não posso concordar com você: leve o que está aqui e deixe o que está na fazenda. Depois voltaremos para levar tudo que lhe pertence.

— Oh! Paulo. Não posso! Não devo fazer isto!

— Está bem, já que você não quer acompanhar-me, fique e eu vou sozinho. E você nunca mais há de ver-me!

— Oh! Paulo! Você tem coragem de abandonar-me? ... Quer dizer que o amor do homem é frágil? Não é sólido? Para mim o amor é igual a uma massa que vai condensar até solidificar-se. Já pensou na crítica em torno de meu nome? Vou ficar mal vista aos olhos da sociedade com seus comentários maldosos. A repercussão que

vai ter a tua ausência? Oh! Paulo o homem quando casa deve ser um pilar na vida de uma mulher.

— Está bem, Maria. Você fica. E eu vou-me embora! Aqui dentro desta casa é que não fico! Você aqui tem tudo. E eu não tenho nada. Nem tranquilidade, nem liberdade! Quem é que você prefere... eu, ou teu pai?

— Está claro que é você, meu doce amor!

Maria Clara abriu o guarda-roupa e foi retirando os vestidos. Paulo retirou os cobertores, estendeu no assoalho e foi colocando os vestidos com cabides e tudo. Os lençóis de linho iam amarrotando-se, mesclando-se com os casacos de peles e os sapatos.

— Maria, eu vou sair para arranjar um automóvel. E você não deixa o teu pai entrar aqui. Vae ficar perto de tua mãe. E dentro de uma hora estarei de volta.

Paulo saiu. Maria Clara foi procurar sua mãe. Dona Virgínia estava chorando e ao vê-la disse:

— Minha filha! Os bons casamentos festejam-se com sorrisos e músicas. E os péssimos casamentos com lágrimas e lutos. Oh! Minha filha! porque fizeste isto? Você não estava bem ao lado dos teus pais? Nunca fizemos uma observação porque tínhamos receio de magoar-te. Os teus desejos eram uma ordem para nós. Este homem não me inspira confiança. Eu considero o teu gesto como loucura do momento. Quando você conhecer este homem o teu amor por ele vai arrefecer.

— Ora, mamãe! Eu penso que o homem é um ente humano, que sabe pensar, não pode errar, o pensamento é um guia do homem. E o homem ainda tem o auxílio das palavras. Falando entende-se:.....

— Minha filha, você está desabrochando na vida. Muitas coisas para você é ilusão de ótica. Faz apenas vinte e quatro horas que você ficou conhecendo este homem e



ele já é teu espóso. Foi um fato irrefletido. Nem eu e nem o teu pai não tivemos tempo de intervir. Há certos atos que praticamos sem refletir que nos acompanha e nos prejudica o resto de nossa vida. A gente leva anos para conhecer uma pessoa profundamente, porisso é que eu penso: Quem será êste homem?!

— Não se preocupe, mamãe! O meu coração não me engana. Hei de ser muito feliz com Paulo. — A senhora vai dar-me o piano?

— Êste piano só pertence aos netos. Quando você me der um netinho poderá levá-lo. A mamãe deu-me quando você nasceu. Não sei se continuarei vivendo quando você partir para São Paulo. Êstes aborrecimentos abalou-me profundamente. Minha filha, se você sofrer retorna. Os pais são amigos dos filhos em qualquer circunstâncias. Minha filha, você não conhece o nosso passado: Eu e teu pai já sofremos tanto. Já fomos pobres. E a pior condição no mundo é do homem pobre, que ganha salário para viver.

— Oh! mamãe, mas Paulo não é pobre. Êle é doutor. Êle tem dinheiro no Banco Francês!

— Que tudo isto seja verdade! Exclamou apreensiva, D. Virgínia. Quando você nasceu, o curso de nossa vidas transformou-se, começamos a trabalhar com assiduidade. O teu pai deixou de jogar. Você amadureceu o senso do teu pai. Para mim, você é uma filha bendita. Começamos a economizar e a pensar no teu futuro. Depositamos dinheiro no banco.

Paulo entrou exausto. Perpassou o olhar pela sala. O coronel não estava. Ficou mais tranquilo. Sentou-se na cadeira de balanço do coronel e pensou "como eu seria feliz se pudesse residir aqui. Isto não é casa, é um paraíso". Olhou os ricos quadros que adornavam as paredes. O ri-

quíssimo lustre de cristais, as lindas estátuas de porcelana espalhadas pelos móveis.

Maria Clara e dona Virgínia entraram na sala.

— Eu vou dormir, mamãe. Estou com sono.

Deu um beijo nas faces de sua mãe. Ela estava gelada. Ficou apreensiva. Era a primeira vez que via a sua mãe chorar.

Dona Virgínia e Paulo olharam-se. Um olhar de hostilidades.

O pensamento de Paulo dizia-lhe: Vae embora. Parecia o tic-tac de um relógio. — Se eu ficar aqui, serei tratado como reboitalho!

Dona Virgínia tristemente disse entre soluços:

— Eu também vou dormir, o dia de hoje foi muito agitado, tenho pressentimento que a tranquilidade jamais reinará nesta casa. Faz dois dias que vivemos sobressaltados. Se o senhor não provar que é um dentista, vae passar um grande vexame com o coronel, êle detesta os per-nósticos. Para êle o senhor é um indouto. Nós somos uma família culta. E pretendiamos para a nossa filha um homem culto porque... é horrível a união de um superior com um inferior.

Maria Clara encolerizou-se.

Seu pai e sua mãe diminuam muito o seu espôso. Reconheceu que havia de ser horrível para êle permanecer mesclado com seus parentes. Paulo havia percebido isto e estava explicando o seu desejo de partir naquela noite. Uma pessoa criticada fica neurótica e vai desiludindo-se. E uma pessoa elogiada vai readquirindo confiança em si e prospera; começava admirar o bom senso do seu espôso, tolerando os ditos picantes de seus pais sem revoltar-se.

Dona Virgínia subiu os degraus lentamente. Quando atingiu o tópo parou e fitou o lindo rosto de sua filha. Deu

um suspiro e então entrou no quarto. O coronel estava lendo um jornal.

— Você ainda encontra calma para ler? Perguntou Dona Virgínia com a voz rouca de tanto chorar.

— O que devo fazer? A vida tem dessas coisas. A fatalidade vem inesperadamente. Enquanto leio desvio do meu pensamento esta tragédia.

Paulo estava exausto. Fazia o possível para dominar-se; tinha impétos de chorar e bradar ao mesmo tempo. Ocultar-se numa caverna ou labirinto. Êle e Maria Clara subiram e entraram no quarto e segredou:

— A uma hora o motorista estará aqui no portão; você desce e espera-me no carro e eu vou atirando as trouxas de roupas pela janela e o motorista vae colocando-as no carro. Nós vamos para São Paulo, o motorista que vae nos levar não gosta de teu pai. E eu também não posso tolerá-lo. É um homem de educação antiga, tem a mania de dominar, gosta de observar e criticar. Mas não admite críticas e nem observações. Êle classifica-se de homem pautado. Tem a prepotência dos fidalgos; êle prevalece porque tem muito dinheiro e é patente do exército. Mil vêzes ser genro do diabo do que dêste tal de coronel. Se me contive, é porque êle é teu pai. Hei de provar-lhe quanto sou superior. Não pretendo pedir-lhe algo. Êle é um homem rude como o cactus, inconquistável nas palavras.

Paulo andava de um lado para outro.

— Vim solteiro e retorno-me casado, confesso que não aprecio êste gênero de aventura.

Desfez uma trouxa e retirou um casaco de peles.

— A noite está muito fria, você precisa agasalhar-se. Maria Clara vestiu o casaco sorrindo e pensando:

"— Oh! Que espôso modelo. Tem cuidado comigo". Pegou o rosto de Paulo nas mãos e beijou-o várias vezes demonstrando um prazer imenso. Ele olhava o relógio impaciente. "— Se eu estivesse na prisão estaria mais tranquilo do que aqui nesta casa". A meia noite, Paulo abriu a janela, antes tendo o cuidado de apagar a luz.

O carro já estava a seu dispor. Disse — "não faz ruídos para não despertar o seu pai. E entra no carro".

Amarrou as trouxas na corda que havia retirado do bábú e deixou-as deslizar pela janela. Paulo respirou aliviado quando desceu a última trouxa. Depois desceu os degraus lentamente. Quando o carro partiu ele respirou calmamente e pensou: "— Tenho a impressão de que estou retirando o meu pescoço da fôrca. Graças a Deus! Livre-me do inferno." Passou o braço em torno da cintura de Maria Clara e disse-lhe:

— Agora você é minha! Quero passar o resto da minha vida a teu lado. Só a morte há de nos arrebatam um dos braços do outro.

O motorista corria a toda velocidade. Não tinha um carro na estrada, o trânsito estava livre. Maria Clara reclinou-se no ombro de Paulo. Sentia-se feliz igual uma rainha no dia de sua coroação.

No outro dia, eram onze horas, Dna. Virgínia estava impaciente. Maria Clara não descia para tomar café. O coronel acabava de chegar com o dentista. Perguntou-lhe:

— Como é, o meu genro já levantou-se? Preciso esclarecer tudo isto. Se ele fôr dentista vou tratá-lo com frases de veludo. Ele há de tornar-se meu sócio, já estou senil, preciso de um sucessor.

— Vai despertá-lo. O dentista não pode esperar.

Dna. Virgínia subiu os degraus aborrecida. Pretendia casar sua filha com um homem formado e dinâmico. Visava

um advogado ou um engenheiro. Um homem de personalidade. Bateu na porta várias vezes. Não obteve resposta. Girou o trinco e abriu a porta. Deu um grito e caiu no assoalho. O coronel ouviu o grito da espôsa e galgou os degraus de dois a dois. Quando atingiu o tópo e viu sua espôsa desfalecida no assoalho, ficou nervoso e agitado. Ergueu-a nos braços e deitou-a na cama de Maria Clara. Perpassou o olhar nos móveis: As gavetas abertas e vazias. Começou a pensar nas noites de vigília ao lado de Maria Clara quando adoceceu. As orações que dirigiu a Santo Antonio para prolongar a sua existência. As esmolas que distribuiu aos pobres para pagar as promessas, o seu sonho de pai. Ver a sua filha sair toda de branco com um longo véu nívio, igual as nuvens que vagueiam no espaço e num cortejo imenso penetrar na igreja conduzindo sua filha ao altar, toda adornada de flores de laranjeira, espalhando seu odor agradável no recinto. E fazer uma festa que havia de ser comentada por todos.

A mente do homem dita-lhe coisas bonitas. Sonhos deslumbrantes. Mas a realidade é a seta. É o dardo. É rústica igual ao cactus. Há certos acontecimentos na vida que nos roubam o prazer de viver. E àquela casa sem sua filha era pior que um deserto.

Fitou sua espôsa inerte. Ela podia não resistir o choque... e sucumbir. E com aquele pressentimento foi meditando. Desceu e despediu o dentista: — Não mais preciso do teu serviço. — O coronel ficou parado, imóvel no centro da sala. Aquêle silêncio começou a inervá-lo. Subiu novamente. Vasculhou o quarto pensando quem sabe se ela deixou algum bilhete. Por fim desistiu, passou a preocupar-se unicamente com sua espôsa. Chamou um médico e levou-a a um hospital.

Ao meio dia, Maria Clara e Paulo chegaram em São Paulo. Ela fitava a cidade admirando-a:

— Que deslumbramento! Que monumentos empolgantes!

Ao chegar na praça da Sé, Paulo despediu o motorista.

— Que praça maravilhosa!

Paulo disse:

— É aqui que vamos residir.

— Há facilidade para encontrar criada?

Paulo fingia não ouvir as perguntas de sua espôsa.

Tomou outro taxi e colocou as trouxas no porta mala. E mandou tocar para Guarulhos.

Maria Clara quase sufocada com a poeira reclamava:

— Dizem que em São Paulo chove todos os dias. Paulo, para onde vamos?

— Puxa, como você é cacete! Espera e verá.

— Oh! Paulo! Eu não estou habituada com respostas ríspidas.

— Sim. Sim. Dna. Maria Clara Fagundes, eu percebi. No jardim, com aqueles infelizes que estavam sentados no teu banco. Você tem a mesma mania de pretensão do teu pai. Está claro. Filha de cangaceiro aprende a matar. Ficam impiedosos. Você deve estar habituada a dirigir ofensas aos outros. Vocês ricos vivem bajulando-se. Um rico não gosta de inimizar-se com outro rico, mas nós os pobres vocês não consideram. Vocês é quem predominam e selecionam as classes. Só porque podem frequentar os melhores teatros e os pobres vocês classificam de gente humilde... e existe cada quadrúpede rico!

— Oh! Paulo, você magoa-me! Por que é que você disse-me "Maria Clara Fagundes"?

— Porque eu tenho certeza que você não vai ter prazer de usar o meu nome.

Quando o carro chegou em Guarulhos, Paulo indicou o lugar. Desceram numa ruela.

— Que lugar horrível! disse Maria Clara. Dirigiram-se para uma habitação coletiva, Paulo empurrou o portão. A casa era muito velha. Maria Clara acompanhava-o desconfiada. "Que ambiente esquisito". Foram para um quartinho lá nos fundos. No fim do quintal. Maria Clara fitava os varões cheios de roupas, as crianças brincando naquele corredor sujo e mal cimentado. Paulo deu um longo suspiro, reuniu suas forças e disse-lhe:

— É aqui a minha casa.

Quando Maria Clara viu o quartinho, ficou petrificada.

— Meu Deus, então você é pobre? Meu Deus, pobre não presta! Não tem valor.

Não tinha móveis, apenas uma cama de arame. E um colchão sujo e roto. Não tinha assoalho! Apenas uns ladrilhos gastos pelo tempo. Ergueu os olhos para o teto. Não tinha fôrrô. Ficou imóvel, olhou ao redor procurando ao menos um caixote para ela descansar-se porque estava exausta. Não adormeceu na viagem. Era a primeira vez que ela entrava num lugar tão pobre. Desconhecia as classes sociais; não sabia que existia paupérrimos, médios e ricos. Fitou o seu espóso encolerizado. Ela enfrentou o seu olhar.

— Que espécie de homem é você? Então é esta a sua casa?

— É.

— É. Respondeu Paulo observando-a.

— Eu não fico aqui neste quartinho. O galinheiro de papai é mais confortável do que isto aqui. O papai estava com a razão. Ele não te conhece e disse que você não era grande coisa. O homem conhece outro homem. Eu não estou habituada com as preocupações da vida. Vou voltar!

Vou para a casa de papai. Quando eu lá chegar o papai paga a viagem.

— Oh! Maria, não vai pelo amor de Deus! Se o teu pai souber que eu sou um João Ninguém, mata-me. O teu pai tem cem qualidades, noventa e nove de maldades e uma de bondade. Eu vou sair, e compro um guarda-roupa, e um colchão, e uma mesa e umas cadeiras para você. E vamos vivendo, com o tempo a nossa vida há de modificar-se. Que culpa tenho eu de ter nascido pobre? Sei que vocês ricos dão preferência a outros mais ricos. Mas o meu amor por você turbou-me a mente. Maria, eu quero viver dentro de uma casca de noz, mas com você ao meu lado. Abraçou a espôsa, e acariciou seus cabelos sedosos.

— Paulo, mesmo que eu tolerar a vida aqui neste quartinho, quem é que vai cozinhar?

— Você, minha querida.

— Eu não entendo nada de cosinha! Lá em casa nós tínhamos fogão elétrico.

— Aqui vai ser a carvão.

— Você vai compreender que não se pode exigir de quem não tem nada. Eu sou pobre. Um pobre resignado, porque o pobre revoltado pensa em roubar, pensando que assim modificará sua condição de vida. E deturpa a sua vida. Percebo o teu horror à pobreza! A única coisa que posso dar-te em abundância é amor. Sei que você preferiria dinheiro... mas eu não tenho. E o meu amor por você há de medrar-se sempre, se Deus quiser.

Maria Clara prorrompeu-se em pranto. Aquêl pranto copioso deixou Paulo constrangido. Aquêles lamentos irritavam seus nervos.

— Que hei de fazer, meu Deus? Viver dentro de um único quarto, sem conforto, sair de um palácio para residir num estábulo.

— Eu vou sair e volto já minha querida. Fechou a porta a chave.

Maria Clara começou sentir tonturas. Sentou-se na cama, o sono dominou-a.

Quando Paulo chegou ela estava dormindo. Tão linda no meio dos capins que saíam do colchão digno de aposentadoria. Deu-lhe um beijo. Ela abriu os olhos e sentou-se na cama.

— Vou modificar êste quarto e você vai ver como vai ficar bonito; daqui uns dias você estará habituada. Há certas coisas que no início nos horrorisam. Mas depois vamos resignando e conformando. Existem muitas pessoas que vivem assim e são felizes.

— São os que necessitam. Eu não! Foi a resposta enérgica de Maria Clara. Você podia nos dizer que é pobre. Ser pobre não é fenômeno. E o papai nos dava uma casa confortável em qualquer lugar do mundo. Mas você apareceu contando vantagens. Dizendo que é dentista. Agora compreendo a tua apreensão e a razão de tua fuga. Você não é o doutor, temeu o confronto com o dentista.

Bateram na porta, Paulo atendeu.

— Ah é a cama que comprei para você! Éle retirou a cama de arame e armou a cama nova e arrumou a cama com os alvíssimos lençóis de Maria Clara.

— Desfez-as trouxas à procura dos travesseiros e os cobertores de lã.

Maria Clara deitou-se.

— Você deve estar fatigada. Minha querida, meu doce amor. Eu não quero que você adoça. Nós pobres devemos conservar a saúde. Temos que economisar tudo. (Varreu as paredes, e foi comprar pão e leite.)

Quando ele voltou, Maria Clara estava sentada diante do espelho ajustando os cabelos. Paulo deu-lhe leite, ela foi sorvendo-o aos poucos, deglutindo desinteressada.

Paulo passou todos os seus vestidos para o guarda-roupa e disse-lhe: — eu já trabalhei numa tinturaria, os pobres entendem de tudo um pouco. Somos felizes porque não escolhemos serviços. Enfrentamos as contingências da vida com seriedade e resignação. Vocês ricos podem escolher profissão, tem meios, podem estudar. Têm possibilidades de transformar o sonho em realidade.

Quando o ferro esfriava, ele esperava esquentar e assim passou todos os vestidos de Maria Clara e pediu-lhe aprovação. Se estava a seu gosto.

Ela ergueu a cabeça fitando os vestidos, retirou o olhar do guarda-roupa e não disse nada.

— Olha, Maria! Eu não deixei uma ruga! Escovei os casacos de pele.

Os casacos de pele de Maria Clara eram três porque ela não os guardava na fazenda.

— Aqui não tem luz elétrica?

— Tem, mas eu não tinha dinheiro para pagar o depósito e comprar fios para fazer as instalações. Uso querosene.

Maria Clara fitou a fraquíssima luz de querosene e retrucou:

— Eu sempre ouvi dizer que o querosene é prejudicial a saúde.

Paulo ergueu a cabeça: — Eu sempre ouvi dizer isto. Mas não creio. Nem nos ditos que andam de boca em boca, pois há sempre uma dose de inverdade.

— Você é amigo da verdade? — perguntou Maria Clara, com ironia na voz.

Paulo mordeu os lábios e percebeu que havia perdido a força moral com sua esposa. Corou. Não disse nada mais. Ia colocando os objetos nos lugares. Maria Clara permanecia deitada. Estava cansada de tanto chorar, o único jeito era resignar-se com as condições de vida e então começou a pensar no passado. Ela também fora feliz quando estava aos cuidados de sua mãe e de seu pai, como dentro de uma muralha, protegida dos infortúnios da vida. Os ricos deviam permitir o introsamento dos pobres no seu núcleo para que seus filhos não ignorassem os dramas da vida. E os dos pobres.

"Minha mãe, pensava ela, proporcionou-me os mais belos quadros da vida." Sua vida infantil, acrescentava, era a sua melhor recordação. E sonhava em brincar nos prados, construir castelos de areia. E a voz de sua mãe: — Que filha boazinha e bonita. Não lhe encontro defeitos! Eu quero que seja feliz. Quando você casar-se há de ser feliz. — Ela era tão pequena, não sabia o que era. Não devia ser infeliz. Ignorava as reviravoltas da vida. Tudo que a sua mãe lhe disse estava atingindo-a como se fôsse uma profecia. O coração é um oráculo que às vezes define o futuro dos filhos: ela se opôs tenazmente ao seu casamento com Paulo. — Minha filha, este homem, não te fará feliz, tenho muitas dúvidas, parece que já estou vendo as atribulações que você irá passar.

— Que união fatídica!

As vezes a vida infantil é mais ridente. Tudo se transforma quando a gente começa a ter vontade própria. A gente mesma procura sarna para se coçar. "Que bom aquele tempo que a mamãe dirigia-me, como errei não dando crédito as suas palavras."

Mãe não fala banalidades. "Que erro. Venerei o Paulo como se ele fôsse um santo. Uma estrêla caindo do céu..."

Era o tipo do homem que eu idealizava, alto, meigo, bonito. Não procurei saber suas qualidades porque eu pensei que os homens eram todos iguais, superiores e dinâmicos porque os amigos de papai eram todos assim. Por isso não pedi suas credenciais. Quando cheguei em São Paulo é que tomei conhecimento de quem era ele. O meu espôso é apenas um tipo humano. Não tem profissão e não me diz a verdade. Que cruel desilusão.

— Ora, tolinha, todos os namorados gostam de jactar-se perto das namoradas para atraí-las. Eu não sou romântico! Não conservo na mente as frases poéticas que leio, digo o que me vem na cabeça.

— Oh! Paulo! Porque você tinha que dizer que era dentista! Oh! Paulo. Se acatei-te, foi porque pensei que você era formado. E queria dar-me conforto como estou habituada. Fui criada na opulência.

— E eu na indigência, suspirou Paulo tristonho.

— Quem são os teus pais? Que espécie de gente são os meus sogros?

Paulo coçou a cabeça. Aquêles lamentos, aquêles interrogatórios ininterruptos já estavam lhe aborrecendo.

— São uns pobres coitados, dignos de piedade. Minha mãe morreu na Santa Casa. E o meu pai é mendigo, pede esmola. Creio que vou herdar a sua profissão. O que venho observando é que o homem quando fica rico implanta tantas confusões para humanidade! Vocês ainda não obrigam o pobre a escrever o nome em letra de forma com letra maiúscula.

— Você é jovem no físico e velho nas ações.

— Não é assim, Maria Clara. É que o meu pai nasceu sem sorte também como eu.

— Paulo, Paulo, você precisa reagir. Como é que vamos viver?

Paulo acendeu um cigarro e fumou calmamente. Percebia-se que ele não estava preocupado com a angústia que afligia sua linda espôsa.

— Minha vida não me preocupa. Sou igual aos filósofos que vivem indiferentemente, sem preocupações com a vida e suas aflições.

— Oh! Paulo, você decepcionou-me. Como é horrível viver em habitações coletivas!

Paulo fitou a espôsa com seus cabelos revôltos. Bela como a Vênus. Aquela pele nivea e acetinada... Aproximou-se meigamente.

— Você vai aprender a lutar. As mulheres inteligentes não sofrem. Você sabe tocar piano, pode ser artista. Aproveita enquanto você tem roupas.

— Oh! Paulo. Eu não tenho verve. Não sou doutada de bom humor. Não tolero as imposições de um empresário. Não suporto ser resignada e ouvir uma vaia. Você compreende?

— Você não estudou?

— Não. Eu era rica. Estudava com displicência. Eu não esperava por esta vida, nem por esta ecatombe. Eu sempre pensei: sou uma Felizarda. Papai queria que eu estudasse. Como sofre um filho que não obedece o pai! Quando eu lia as histórias de guerra, eu admirava a intrepidez dos heróis. E por isso eu desejava ardentemente ter um homem só para mim. Quando eu ia aos circos e via um homem lutar com a fera e dominá-la, eu pensava: o homem é o óleo do mundo. Agora que estou vivendo ao teu lado é que vejo que você de homem só tem a forma, creio que papai desperdizou-me.

— Isto é que é mau. Eu já contava com o dinheiro do velho, lamentou Paulo tristonho.

— Paulo, você estudou?

— Cursei apenas três meses de grupo escolar.

-- Com três meses de grupo um homem não adquire cultura para conduzir-se na vida. O que aprende é a mentir mesmo.

Maria Clara compreendeu que não podia desanimar-se. Resolveu-se a estimulá-lo.

--- Nós somos jovens. Vamos lutar e unidos venceremos.

Paulo fitou o teto pensativo.

— Em todos os lugares onde vou pedir emprêgo sou preterido. Não mais tenho forças para lutar. Já estou disposto a parar. Já estou descrente de tudo, cansei moralmente e fisicamente. Estou exausto.

Maria Clara olhou as quatro paredes enegrecidas. O ar penetrava pelo teto. Ela sentia frio.

— Eu vou voltar para a casa dos meus pais e pedir perdão. Preciso do apóio moral de meus pais. Depois, interno-me num colégio e vou estudar. Pretendo ser enfermeira. No convento, estudarei o resto da vida e estarei livre para o resto da vida. Consagrarei minha vida à caridade, auxiliando os pobres já que eles tanto sofrem no mundo. E Deus há de ter pena de mim. Deus há de auxiliar-me.

Paulo, concordando, estreitou-a nos braços por instantes e ela olvidou sua preocupação e retribuiu suas carícias. Aquêlê homem dominou-a por completo. Disse-lhe coisas belas e ternas.

— Então a minha ilustre espôsa já está pensando em ir embora e deixar-me para sempre. E recluír-se num convento. Quer deixar-me aos cuidados da saudade que hei de sentir na tua ausência? Ao meu lado, você há de aborrecer-se porque sou inópio. Mas num convento as disciplinas são severas. E se fôres designada para trabalhar

num hospital terás que suportar as importunações dos enfermos. É uma bela carreira, mas será sacrificada. Não terás horas para repouso. Não me deixe! Imploro-lhe, seja rico ou seja pobre, desejo ter uma mulher. Você despertou as glândulas do meu organismo. Aquela apatia que estava dominando-me está dissipando. Primeiro aprendi a amar-lhe, segundo a desejar-lhe só para mim. Tenho ciumes de você. Um sentimento que desconhecia. Queria ser rico para satisfazer-lhe, poupar-lhe as tuas lágrimas. E Paulo continuava: — Evitar êstes lamentos que constrange-me. Vendo-te sofrer, eu soffro também. Ninguém quer perder os entes queridos e eu te quero.

Ela fitava aquêlê homem bonito. Belo porte. E uma alma tão frágil. Começou a recordar-se de seu pai quando dizia algo e imprecionava tanto. E agia. Mas ela não podia mal dizer-se tanto. Ela era a única culpada de sua derrota. Desvencilhou-se dos braços de Paulo. Dirigiu-se ao espêlho. As côres rosadas ausentavam-se do seu rosto. O seu olhar perdeu aquêlê brilho de outrora. O seu aspecto era cadavérico. A aflição que sentia interiormente estava visível. Olhou a Paulo que dormia tranquilamente como se não tivesse responsabilidade alguma. Tinha a impressão que fôra transportada de um mundo para outro. Já estava sentindo grandes saudades de casa. De sua mãe tão amável cada vez que seus olhos se cruzavam e ela lhe enviava um sorriso. Seu pai, quando saia a cavalo pelo bosque e ela acompanhava-o, aspirando o perfume que exala das flores, o zumbido das abelhas a pousar aqui e ali e mais acolá. E, agora, residindo numa cela, pois o quarto era tão pequeno! E ela supunha estar encerrada numa masmorra. O homem que ela, sem refletir, dera sua vida era um inútil. Que grande êrro comete uma mulher que ama um homem só porque êle é bonito! O seu caso era insolucionável.

Deu um longo suspiro e resolveu deixar de pensar. "Não tenho outra alternativa a não ser deixar a minha vida aos cuidados do futuro". Abriu a valise e retirou suas jóias, colocou-as na bolsa e saiu sem pintura. Estava frio, resolveu vestir o casaco de pele. "Vou vender essas jóias, disse consigo mesma, não vou mais usá-las. Quem perde a ilusão não se preocupa em engalanar-se. Andando pelas ruas como autômata, dirigiu-se à casa de máquinas, perguntando pelo gerente. Um empregado conduziu-a ao escritório. Depois dos cumprimentos, ela explicou o que desejava: trocar as jóias por uma máquina de costura.

O gerente examinou as jóias minuciosamente e concluiu: "São autênticas. A senhora pode escolher a máquina e deixar o enderêço que nós lhe enviaremos. Amanhã a senhora retorna para liquidarmos o negócio. Creio que ainda vai sobrar dinheiro para a senhora."

Maria Clara chegou em casa radiante. Convidou os vizinhos para ver a máquina.

As vizinhas examinavam a máquina. Algumas demonstravam inveja. Por intermédio da máquina, iniciou a amizade de Maria Clara com a vizinhança.

— A senhora é do interior?

— Sou, sim senhora. Respondeu com cortesia porque queria saber o motivo da pergunta.

— Eu logo vi que a senhora não era de São Paulo.

— Por acaso as pessoas do interior são diferentes das pessoas de São Paulo? Aquela ironia feriu-a imensamente.

— Porque uma jovem de São Paulo não se casaria com o Paulo Lemes. Todos admiram a grande coragem da senhora casar com um homem que só sabe dormir e lamentar-se. Agora ele está bem, continuou, uma espósa costureira lhe garante o pão de cada dia.

Maria Clara sentiu uma revolta interiormente. Paulo era seu espóso. Não ia admitir que lhe diminuísse. Precisava defendê-lo.

— Agora, êle tem responsabilidades, respondeu Maria Clara resoluta.

As vizinhas ouviam e se estreolhavam.

— Pode ser. Mas eu não creio que êste homem regere-se. Êle vive aqui, mas não paga aluguel e não faz nada, retrucou uma das vizinhas fazendo gestos, enquanto a outra continuou:

— Quem lhe auxília é a tia, dizem que ela é muito rica. Esta vila lhe pertence.

— Êle dormia no albergue, ela ficou com dó e deu isto aqui para êle morar. Não espere nada dêste traste de homem. Êle há de ser um reboque na tua vida. É melhor a senhora ir praticando no corte e costura. Se a senhora não trabalhar há de sofrer muito, (comentário êste feito com escárnio que feriu fundo a pobre Maria Clara). E continuando disse:

— Eu sou mulher e tenho dó das mulheres que sofrem. Se a senhora precisar o meu quarto é o número nove. O meu nome é Dona Maura. Perguntando:

— O que pretende fazer?

— Oh! Não sei. Estou tão confusa, suspirou Maria Clara demonstrando profunda tristeza.

— Agora a senhora tem a máquina; pode pegar roupas de fora para costurar em casa. E não adianta pensar nas contingências da vida. Quanto mais se pensa na vida mais confusa se torna.

Dona Maura circunvagou o olhar pelo quarto pobremente mobiliado e condeou-se de Maria Clara.

— Vocês não têm utensílios domésticos?

— Não, senhora. O Paulo ainda não comprou.

Dona Maura deu um longo suspiro e disse condoída.

— Se a senhora esperar pelo Paulo nunca os terá.

— Ela não crê em nós, exclamou uma voz metálica lá de fora.

A notícia espalhou que o Paulo havia casado com uma bela mulher. Que era a mais bonita da vila.

Dona Ruth olhava o lindo rosto de Maria Clara dizendo-lhe:

— Você podia candidatar-se a miss.

Maria Clara pensou, "porque será que eles não me incluíram nos concursos de beleza na minha terra? Ah! É porque, sou filha... do coronel".

— Você já almoçou? perguntou Dona Maura alisando os cabelos ondulados de Maria Clara. Faz quinze dias que vocês estão aqui e não os vi cosinhar.

— Eu passo a sanduíches.

— Pobre menina! Foi a exclamação sincera de Dona Maura, que não se conformava com a vida desajustada de quem quer que fôsse. Era uma mulher tão nobre. Quando rezava, suas preces eram suplicando a Deus para proteger todos os habitantes do mundo.

— É que nós não temos dinheiro. Paulo disse que vai pedir emprestado.

— Nunca terá porque ninguém lhe empresta, éle deve muito e não paga e, quando cobram, éle exalta.

A reunião se desfez.

Quando Paulo chegou Maria Clara estava suspirando e lamentando aquele casamento.

— Oh! Exclamou Paulo admirado, observando o novo móvel introduzido em seu quarto. Uma máquina? Que beleza! Como conseguiu dinheiro para comprá-la?

— Por aí. Respondeu Maria Clara indiferente.

— Quer dizer que vais costurar? perguntou-lhe sorridente, um tanto mais animado.

— Não sei, Paulo. Não sei.

— Mas meu amor, ninguém vive sem trabalhar.

— Você sabe dar a receita para os outros. Mas não sabe utilizá-la.

Paulo mordeu os lábios; sentou-se na cama e redarguiu:

— De manhã você não me dava respostas felinas. Era terna e meiga, parecia estar disposta a compartilhar-se de minha vida, tal qual como é. E você não parece ser do interior. Logo no primeiro dia que sai a rua já conseguiu uma máquina de costura; já está aprendendo a exaltar-se.

— Meu Deus, obtemperou Maria Clara, Meu Deus! O homem para ter força moral necessita ter dinheiro! Se éle não tiver dinheiro, é humilhado.

— Quem será que inventou o dinheiro? murmurou o espôso meio absorto.

Sei que a espôsa é uma coisa muito delicada, que merece o desvêlo de um homem sensato. Eu não posso viver com você porque não tenho recursos para conservar-te ao meu lado. Você está se transformando, continuou Paulo, teve ótimas professoras. Já está mesclando com as vizinhas... ótimas amizades. Se eu pudesse não residia em habitações coletivas. Que disse as vizinhas?

— Nada que possa lhe interessar.

Paulo despiu o paletó o olhou o rosto de sua espôsa e disse:

— As espôsas têm por hábito defender os espôsos. Maria Clara nervosa e inquieta pôs-se a estalar os dedos lembrando as cenas com os vizinhos:

— Elas disseram que os seus esposos não gostam de ficar em casa, gostam de trabalhar.

— Sendo assim... o meu nome estêve em evidência. Elas falam de todos e de tudo... Ai, ai, suspirou Paulo, refletindo e meneando a cabeça. Sabe, Maria, eu hoje não consegui os sanduíches...

— Está bem, Paulo. Já sei que não poderia contar com você. Vou transformar-me em penitente... Já estou com saudades de papai!

— Eu sinto não poder dizer o mesmo, replicou Paulo com ar de mófa.

Ela fingiu não ouvir as palavras insensatas de Paulo.

— Hoje estou com fome, nada temos para comer. Recordando de sua juventude, aludiu com voz saudosas: que fartura na casa de papai! Lá ninguém passa fome. Os animais lá em casa são mais bem alimentados do que eu. E eu pensava que era o dinheiro que impedia a minha felicidade. Agora reconheço quanto sou infeliz.

Paulo pôs a mão na testa e apertou, demonstrando nervosismo e desânimo e murmurou:

— Deus, dai-me forças para suportar esta existência infausta até ao fim de meus dias, o que poderá ocorrer. Quando eu vi o nome de seu pai escrito no banco do jardim eu devia ter fugido de você. Só agora compreendo que nunca fui um homem inteligente. Quando lí Coronel era para eu ficar de prevenção. Em vez de Paulo. Lemes eu devia chamar Paulo Tolo. Parece que vim ao mundo predestinado a cometer tolices.

Faz-se um silêncio tumular antes que Maria Clara ponderasse:

— Quando mamãe advertiu-me para afastar-me de você, que o papai tinha possibilidades para desfazer-se de você num segundo, eu lhe respondi que não pretendia

separar-me de você. Que a nossa amizade era indissolúvel, que eu também tinha possibilidades para desfazer de minha vida. Podia atirar-me debaixo de um trem. Não cometeria bem os sentidos daquelas palavras. E agora que me encontro numa situação trágica não tenho coragem para eliminar-me, embora saiba que não posso adaptar-me neste ambiente. Como sofre as pessoas que não sabem educar os seus desejos. E eu... não soube educar os meus. Na casa de papai eu tinha tudo que desejava. E me sentia infeliz. Lá havia abundância, conforto, tranquilidade de espírito, criados ao meu dispor. Estou arrependida da grande loucura que cometi amando-te e desposando-te. Uma mulher espera tudo de um homem, mas você não tem qualidades dominantes. Não tem habilidades. E, num desespero desorientado, continua Maria Clara a lamentar a sorte.

— Não tem tenacidade. Nem força moral, nem crédito. Infelizmente foi depois de casados que ficamos nos conhecendo. A nossa união é obra da fatalidade. Não tivemos tempo para conhecermos.

Ambos sobressaltaram-se com a voz estentórea de Dona Maura chamando-lhes:

— Dona Maria Clara, a senhora me empresta a máquina para eu fazer um vestido que eu dou-te um prato de sopa.

— Aceita, Maria Clara, insistiu Paulo. Um prato de sopa te fará bem, falou baixinho nos seus ouvidos.

— Está as suas ordens, Dona Maura, respondeu Maria Clara, com uma voz de desolação.

— Oh! que bom! sou eu que vou estreá-la, a sua máquina.

Dona Maura entrou e sentou-se na máquina. Acionou o pedal, dizendo toda satisfeita:

— Eu vou buscar a sopa para a senhora.

Levantou e saiu após experimentar a máquina de costura.

Maria Clara enxugou uma lágrima que surgiu contra a sua vontade e perdeu-se em recordações. Pensava: "na casa de papai eu não tomava sopa. E o papai insistia tanto. Dona Maura voltou com um caldeirão de sopa e dois pedaços de pão. Ia sentar-se quando notou que Maria Clara não tinha pratos e nem colher. Quando Dona Maura saiu para buscar a vasilha Maria Clara juntou:

— Como hei de bendizer esta senhora! Estou com tanta fome! Recebo esta sopa como dádiva do céu.

Dona Maura retornou-se, entregou-lhe os pratos e as colheres.

Paulo forrou a mesa com um jornal para não sujar a toalha de linho. E colocou o caldeirão em cima da mesa. E serviu a sua esposa. Ela comia tudo, com tanto prazer como se fosse a primeira vez que comia na sua vida.

— Como está gostosa! Exclamou, já com acenos de alegria. Seu apetite era grande. Agora ela sabia dar valor a uma cõdea de pão.

Finda a refeição sentiu os membros desfalecer-se. A cabeça pesar como se fosse de concreto. Quiz erguer o braço e não conseguia. O braço estava pesando tanto que a desanimava. Reclinou-se no travesseiro e adormeceu.

Despertou-se no outro dia e perguntou:

— A Dona Maura já foi?

Paulo deu-lhe um ósculo e fitando-a com interesse, falou:

— Você dormiu toda a noite. A sopa foi reconfortante. Passado alguns instantes Maria Clara disse ao esposo que precisava sair.

— Onde vai? indagou Paulo.

— Necessito resolver uns negócios. Abliu-se e saiu às pressas.

Paulo quiz segui-la. Mas ela não o convidou.

Ficou nervoso com os pensamentos a bailar-lhe no cérebro. Interrogando a si próprio.

— Onde será que vai a minha esposa? Ela não conhece a cidade. Será que já encontrou algum pretendente? Ontem ela saiu e trouxe uma máquina! E hoje... o que será que ela vai trazer novamente? E mais apreensivo prosseguia seus pensamentos. Ela era uma ave que estava encerrada numa gaiola de ouro. Não vai habituar-se numa gaiola de ferro.

Maria Clara foi direta a loja para terminar o negócio.

O gerente recebeu-a amavelmente dizendo-lhe:

— Avaliei tuas jóias, valem vinte mil cruzeiros.

— Eu desconto os 3 mil da máquina e ainda sobra desessete mil cruzeiros para a senhora. Onde adquiriste estas jóias? perguntou-lhe.

— Nos meus aniversários os amigos de papai me davam jóias autênticas. Pretendia guardá-las... mas, a minha vida está sem leme, preciso de dinheiro para dar-lhe rota certa.

O gerente entregou-lhe o dinheiro sorrindo. "Assine o recibo".

Maria Clara depois de assinar guardou o dinheiro na bolsa.

O gerente aconselhou-a a tomar cuidado com o dinheiro.

Maria Clara despediu-se e saiu.

Foi a uma loja comprar utensílios domésticos. Fogão, lata para gêneros, uma bacia, latas de doces, um rádio, sapatos, camisas e um relógio de pulso para Paulo. Deu o enderêço para levar em casa.

Quando chegou, Paulo estava impaciente, andando de um lado para outro.

— Demorei, querido? disse-lhe Maria Clara quase sorridente.

— Até que enfim retornaste! Paulo com a presença da esposa sentiu-se mais aliviado.

— Já estou habituado com você. Fiquei nervoso, pensei que você não ia acertar o retôrno, que ia confundir-se com as ruas, porque você não conhece a Capital.

— Olha o que eu trouxe para você. Entregou-lhe um embrulho.

Paulo desfez o embrulho rapidamente.

— Oh! que maravilha, um estojo para barbear-me. Cigarros! Que esposa nobre! Parece que advinha meus desejos.

— Paulo, a única coisa que imploro-te é não pedir cigarros a ninguém. Já estou farta de ouvir isso: "Puxa que homem... não faz nem pros cigarros"! Isso já é humilhante demais para mim e para você. Aprenda a ter opinião. Esforça-te para vencer e suplantar as tuas fraquezas. Maria Clara prosseguiu com seus sermões:

— O papai sem conhecer-te classificou-te. E eu, se não te desse aquele dinheiro como é que você ia pagar o nosso casamento? Já fazem quinze dias que nos casamos e eu tenho a impressão que já faz um ano. Quando é que vai trabalhar? perguntou Maria Clara um tanto indignada.

— Nenhum patrão tolera-me!

— Se você portar-se como um príncipe, está claro que nenhum patrão suporta um empregado moroso. Mas se você demonstrar interesse pelo trabalho o patrão há de notar o teu esforço. Eu nunca trabalhei. Mas se algum dia eu precisar trabalhar, hei de fazer o possível para não decepcionar o patrão. Precisamos trabalhar com eficiência

para o patrão nos mencionar nas suas reuniões. E se necessário fôr, dar boas referências para vencer na vida. Devemos ser bons porque todos preferem o que é bom.

Esse diálogo foi abruptamente interrompido por uma voz de homem que perguntava:

— É aqui a residência de Dona Maria Clara Lemes?

A vizinha indicou-lhe.

O que irritava Maria Clara era a curiosidade dos vizinhos. Quando alguém mencionava seu nome as vizinhas saíam de seus quartos para averiguar o que havia ocorrido. Eram umas curiosas, uma bisbilhoteiras. Ela admirava de ver uma família de cinco pessoas residir num único quarto. Como é diferente a vida dos pobres! Quando saíam, iam bem vestidos que nas ruas era difícil distingui-los dos ricos.

Maria Clara ia recebendo as compras e conferindo na lista. Paulo fitava tudo extasiado, tudo em proporções.

— Veja, Paulo. Ele ficou deslumbrado quando viu os ternos de lã e linho.

— Que camisas chics. Quando os vizinhos ver-me bem vestido vão invejar-me.

— Paulo eu não comprei êstes ternos para que os vizinhos lhe invejem, mas para você conseguir um bom emprêgo. Não mais estamos na época das infantildades; já que nos casamos, vamos ser cortesões mutuamente, você pensa na minha felicidade e eu na tua. Não pretendo continuar lamentando.

Prosseguiu Maria Clara:

— Quem sabe, se Deus nos auxilie, a boa aparência favorece. Estou disposta a viver modestamente. Eu vou aprender costurar para auxiliar.

Chegou um carroseiro procurando o sr. Paulo Lemes. Quando ouviu pronunciar seu nome, pensou: — Será o coronel? Ai, meu Deus, êle vai matar-me!

E perguntou assustado.

— Maria, é teu pai?

— Oh! Paulo, é o carroceiro que veio trazer os sacos de arroz e o feijão que eu comprei. Mas no ato da compra dei o teu nome. É você o dono da casa.

As visinhas aglomeravam nas portas para ver o carroceiro empilhar os sacos.

Quando Maria Clara acendeu o fogão o quarto ficou mais alegre.

Paulo foi buscar um balde de água. Sorriu vendo Maria Clara com avental descascando batatas. Dona Maura deu-lhes um guarda-comida. Ela pediu a Dona Maura para ligar a luz. Quando o rádio tocou, Paulo acompanhou a música com um assobio. Deu um suspiro e comentou:

— A nossa vida está melhorando.

— A tua vida pode ser... disse Maria Clara, mas a minha está igual a um romance de linha quando emaralha-se. Já é tempo de levamos a vida a sério. Breve seremos três. Eu já comprei agulhas e lã para confeccionar os sapatinhos.

— Eh! Um filho! exclamou Paulo admirado. Que espôsa maravilhosa! Melhor não podia ser. Oferece-me tudo que eu desejo ter. Eu devia ter ido ao interior há mais tempo!

Maria Clara depositou o resto do dinheiro no Banco. E começou a procurar trabalho. Pegou roupas da oficina para costurar. Mas, aborreceu-se logo. Doia-lhe as costas. Quando ia entregar as roupas, a patroa examinava tudo e reclamava perguntando-lhe:

— A senhora aprendeu costurar no inferno? A senhora precisa costurar com mais capricho.

Ela pensava: "não tem nada de agradável ter patroa que humilha o pobre trabalhador. Todas pessoas que são ricas deviam conhecer a pobreza; haviam de ser mais hu-

manos. O Paulo não deixa de ter razão. Como é sacrificada a vida dos assalariados. É por isso que eles reclamam da existência. Serão os ricos os causadores deste descontentamento? "Sem atinar pela resposta, divagando no alto mundo dessas cogitações, Maria Clara sem querer estava competindo com as mulheres pobres. Mas se reconhecia inferior. Quando ela era rica imaginava que era superior em tudo e sempre pensava: "Vim ao mundo para ser uma boneca de vitrine". Mas agora estava triste e desanimada.

Foi aprendendo a lavar roupas desajeitadamente, o sabão ia enrugando a sua pele e ela olhava para suas mãos e mostrando para Paulo dizia:

— Olha a mão da pianista.

E ele sorria dizendo-lhe:

— Você agora toca outro piano. O piano da vida, de teclas de pedras enegrecidas pela fome.

Maria Clara continuava apreensiva e amargurada pelas circunstâncias. Ela não quis dizer a sua origem para os vizinhos. A única que lhe agradava era Dona Maura que não lhe jogava indiretas aludindo o passado. Era a única que procurava orientá-la, estimulando-a.

— A senhora agora tem a máquina, aprende a costurar, aludia Dona Maura. E continuando: uma boa costureira vive melhor que uma doméstica.

Maria Clara sobressaltou-se, perguntando sem querer:

— Meu Deus, será que vou ser empregada doméstica?

Quem tem profissão vive mais tranqüilo.

Dona Ruth interferia-se, dirigindo a Maria Clara um bombardeio de perguntas:

— Quem é a senhora?

— A senhora tem parentes?

— A senhora não é do nosso nível social?

— A senhora tem sangue fidalgo?

Dava-lhe dor de cabeça e ela revoltava-se.

— Como é insípida a vida nas habitações coletivas. Uns querem saber a vida dos outros. E as discórdias. Quando Maria Clara via as vizinhas brigando, ela unia o seu corpo ao de Paulo e estremecia dizendo-lhe:

— Paulo! Paulo! Se elas brigarem comigo eu não sei lutar.

Era uma confusão no quintal; a rádio-patrolha chegava; elas iam prêsas e dormiam na prisão. As que tinham filhos voltavam para casa.

— Meu Deus! Que mundo é este que estou! Eu desconhecia tudo isto. Pensava com repugnância: "o meu filho vai nascer e crescer nesta pocilga? Oh! Meu Deus! Porque não morri quando nasci! Que existência negra e hedionda".

A tia de Paulo foi cobrar o aluguel e ficou encantada com a beleza de Maria Clara e perguntou-lhe incrédula:

— Minha filha! Você teve coragem de casar-se com o meu sobrinho? Com esta beleza você podia ter-se casado com um doutor!

Maria Clara suspirou e disse-lhe:

— Eu pensei que tinha me casado com um doutor.

— Você fez um péssimo negócio, prepara-te para sofrer e lutar, vai passar uns dias lá em casa. Você aqui é como a flôr fora da estufa. O Paulo não tem muito juízo. Você há de necessitar do meu auxílio, porisso é bom tor-nar-nos amigos. Vou dar-te o número do meu telefone. Espero-te amanhã.

Maria Clara selecionou seus vestidos de gala e arrumou as malas. Quando o dia surgiu ela e Paulo foram para casa de Dona Raquel. Foi ostentando um lindo casaco de peles. Paulo levou seus lindos ternos novos, eram de qualidade e o corte impecável lhe transformou. Parecia um artista. Quando os vizinhos lhe viram, admiraram. O que irritava

Maria Clara eram os susurros. Carlos o filho de Dona Ruth, não conhecia a Maria Clara, perguntou a Paulo:

— Onde é que você encontrou esta fada?

Respondeu Paulo envaidecido:

— É milha espôsa.

— E com que você sustenta a tua espôsa? retornou o rapaz.

— Com ar! disse Paulo ironizando.

Carlos prosseguia com risos de môfa. Paulo e o trabalho são inimigos irreconciliáveis.

Daí seguiu-se um doloroso silêncio.

Maria Clara começou a chorar.

— Que espécie de gente você escolheu para fazer amizade? E continuou. "Precisamos escolher pessoas de cultura que nos respeite e saiba nos considerar, percebo que é muito tarde para você reabilitar-se. Juro que jamais hei de sair com você. Que casamento eu fiz, meu Deus! Estraguei minha vida!"

Seguiram sem trocar palavras até a suntuosa residência de Dona Raquel.

Maria Clara admirou a vivenda, chegou dizendo estupefada:

— Que primor! Eu sonhei com uma residência assim.

Que jardim magnífico!

Qual será o preço de uma residência assim?

Paulo perpassou o olhar ao redor de tudo e respondeu distraído.

— Uns quatro milhões de cruzeiros.

Maria Clara retirou o lenço do bolso e enchugou uma lágrima.

— A três meses atrás esta quantia era insignificante para mim, pensou. Mas desci....

Um automóvel parou e dona Raquel desceu, galgou as escadas de mármore e ao chegar no limiar desta foi logo dizendo:

— Bom dia! Chegaram bem? É fácil o caminho!

Maria Clara respondeu o cumprimento e beijou sua tia.

— Aprecio as pessoas de palavras. Eu estava lhe esperando.

Abriu a porta e convidou-os a entrar. Ia dizendo:

— Eu fui fazer umas compras para mim; é um verdadeiro suplício, já estou senil para qualquer exercício, fatiga-me.

Penetraram na linda sala de visita. Os olhos de Maria Clara pousou no piano. Paulo observava suas expressões. Vendo o piano ela começou a sentir saudades da fazenda e da casa de sua cidade. Ela ficou triste de repente, Paulo compreendeu a causa daquela tristeza. Dona Raquel também notou algo de errado e ficou apreensiva e a seguir indagou afetuosamente:

— Minha filha! você está doente. Aproximou-se da espósa, de seu sobrinho. "Está sentindo alguma coisa?"

— Não sei, ando tão nervosa.

— Senta. Eu vou buscar um calmante para você. O teu estado me perturba o sistema nervoso. Paulo, você deve levá-la ao médico. Ouviu-me?

— Ouvi sim, tia!

Maria Clara ficou pensativa, Dona Raquel deu-lhe o calmante, o qual sorveu lentamente. Bebeu para não magoar sua tia. Mas ela sabia que não existia calmante para acalmar suas perturbações interiores.

Paulo aproximou-se.

— Não fique triste. A nossa vida há de transformar-se se Deus quiser.

— A tua vida não teve alteração, disse Maria Clara.



A minha sim, e percebo que ela vai piorar cada vez mais. Vivo tão agitada que não consigo adormecer para olvidar esta tragédia. Até este direito a felicidade negou-me. E você não procura trabalho. Não existe coisa mais cara do que o corpo humano. Eu já estou precisando de dentista. Oh! eu desejo tanto a morte. Mas ela não vem quando a gente deseja. Ela parou de falar quando ouviu os passos de Dona Raquel.

— Você deve tirar o casaco de pele, isso é um tanto incômodo.

Maria Clara tirou o casaco de pele e em seguida ofereceu-se para ir a cozinha preparar o almôço.

Maria Clara descascou as batatas, moeu a carne e lavou as louças. Suas mãos ardiam, respirou aliviada quando Dona Raquel disse-lhe que o almôço estava pronto e que iria esperar o pessoal da família. Após o que, indicaria os aposentos superiores.

Disse à Maria Clara: "agora vou indicar onde é o seu quarto. Venha comigo".

Ela ia apreciando os lindos objetos artísticos, quase perdida no meio de tanto luxo.

Galgaram as escadas internas.

Dona Raquel abrindo uma das folhas da porta mostrou o quarto. Maria Clara apreciou tudo aquilo. Dormitório completo. As cortinas cor de rosa. Destez as malas e guardou seus vestidos no guarda-roupa.

Deitou-se um pouco. Que sensação deliciosa quando o seu corpo teve contacto com o colchão de molas. Mas, não sentiu tranquilidade. Ela estava sempre apreensiva à espera de alguma coisa imprevista.

Paulo ficou sentado na sala de visita fumando. E Maria Clara adormeceu preocupada com os problemas de

encontrar maternidades gratuitas e que se lá, lhe iriam tratar bem.

Paulo jogava as fumaças do cigarro e ficava pensando: "vou ser pai!"

Ao meio-dia o seu tio Gabriel chegou para almoçar.

— Bom dia! Paulo, não sabia que você estava aqui.

— Bom dia! tio, chegamos agora a pouco.

— A tua tia disse-me que você casou-se e que a tua esposa é muito bonita. Que é calma, tolerante e muito educada.

Paulo sorriu, comentando:

— Ainda não lhe encontrei defeitos.

— Quantos meses faz que vocês estão casados?

— Três meses e alguns dias. O casamento estimula um homem a trabalhar.

— Meus parabéns, você já está trabalhando?

— Ainda não, respondeu Paulo meio sem jeito.

— Como vocês estão vivendo?

— De qualquer jeito, a vida vai...

Paulo remoía interiormente porque não gostava de dar satisfações a ninguém.

Renato, seu primo, chega também para o almoço.

— Bom dia, Paulo!

Paulo ergueu os olhos, mas não respondeu-lhe.

— Mãe nos disse, insistiu Renato, que a tua esposa é muito bonita. Eu até pretendia ir em Guarulhos para conhecê-la. Sou capaz de viajar mil quilômetros para conhecer uma bela mulher.

Paulo galgou as escadas e foi dizer que o almoço estava na mesa.

Ela desceu ricamente trajada, seus cabelos castanho claro caídos aos ombros formando ondas e cachos. O lindo

vestido de linho que ela usava combinava com a cor de seus olhos verdes.

Paulo apresentou-a ao seu tio e ao Renato, que observava os gestos e a posição correta da nova parenta.

— Vocês já conheciam a minha esposa?, perguntou Paulo meio autoritário a seu tio.

Um silêncio fez-se sem respostas.

— Porque não nos partilhou o seu casamento. O homem casado duplica o seu valor na sociedade. Onde vocês se casaram? No Interior? Em que igreja?

Paulo não respondeu por motivos convencionais. Pretendia ocultar a verdade para evitar que Renato fosse averiguar e o coronel por qualquer cargas d'água viesse a saber o seu enderêço.

Paulo apenas respondeu-lhe aquilo que era necessário responder. Já estava de mau humor querendo terminar aquela conversa que lhe desagradava.

— Onde estiveste o mês atrasado?

— No interior. Mas Paulo não disse onde esteve, Paulo tinha ímpetos de gritar, não queria relatar sua vida a ninguém, mas precisava conter-se. Não podia exaltar-se porque ele era pobre e precisava do auxílio de sua tia. Renato não retirava os olhos do lindo rosto de Maria Clara.

— Eu soube que você foi prêso, disse Renato com sarcasmo. O que me informaram foi que você brigou lá na vila e quando fui com meu advogado para libertar-lhe da polícia, esta já havia te mandado para uma casa de detenção fora da capital. E agora você me aparece casado. Isto dá o que pensar.

..... Dona Raquel retirou os pratos e serviu a sobremesa.

Maria Clara se dirigiu para a cosinha e foi lavar os pratos e serviu a sobremesa.

— Vocês bem que podiam vir morar aqui, retrucou Dona Raquel.

Renato sorriu, um sorriso de malícia.

Paulo mordeu os lábios. Maria Clara já estava mais resignada, havia terminado de lavar os pratos, deixando tudo em ordem e dirigiu-se à sala de visita.

Paulo percebeu que ela ia tocar piano e que os olhares e os diálogos sarcásticos contra a sua pessoa iriam pelo menos sentir uma pausa.

Ela tocou admiravelmente.

Renato circundava-a com seus olhos e o olhar de Paulo estava fixo no seu rosto. Um olhar triste de inferior e que não podia se levantar.

— Fiquei tão contente ouvindo-a. E Renato aproximou-se e beijou a testa de Maria Clara. Onde estudaste?

Maria Clara deu um sorriso como resposta. Se ela revelasse o nome do colégio onde fez seus estudos Renato podia investigar e descobrir o seu passado. E ela não queria revelar sua descendência. Renato estava inquieto e preocupado.

A família anfitriã mantinha em si um pensamento coerente: "Não se pode compreender como é que uma jovem tão culta tenha coragem de casar com um homem irresoluto como Paulo. Só mesmo um amor profundo que perturba os sentidos e domina a razão."

— Oh! Paulo, você não pode malizar a sorte, Renato disse, suspirando irônica.

Paulo estava nervoso. O interesse de Renato por sua esposa preocupava-lhe. Ele tinha dinheiro, automóvel.

Maria Clara passou a fazer os serviços de casa, aceitando morar na casa em troca de ajudar arrumá-la e fazer a comida.

Maria Clara no primeiro dia lavou tanta roupa que ficou completamente abatida e exausta. Sentia os ombros doloridos. O seu desejo era deitar para descansar. Renato chegou em casa mais cedo. O seu olhar percorreu a casa com ansiedade: "onde será que está ela?"

— Creio que foram descansar. Respondeu, Dona Raquel de mau humor.

Renato abriu a janela e fitou o céu estrelado. A noite era tépida e maravilhosa.

Quando o senhor Gabriel chegou, dona Raquel serviu o jantar. Maria Clara foi arrumar a cosinha. Estava cansada. Respirou aliviada quando terminou e disse:

— Eu vou dormir, estou indisposta. Vamos deitar Paulo?

— Se você está indisposta nada melhor do que dar umas voltas de automóvel, retrucou Renato.

Dona Raquel insistiu e Maria Clara saiu contravontade. O carro deslizava no asfalto. Ela se sentia irrealizada porém assim que ela sonhava um espóso, uma boa casa, um bom automóvel, noites de luar...

Renato comprou doces, flores e frutas e disse:

— Amanhã vou levar-te ao cinema, você vai ser minha amiguinha, sabe? eu não tenho amizade feminina. Estou tão contente com você!

— Se o Paulo deixar, eu vou ao cinema com você!

— Ah! é mesmo, eu pensei que você era livre. Desculpe-me!

O silêncio pairou no ambiente. Uns desciam outros subiam com flores nos braços. Todos passavam alegres ou tristes. Era a mesma coisa. Que importa o mundo?

Maria Clara na volta dizia consigo mesma: "se eu tivesse dinheiro"! Logo que chegou, Maria Clara retirou-se para seu quarto.

— Bonita não é, papai? retrucou Renato eufórico de ter iniciado a conquista. — Para mim ela é uma mulher de valor. Casou-se por amor com Paulo. Não pertence a classe das mulheres fúteis. Dona Raquel mordia os lábios pensando que o seu espôso estava lhe jogando indiretas. Mas ouvia sem interferir. Dona Raquel sentia também que ela tinha todas as qualidades de ser mulher agradável e atraente. Percebeu que ela havia sido criada na opulência. A conversa de pai e filho continuava.

— Viu o lindo casaco de pele? disse Renato e admirado ajuntou: "Não descansarei enquanto não descobrir a sua genealogia!"

Renato retirou-se para seu quarto perguntando a si próprio:

— Quem será está mulher?

Paulo contemplava a sua espôsa que dormia tranquilamente. Os pensamentos lhe atormentava a jovem que dormia. E o pensamento de Paulo foi vislumbroso:

— Quando ela perder a ingenuidade, há de deixar-me. Ela há de aborrecer-se de mim. E o que há de ser de mim, quando perder o seu afeto? E o homem gosta de tudo que há no mundo. Das mulheres principalmente. Tenho a impressão que arrebatei uma rosa da roseira e não tenho um vaso de cristal para depositá-la.

Paulo falava sussurrado e não conseguia de forma alguma dormir. Maria Clara que trabalhara o dia inteiro dormia de cansaço.

Paulo revoltava-se contra o destino impiedoso que lhe fez desposar uma mulher arqui milionária. Reconhecia que estava cada vez mais apaixonado por ela e não podia afastar aquele amor ardente, impetuoso e sincero. Começou a recordar o seu passado. Não conheceu a sua mãe. Vivia correndo da justiça com receio de ser preso e perder

a liberdade. "Se eu fosse preso em criança, teria aprendido um ofício, pelo menos teria um ofício..."

Paulo sempre fôra preterido. E nunca adquiriu ação; perdeu a fé em si próprio. Porisso êle nunca conseguiu um bom emprêgo, passou a sua infância dormindo nas casas abandonadas. Naquela noite tudo corria-lhe pela cabeça porque Renato estava tentando cativar-lhe a espôsa.

O dia despontou-se, Paulo desceu. Renato vestia-se e dirigiu apenas um sorriso de tólogo para Paulo, que se sentiu angustiado profundamente.

— Vou fazer o que te horrorisa! Vou trabalhar. Não sei como é que você consegue manter a sua espôsa!

Paulo dirigiu-lhe um olhar colérico, respondendo:

— Isto compete a mim. Você não precisa interferir-se na minha vida. Nós ainda não estamos precisando de advogados. Se você casar-se juro que serei neutro. Não imiscuir-me-ei na tua vida. Faça o mesmo comigo e desde já os meus agradecimentos. Ela aceitou-me tal e qual como sou. E não lamenta.

— Mas é pena deixar uma mulher tão bonita sofrer. Eu sempre dei muito valor as mulheres, porisso, se eu me formar em advocacia pretendo protegê-las.

Para proteger a minha espôsa, aqui estou eu!

Paulo coçou a cabeça em sinal de protesto, duvidando.

— Você não me considera um rebotalho só porque não consegui fortuna, estou disposto a não mais procurar-vos, a sua interferência só pode prejudicar-me e eu preciso e quero viver bem com a minha espôsa.

Renato olhou o relógio. Vestiu o paletó e deu um longo suspiro e disse:

— Está bem, Paulo, estou apenas advertindo-te. Eu suponha que você não tinha senso. Mas você está pro-

vando ao contrário. Lembra-te que quem fala e não age não tem valor e não prospera.

— Não pretendo te desagradar, você é o meu único primo, queria ver-te reajustado, vê se consegue emprêgo... e completo: a mulher espera tudo de um homem. Porisso o homem que decide possuir uma mulher deve provar-lhe que é um homem. Até logo!

Fechou a porta e saiu. Estava atrasado.

Paulo ficou só, não apreciava aquela casa e as observações mordazes.

O silêncio começou a enervá-lo. Dona Raquel desceu.

— Bom dia! Paulo. Porque deixaste o leito tão cedo? Paulo disse a queima roupa.

— Bom dia! Eu quero volver à minha casa!

— Oh! não vae! Renato está encantado com a Maria Clara. Éle que não vinha almoçar mais em casa agora vae vir. Assim Maria Clara convencerá o Renato a prosseguir nos estudos. Éle foi reprovado e perdeu o interêsse. O título de doutor dará mais importância ao Renato. Vocês devem ficar aqui, terão tudo que desejem. Melhor do que aquela vida de párias que você dava à Maria Clara. Que ambiente!

Houve um silêncio. Dona Raquel continuou:

— Aqui ela tem o piano para distrair-se. Dona Raquel foi abrir as janelas. E os raios de sol penetrava e pousava nos móveis de jacarandá.

Maria Clara desceu, os olhos de seu espôso fitavam-na atentamente. Ouve a troca de bom dia e logo em seguida Maria Clara disse:

— Dona Raquel, a sua casa está um amor com essa entrada de raios solares mesclando a casa...

Os elogios de Maria Clara envaidecia Dona Raquel que gostava de ser bajulada.

— Você é uma estrêla que veio iluminar êste reino, comentou o senhor Gabriel que ia descendo as escadas sorrindo. Fitava Maria Clara igual a um pintor que fita a tela que está pintando.

Maria Clara sorria e se mostrava muito contente.

O contentamento de Maria Clara deixava Paulo intranquilo que se punha a pensar: Ela nasceu predestinada a viver na opulência.

Terminado o café, Dona Raquel ordenou a Maria Clara que fôsse lavar as xícaras e tirar a mesa.

Depois ela foi vestir-se para sair com Dona Raquel, que ia guiando o automóvel. Maria Clara pensava: "se eu tivesse dinheiro e pudesse comprar um carro, iria aprender a guiar. Deixava de viver na realidade para viver as pretensões", sonhava. Visitaram várias lojas. Viram coisas bonitas. Maria Clara teve desejo de possuí-las. Mas, era pobre. Precisava fazer economia. Já estava aprendendo a costurar. Fez um avental para proteger seus vestidos. Comia pão amanhecido, porque o pão fresco era destinado ao Renato e Dona Raquel. Requentava os alimentos.

Dona Raquel lhe pedia opinião quando ia comprar algo. Maria Clara sorria porque sabia que Dona Raquel não ia acatar a sua opinião. Dona Raquel era rica! Maria Clara gostou das flôres que Dona Raquel comprou. Sabia que não podia comprar as flôres desconhecidas que via e os pássaros que tanto gostou, pois não podia gastar dinheiro em futilidades, apenas olhava e desejava, mas não se manifestava.

Quando chegaram ao Jardim Europa eram dez e meia. Foram para a cozinha preparar o almoço. Maria Clara preparou salada de frutas.

Enquanto aguardavam a chegada de Renato e do Senhor Gabriel para o almoço, Dona Raquel mostrou-lhe o

álbum de fotografias da família. O retrato dos pais de Paulo. Paulo quando era pequeno. Um menino raquítico e tristonho.

— Olha o meu retrato de noiva!

— Você tirou retrato, Maria?

— Não, Senhora, foi a resposta de Maria Clara acompanhada de um longo suspiro.

— O meu enxoval foi confeccionado com todo o carinho. Eu e Gabriel fomos noivos dois anos. Como é de tudo. É uma recordação para os descendentes. Ouvi dizer que eu fiquei muito bonita vestida de noiva. Guardei o meu véu e a minha grinalda, como recordação. Ouvi dizer que dá sorte. Isso não é superstição porque eu sou muito feliz. O Gabriel adora-me. O meu casamento foi muito comentado na alta sociedade porque eu era pobre e o Gabriel rico. Minha vida transformou-se. Eu ganhei presentes ricos, jóias finíssimas.

Maria Clara ouvia atenta o que dizia Dona Raquel. Nesse instante, o seu olhar e o de Paulo cruzaram-se. Ele recebeu as palavras de Dona Raquel como indireta. Pensou: "será que Maria Clara revelou o episódio de nosso casamento?" Acendeu um cigarro e ficou fitando a fumaça que desvanecia-se no ar.

Dona Raquel continuou folheando o álbum e disse:

— Habituei-me com esta vida fausta. Se eu chegar a ficar pobre, creio que terei poucos dias de vida. Eu passei a lua de mel na Europa, comprei jóias na Suíça, país da arte. Seis meses viajando, hospedando nos melhores hotéis. Como é bom casar com um homem rico!

Maria Clara curvou a cabeça meditando.

A campainha tilintou. Era Renato, que entrou sorrindo.

Dona Raquel levantou-se para recebê-lo. Deu-lhe um beijo e disse-lhe: — meu filho pontual! Chegou na hora

certa. Estou mostrando o nosso álbum para Maria Clara. Precisamos incluir aqui o seu retrato, Maria Clara. O teu retrato de noiva.

Maria Clara fitou o marido, que estava com o rosto pálido e os olhos vermelhos.

— Sabe, Maria Clara, quando as nossas famílias foram apresentadas, o meu pai fez uma festa. A mesa de doces tinha dez metros de comprimento. Eu enfeitei a mesa com flores cor-de-rosa e os pratos eram brancos.

Renato dirigiu o olhar a Maria Clara, que folheava o álbum e mirava as fotografias atentamente.

Dona Raquel aproximou-se, mostrando uma fotografia.

— Este casal eram meus pais. A minha mãe era muito bonita. A única coisa que trago na bolsa de passeio é o retrato de meus pais. E você, Maria Clara, tem fotografia de teus pais?

— Não, Senhora!

Agora que ela estava ali tão distante é que pensava nos seus pais. Não foi uma filha atenciosa. Seus pais não foram hóspedes de seu pensamento. Ela só pensava em ter um homem para ela.

Quando folheava o álbum, Dona Raquel aproximou-se e disse-lhe:

— Este aqui é o Renato, quando bebê. Eu mando fotografá-lo de seis em seis meses.

Renato aproximou-se fitando seu retrato em várias poses.

— Amanhã vou fotografar-te para incluir-te no nosso álbum. Já que você agora é da família deve vir morar aqui, este é o segundo convite que faço-te. E você faz companhia a mães. As vezes lá no escritório eu fico pensando nela, aqui em casa, sozinha. Se dar-lhe uma dôr de repente, quem irá socorrê-la?

— Oh! Renato... Você pensa em mim? Muito obrigado pelos seus cuidados. Que filho bom.

— Viu, Maria Clara... eu posso dizer... sou feliz. Bom filho! Bom espôso! Já que no mundo tem valor só o que é bom. E dona Raquel abraçou seu filho e beijou-lhe. Maria Clara fechou o álbum.

E o Renato abriu a porta e saiu para a rua. Dirigiu-se ao seu automóvel, abriu a porta do auto, voltou com livros e flores dizendo: é um romance para a senhora. Isso aqui são músicas clássicas, vou fazer uma festa no meu aniversário e apresentar-te aos meus amigos. Vamos ensaiar para tocarmos a quatro mãos. Espero que a nossa amizade não arrefeça, seríamos o melhor casal de pianistas. Eu faço questão que a nossa amizade não regrida".

Paulo tossiu para se fazer notar.

— Oh Paulo, bom dia! Você não fala nada? Não é descendente de girafa. E aduziu:

— Eis o homem que não gosta de falar. Você devia ser um eremita. Um homem enigmático. E mesmo assim conseguiu uma espôsa magnífica. Ela é uma jóia! E quando você quiser desfazer-se dela ofereça-me que hei de confeccionar um escrínio de ouro para encerrá-la, disse galhofando com Paulo. A nossa casa transformou-se com a vinda de você. Maria Clara nos proporciona alegria da vida. Renato depositou as flores e as músicas no colo de Maria Clara e dirigiu-se para a sala de jantar. Galgou as escadas assoviando uma valsa que Maria Clara tocou no piano.

Dona Raquel acompanhou seu filho com o olhar e aludiu: "Ele é sincero, só agrada as pessoas que ele simpatiza. Faz todo o possível para não magoar a nenhum de vocês. Ele gosta de dar presentes! Também estou contente com você. Agora quero que preste-me um favor!

Convença o Renato a prosseguir nos estudos. Diz-lhe que os estudos é um bordão de um homem".

O senhor Gabriel chegou reclamando contra o tráfego que estava congestionado.

Depois de correr o olhar pela sala, perguntou:

— O Renato já chegou?

— Já, graças a Deus, o nosso filho começa a criar juízo.

— Um filho sem cabeça é uma cruz para os pais.

— Se é! Reafirmou o senhor Gabriel tirando o paletó. Renato desceu cantarolando a sua música preferida.

Maria Clara observava-lhe os gestos. Era um homem enérgico e decidido.

Dona Raquel serviu o almoço. Enquanto almoçavam, Maria Clara foi incumbida de falar procurando estimular Renato a prosseguir nos estudos. Que o título de doutor é um passaporte na vida. Que ela admirava os doutores. Que a vida dos que estudam é mais amena.

Renato concordou. Disse-lhe: "para agradar-te, vou estudar e juró que jamais serei reprovado".

— Ótimo, que bom! E dona Raquel batia palmas demonstrando contentamento. Começava a apreciar Maria Clara profundamente.

Todos ouviam o Renato falar expondo seus projetos para o futuro.

Terminou a refeição, Maria Clara subiu. Foi repousar, sentiu tonturas e náuseas.

Renato ficou nervoso com a ausência de Maria Clara, queria que ela tocasse piano.

Dona Raquel subiu as escadas de mau humor. Empurrou a porta. Maria Clara estava deitada.

— O que está sentindo? Porque está deitada?

— Indisposição e vontade de chorar. Começou a chorar, os soluços de Maria Clara irritavam Dona Raquel que queria ver as louças lavadas.

— Não sei qual a razão dêste choro. Você pode-se dar por feliz porque o Renato gosta de você. Te dá atenção. E quer incluir o teu retrato no nosso álbum. Você veio ao mundo para ser feliz!

Maria Clara retirou os cabelos dos olhos e disse:

— Eu era muito ambiciosa! Eu queria ser feliz! Queria ser uma FELIZARDA. Começo a compreender o mundo. Acho a vida tão sacrificada, principalmente a vida dos pobres. Eu pensava que a gente não sofria. Agora que perdi a ilusão sinto-me tão só e desalojada no mundo! Parece que eu sou um objeto que, onde é colocado, está sempre incomodando os outros.

— Ora, não lamente, Maria Clara, aconselhou Dona Raquel. Nunca devemos desesperar da vida ou da sorte. Você é jovem. E melhores dias hão de vir. Existem outros que sofrem mais do que você. Você tem o Renato. E êle simpatizou-se com você. Quando êle simpatiza com alguém transforma-se em protetor. Isto é para você compreender que os ricos não são maus e protegem os pobres. A única coisa que imploro-te é não magoá-lo em nada. Eu preciso do teu auxílio. Êle te obedece, ajude o meu filho a ser um verdadeiro homem. Nós as mulheres devemos unir-nos para educarmos os nossos filhos. A pátria requer homens decentes.

— Como é, mamãe! Vem, ou não vem?

.....Vou...já, Renato!

— Vamos, Maria Clara, o Renato reclama a tua presença!

Maria Clara revoltou-se interiormente. Ela que estava habituada a não ser incomodada por ninguém, agora era joguete naquela casa.

Que vida hedionda o destino reservara-lhe. Se estava no seu quartinho, sofria com o desconforto. E ali no sun-tuoso palacete de Dona Raquel não tinha vontade própria.

— Vamos, Maria Clara, insistiu Dona Raquel. O Renato gosta de ser obedecido. Maria Clara desceu as escadas compassadamente. Estava nervosa.

— Oh! Até que enfim! Eu já ia embora. Tenho horror ao escritório. São Paulo é uma bela cidade do Brasil, mas anda nos compassos dos relógios. Para viver-se bem aqui é necessário trabalhar e ser honesto. Os homens de São Paulo não apreciam os homens indolentes. São Paulo há de ser a maior cidade do mundo. Mas para isso é preciso que os homens sejam arrojados, que aprendam a ler e aprender um ofício. Temos que falar diàriamente com as crianças que elas devem escolher uma profissão. "Maria Clara mordeu os lábios. Sabia que aquelas indiretas eram para Paulo. Decidiu defendê-lo. "O senhor pensa assim porque tem mãe para auxiliar-te na vida. E os que não as tem? Um órfão criado na casa estranha sente-se desajustado."

— A senhora fala como se fôsse órfã, redargiu Renato. Maria Clara não respondeu-lhe.

— Bem, vamos tocar piano, você toca tão bem! Parece que você anda esquivando-se de mim!

— Oh! Renato! Não penses nisto! É que eu senti indisposição, respondeu Maria Clara com voz quase apagada. Porisso fui deitar um pouquinho.

— Depois da música quero que você vá lavar as louças ordenou-lhe Dona Raquel.

— Está bem, disse Maria Clara, já que aqui em sua casa são os desejos de Renato que predominam, depois eu vou lavar as louças.

Maria Clara sentou-se ao piano, procurou reter as lágrimas que brotavam-lhe dos olhos. Seus dedos ágeis deslizavam no teclado. Sentiu dor de cabeça, o som do piano penetrava-lhe nos ouvidos e alojava-se no cérebro, parecia agulhas a perfurar-lhe os miolos. Agora, ela compreendia o suplício dos pobres para agradar os ricos. E há ricos incontentáveis.

Renato ouvia atentamente.

Quando ela parou de tocar Renato quis saber se ela tocava desde criança.

— A vovó tocava. A mamãe toca. E eu comecei estudar aos seis anos.

— Percebe-se. Meus parabéns.

Maria Clara fechou o piano e dirigiu-se ao Paulo.

— Vamos subir. Preciso falar-te.

Paulo acompanhou-lhe, iam galgando os degraus quando Dona Raquel impediu-lhes.

— Não, Maria Clara, desce que você vá lavar as louças.

Maria Clara desceu novamente e dirigiu-se para a cosinha. Dona Raquel acompanhou-lhe atenta como se fosse uma deusa grega. Disse-lhe: "eu gosto que lave as louças com água quente". Fiscalizava tudo, obrigando-a lavar novamente. Ela obedecia resignada.

Quando terminou pediu permissão para ir ao seu quarto.

— Vá depressa porque o Renato quer que você passe suas camisas. E ele não gosta de rugas no colarinho. Amanhã você vai encerrar a casa e limpar as vidraças.

Eu pagava uma senhora para fazer estes afazeres. Mas você está aqui, você faz.

Maria Clara e Paulo galgaram as escadas novamente. Quando entraram no quarto, fecharam a porta com a chave. Ela começou a chorar, abraçou o espóso e suplicou-lhe:

— Oh! Paulo, meu amor! Eu quero ir-me embora! Mal por mal prefiro o nosso quartinho. Ao menos, eu tenho sossego, posso dispôr da minha vontade. Não nasci para ser dirigida. Eu aqui não tenho tranquilidade. A tua tia quer transformar-me em ama-sêca dêste tal Renato. Ele é petulante.

Maria Clara se desmanchava em soluços.

— É um homem detestável. A gente pode apreciá-lo apenas por uns minutos. Ela pensa que é a única mulher rica neste mundo.

Paulo fitava a sua espósa, estava de pleno acôrdo com ela, e acrescentou:

— O dinheiro em excesso às vêzes deixa as pessoas estúpidas.

— Mas a tua tia não tem dinheiro em excesso. É uma burguesa enriquecida. Tipos incultos que quando enriquecem ficam desumanos.

— Querida Maria! Eu nunca fui rico. Não tenho autoridade para falar. Isto é com você e titia. Falei insensatamente uma vez. E as consequências foram funestas. Como as palavras arruinam um homem!

Paulo recordava da mentira empregada para conquistar as boas graças de Maria Clara: "Eu sou dentista". Agora é que compreendia a força que têm as palavras.

— Eu pensei que você estava apaixonada pelo Renato. Agora vejo que me enganai. Ele tem automóvel e é rico na verdade. Dizendo isso, abraçou a espósa e ordenou-lhe:

— Prepara as malas e vamos embora. Eu não sou rico. Mas o que eu puder fazer para contentar-te juro que hei de fazer com todo prazer.

Estas palavras tinha um calor de resolução. Prosseguiu Paulo:

— Você percebe que sou despresível, que não sou digno de você. Não nasci para ser chefe de família, eu não tencionava casar-me com você... Aliás, com ninguém. Não sonhava com as ricas e não desejava as pobres. Foi a fatalidade que nos uniu.

Maria Clara foi retirando seus vestidos do guarda-roupa e colocando-os na mala e murmurava um pouco mais calma.

— Não me adapto a ser dirigida. Eu não sei passar roupas. Nunca encerei casa. Sem muita cerimônia, desceram e foram procurar Dona Raquel para despedir-se.

— Oh! Que é isto? Exclamou a tia de Paulo, admirada. "Fica Maria Clara. Eu preciso de você. Infelizmente nós neste mundo vivemos precisando uns dos outros. Você é a pessoa que estava faltando-me. Agora a minha felicidade está completa. Você toca piano para agradar ao Renato. Faz o serviço doméstico, posso economisar um pouco. Depois o Renato vai sentir muito a tua ausência, vai ficar triste. E eu não gosto de vê-lo triste. Não vá insistir. É por ele que imploro-te! Ele vai fazer uma festa e conta com você para auxiliá-lo, convidou-te para tocar a quatro mãos.

Dona Raquel quando falava punha fogo nas palavras. Sorriu-lhe e perguntou a Maria Clara que trazia um ar de aflição por tudo aquilo.

— Você não acha o meu filho notável? disse Dona Raquel caminhando em direção do retrato de seu filho sobre um móvel da sala.

Maria Clara fingiu não ouvir.

— Eu quero que êle, se casar algum dia, que se case com uma moça rica. Eu já fui pobre e conheço as agruras da pobreza. Não quero que meu filho sofra o que eu sofri. Quantas vêzes desejei comprar algo e não podia. Sonhos de pobre não realizam. Se você fôsse rica eu gostaria de ter como nora você, compete com o meu filho na educação. Mas não compete em finanças. Você é atraente. É pena ser pobre.

Arrebatou-lhe as malas das mãos e ordenou-lhe enérgicamente:

— Vai passar as roupas! Porque essa pressa para ir embora?

Maria Clara já não podia suportar a presença de Renato, galgando as escadas novamente, Paulo conduzia as malas. Entraram no quarto e fecharam a porta. Ela deitou-se e começou a chorar.

— A única coisa que eu penso é no papai e na minha volta a seus braços. Tenho a impressão que estou num degredo. Que sou uma escrava ou uma encarcerada. Como deve sofrer a ave que quer voar e não pode. E o prisioneiro que anseia a liberdade. O paralítico que deseja andar, o cego que deseja ver.

— Todos nós temos uma prisão, ou de um jeito ou de outro, disse Paulo, com a intenção de confortá-la.

— Oh! Se eu pudesse conformar-me com esta vida! Tua tia prevalece da riqueza para nos humilhar!

Paulo suspirou tristonho, como que confirmando as palavras de Maria Clara e acrescentou:

— Todos os ricos são assim, minha filha.

Maria Clara ergueu os olhos em direção a janela e disse, entre murmúrios e soluços: — invejo as nuvens que seguem lentamente, livre de preceptores; e prosseguiu

lamentando: — Eu não conhecia a mania dos ricos porque quando somos ricos não percebemos o quanto a nossa exigência escraviza uma pessoa. Mas eu também obriguei muitos pobres a curvar-se aos meus pés. Eu era uma peitulante, igual ao Renato. O meu casamento com você é uma expiação daquelas faltas. Dizem que o que se faz paga-se. Agora estou quase acreditando nisso. Os ricos pensam que os pobres desconhecem os sentimentos; que são insensíveis. Aos ricos nunca podemos fazer advertências porque eles é que predominam. Agora que sou pobre é que tenho dó dos pobres. Porque compreendo o seu sofrimento. Quantos pobres não de estar ressentidos comigo. Mas eu nunca vi um rico mais cacetê do que o Renato. Ele não tem nenhuma qualidade para prender um coração feminino. E entre triste e arrependida ajuntou: — Se eu voltar a ser rica um dia, juro que hei de ser filantrópica. Eu nunca dei uma esmola a um pobre. O meu dinheiro era destinado ao luxo. Queria ser bonita, atraente para arranjar um namorado. Ela alisou os cabelos e concluiu:

— O que importa agora é sair deste cárcere.

Paulo estava horrorizado com a confissão de Maria Clara.

— Existem outros ricos piores de que a minha tia e do que o Renato. O teu pai é o pior rico que eu já vi porque tem jagunço.

Maria Clara sobressaltou-se com a revelação que ouvia, pensou um pouco. Depois defendeu seu pai com energia:

— Eu não sabia. Eu não creio, o meu pai é bom. Não tem coragem de eliminar um semelhante.

— É só você queixar-se ao teu pai que está sofrendo, ele manda eliminar-me, aduziu Paulo. O dia que você cansar-se de mim e quiser ficar viúva, é só procurar o meu

sôgro. É porisso que os jovens do interior não te namoravam. O homem que casasse com você e ficasse residindo perto do Coronel não ia ter tranquilidade de espírito, ia ficar neurótico, ia ficar louco. O teu pai prevalece do dinheiro e quer ser um semi-deus. Depois éle é coronel. Títulos que os homens inventaram para agradar tipos como o seu pai. E eu só dou valor aos títulos da natureza. Quem é poeta é santo porque são tipos humanos que têm dó dos pobres. A história não nos revela que os poetas são amigos dos opressores; pelo contrário, eles são amigos dos oprimidos. E as pessoas que santificaram-se mesclavam-se com os pobres.

Paulo ao dizer essas coisas punha um amargor na voz:

— E o teu dinheiro afugentava os pretendentes. Ninguém ousava casar-se com uma arquimilionária como você. Talvez o teu casamento comigo foi castigo de Deus para pagar os crimes que o teu pai deve ter cometido. Eu sendo o seu espôso não estou tranqüilo. Eu não aprecio as mortes trágicas. Mas tenho pressentimento que hei de morrer trágicamente porque tive a infelicidade de tornar-me genro do coronel Pedro Fagundes.

No ambiente, naquele momento, pairava uma atmosfera pesada e desagradável.

Paulo continuava:

— O teu pai está procurando-me. E quando encontrar-me há de matar-me. Só peço a Deus para êle matar-me logo. Não torturar-me como torturaram São Bartolomeu, Joana D'Arc, São Lourenço e outros. Êle pode eliminar quantas vidas quiser. Tem um grande defensor, "o dinheiro".

Dona Raquel bateu na porta. Paulo foi abrir.

— Terminou a conferência? Qual foi o resultado? Posso saber? Resolveram ficar? E Dona Raquel esperou a resposta.

— Eu vou estudar corte e costura, disse Maria Clara como quem contava um segredo. — Já paguei as aulas, preciso ir. A professora não gosta que as alunas faltem. Eu venho passar os domingos aqui com a senhora. Queria deixar aquela casa sem inimizar-se com Dona Raquel. Está claro que ela dizia isso de boca para fora. Mas tencionava não mais repôr os pés naquela casa.

— Quer dizer que você quer estudar corte e costura? perguntou Dona Raquel admirada.

— Quero, sim senhora.

— Você pode lecionar piano. É muito mais rendoso. E tem outro valor as pessoas que conhece música. Você pode lecionar no piano de Renato. Você limpa a casa de manhã e a tarde você leciona.

Maria Clara pensou: — Como é horrível as sugestões alheias. Ela sabia pensar e decidir seus projetos.

— Eu queria que você vivesse aqui como se estivesse na tua casa. Este é um dos bairros chiques de São Paulo, você deve sentir-se mal entre aqueles operários.

— Pelo contrário, gosto muito deles; pelo menos são simples e sinceros. A senhora já foi operária, não pode diminuir os seus ex-colegas de infortúnio.

Dona Raquel ficou vermelha. Corou, talvez de vergonha de um dia também ter sido uma operária e pobre, dizendo-lhe o seguinte:

— Fui e não tenho saudades. Quando a gente enriquece esquece estes pormenores desagradáveis.

E acrescentou: — Quem foi que falou que eu fui operária?

— A senhora. Ontem, quando eu folheava o álbum. Maria Clara começava antipatizar com Dona Raquel. Era jantanciosa. Dizem os filósofos que a mulher rica é mais vaidosa do que o homem. Que o dinheiro lhe turva a razão.

Vendo que não podia dormir foi até a janela contemplar as árvores frondosas que começavam florescer. Mas aquele quadro não lhe interessava.

— Bem, eu vou descer, disse Dona Raquel, e desde já aconselho-te a abolir o desejo de estudar corte e costura. O teu estado requer repouso.

Quando Dona Raquel saiu, Maria Clara resignou-se:

— Até que enfim ficamos sòzinhos. Acompanhava Dona Raquel com o olhar que descia as escadas com imponência igual uma rainha no castelo. Fechou a porta e suplicou:

— Paulo. Eu quero sair daqui! Você ainda não compreendeu isso. É a primeira e a última vez que hei de vir nesta casa. Não suporto esta mania de domínio. Paulo começou andar de um lado para outro.

— O teu pai, também dominava-me, por isso dou-te razão. Mas, eu não posso ir deixando a casa da titia, assim sem mais nem menos. Ela é vingativa. E eu preciso dela. Ela deu-me aquele quartinho. Bela dádiva... se eu fôsse rico dava-te coisas melhores.

— Um quarto que não se pode usar nem para quarto de despêjo. Se oferecesse aquele quartinho para as galinhas de papai tenho certeza que elas fariam greve em sinal de protesto.

Paulo meneou a cabeça várias vezes. É porque você não conhece a vida nas grandes cidades, casa é muito difícil e os preços são elevadíssimos. A noite iremos embora. Você está com sono. Deita um pouco para você descansar; você tem trabalhado demais. Nós os pobres temos que viver aproveitando as oportunidades.

— Não vou deitar. Eu estou tão nervosa que não encontro tranquilidade em parte alguma.

— É, Dona Maria Clara. Assim é a vida dos pobres. Uma vida agitada e cheia de sobressaltos e inquietações. Eu não lamento porque nasci pobre. E já me habituei com as reviravoltas da vida. Eu vou ocultar as malas no jardim. A noite eu saio na frente, você espera eu distanciar uns metros para você poder sair sem a tia perceber. Não faça ruídos quando pisar.

— Está bem, concordou Maria Clara. Nós podemos adotar o pseudônimo de "os fugitivos". Outro dia era você fugindo de papai por ser rico. E hoje sou eu fugindo de tua tia porque é rica. E quer oprimir-me. Que coincidência na nossa vida!

Paulo desceu com as malas, pisando com muito cuidado para não fazer ruído, chegou ao hall, abriu a porta e ocultou as malas atrás de um vaso de samambaia. Quando entrou na sala de jantar encontrou Dona Raquel tomando café, que ordenou-lhe:

— Vá chamar a tua esposa para vir tomar café.

— Ela está indisposta. Eu levo café para ela na cama.

— Ora... faça ela descer. Nem eu tenho essas finessas. Maria Clara já estava na sala e pendeu ouvir as últimas palavras de Dona Raquel. Seus olhares cruzaram-se.

— Oh! Venha tomar café, disse-lhe Dona Raquel, está quentinho.

— Obrigada, Dona Raquel. Não me apetece nada. O meu ideal era estar numa campina. Não sei o que se passa em mim. Anseio estar livre. Receber o sopro da brisa, correr livremente de um lado para outro. Tenho a impressão que estou encerrada num tubo. Maria Clara saiu para o jardim bruscamente.

— Vou andar na calçada e volto já.

Dona Raquel fechou a porta de mau humor.

Paulo saiu e retirou as malas e seguiu Maria Clara

que corria como se estivesse sendo perseguida por um exército. Vendo-a correr, Paulo sorria.

Maria Clara ocultou-se na esquina e esperou Paulo aproximar-se.

— Até que enfim livres. Livres como um passarinho. Até esqueço que sou pobre. Como é bela a liberdade, passei três dias na casa de tua tia, tenho a impressão que passei três mil anos! Não me sinto bem ao lado dela. Ela não articula o que diz e eu sou sensível.

Entraram no ônibus e dirigiram-se para o quartinho miserável de Vila Galvão.

Ela reclinou a cabeça no ombro de Paulo e sentiu sono.

Dona Raquel ficou impaciente com a demora de Maria Clara mas resolveu esperar, foi ao quarto dela, não viu as malas, disse:

— Ah! saíram. Foram-se embora sem sequer despedir de mim.

As dezoito horas Renato chegou para jantar. Despiu o paletó e dirigiu-se para o interior da casa, cheio de alegria egoística.

— Boa Noite, mamãe. Onde está a Maria Clara?

— Ela não está. Foi-se embora sem falar bolacha; nem os ví partir.

— Fez um papel ridículo, retrucou Renato cheio de indignação e braveza de rico. Saiu grosseiramente sem despedir-se. Ingratos!

— Ela está apaixonada pelo espôso. E aqui... eles não podiam continuar a lua de mel, ponderou Dona Raquel, já um pouco conformada.

Renato mordeu os lábios, ainda sob a influência de sua raiva impotente.

— Que qualidades possui o Paulo para merecer tão grande afeto? Beleza? Ele é muito bonito. Riqueza? Ele não possui um vintem.

As preocupações de Renato não eram normal nem cabível no caso. Renato sentia ciúmes.

— Paulo não nasceu para ser chefe de família. Quando a miséria lhes rondar a porta eles hão de nos procurar. Eles me pagam! Esperemos com paciência.

— Já que Maria Clara nos deixou, a casa perdeu o encanto. Como é horrível amar alguém que não nos é possível possuir, confessou Paulo. Oh! meu Deus, dai-me forças para esquecer aquela mulher. Mãe, eu vou lutar com o Paulo mas aquela mulher há de ser minha. Com ela a casa era alegre. Tínhamos boa música e boa prosa. E recriminou a própria mãe:

— A senhora devia agradá-la.

Houve um momento de silêncio e de inresolução.

— Bem, eu vou dar umas voltas; se ela voltar, peça-a para ficar aqui... pelo menos.

— Vem jantar, meu filho? É melhor esquecer esse episódio desagradável e dar o caso por encerrado.

— Eu janto na cidade. Até logo mãe. Renato saiu pensando. "Com certeza ela aborreceu-se de ficar retida. Ela é uma pequena notável, apesar de insensata e impulsiva. Esse gesto era a prova de seu norvosismo."

Dona Raquel ficou sozinha; sentou-se numa cadeira e começou a pensar na vida desajustada do filho. Revoltou-se contra Maria Clara. Ela só apreciava as pessoas que não maguassem o seu filho em nada.

Quando Maria Clara chegou no seu quarto reanimou-se. Solicitou ao espôso:

— Paulo, acende o fogo para aquecer água. Quero tomar um banho. Tua tia não me dava tempo para nada.

Ela é um agulhão. E como sabe dar agulhoadas na gente. Lá eu não dispus de tempo para abluir-me sequer.

Mais reanimada ordenou a Paulo que fôsse comprar leite e pão. Estava com fome. Lá em casa da tia se sentia tão mal que até perdia o apetite e o gosto pela vida.

— Oh! Como me horrísava aquela casa importante. Mil vêzes aqui no meu quarto onde tenho liberdade e vontade própria. Se eu fôsse rica, talvez ela me considerasse. Eu não me aborrego ao teu lado, porque você não contraria-me apesar da sua falta de energia para dirigir a casa.

Paulo saiu e foi fazer as compras. Demorou o menos possível. Estava com dó de sua espôsa por estar com fome. A fome é um monstro terrível que destrói nações.

Paulo preparou-lhe o banho. Ela deitou-se.

Ele pôs dois cobertores na cama. Deu-lhe café com leite. Percebia-se que ela estava abatida moralmente e fisicamente. Era por pensar em excesso nos problemas da vida.

Ela fitou as paredes enegrecidas e perguntou-lhe:

— Que dia é hoje?

— Quarta feira.

— A data do mês?

— Vinte e um de fevereiro.

— A minha mãe faz anos no dia dezessete de fevereiro. Será que o papai fez festa? A festa era na fazenda. O dezessete de fevereiro era o dia esperado pelos colonos porque era o dia dedicado a Dona Virgínia. O papai comprava bebidas. Era um comes e bebes que fazia gosto. Eu assistia aquilo desinteressada porque eu não tinha a exata noção da vida. As festas locais e populares tem um sentido social; é uma espécie de higiene mental. E a noite era o baile. Como era comentado as festas do coronel,

como diziam todos! Creio que os colonos devem extranhar as festas do coronel sem a minha presença. Devem estar comentando: "Onde será que está a filha do coronel?" Embora eu não participasse quase da alegria geral, não desagradava ser notada. Agora sou tratada como rebotalho e que tenho saudades de quando eu era causa de admiração.

— Olha a filha do Coronel! Que moça bonita, parece um anjo do outro mundo.

As idéias pareciam vultos de fumaça na cabeça de Maria Clara.

— Não sei. Não sei! Hoje... eu estou tão triste. Estou com saudades da mamãe! Nunca separei-me dela. Ela é tão habilidosa. Com prazer ela havia de confeccionar os casaquinhos para o nosso filho... Está fazendo-me falta. Minha mãezinha me faz e... acho que me fará falta eternamente. Estou com vontade de escrever-lhe uma carta. Quando eu estava atribulada os conselhos dela reanimavam-me.

Paulo acendeu um cigarro sem pensar em coisa alguma. Quando a espósa falava êle interrompia o que estava fazendo para ouvi-la.

— Se você escrever para a tua mãe, o teu pai ficará sabendo o nosso enderêço. É só o teu pai aparecer para eu desaparecer para sempre. Quando você por a carta no correio aconselho-te a comprar um vestido preto para o luto porque seu pai por certo há de querer me matar. Êle deve odiar-me tanto que há de querer por fim na minha existência. Reconheço que não sou o espóso ideal nem para você nem para teus pais. Não disponho de recursos nem para você divertir-se. Não apreciei os modos de minha tia em relação a você. Mas pode ficar ciente que os

nossos sofrimentos são idênticos. Somos como dois corações gêmeos. Paulo continuava:

— Se eu pudesse dava-te um palácio confortável. Você merece. É boa. Eu admiro-te porque você tem paciência, tolera-me. Outra já teria desaparecido. Às vezes penso como devo denominar-te: "santa" ou "heroína"?

Paulo falava com entusiasmo e com o ardor de um artista. E prosseguia cheio de bondade:

— Lamento não poder ao menos pagar uma lavadeira... Eu penso tanto em você. Se eu morrer, como é que você vai levar a vida? Não quero que se inclua entre os marginais. Se eu morrer, você não vacila, procura o teu pai. As mulheres que degradam-se não tem classe no mundo, onde a seleção impera. Você não é infeliz porque tem o teu pai. E eu? Não tenho ninguém.

Agora a voz de Paulo tinha um tom de mágoa, de derrota e de preocupação. — Sou preferido igual a falsa moeda. Não tenho pai, nem mãe, nem sogro, nem sogra. O olhar de desprêso de tua mãe revelou-me que ela não ia considerar-me; olhar que imprecionou-me. A única coisa que eu trouxe da casa do teu pai como recordação foram os insultos. O seu pai agiu severamente e desorientou-me. Sua mãe não quis me compreender; não teve complacência comigo. Quando percorro as ruas da cidade tenho receio de encontrá-lo, não é nada agradável a existência quando sabemos que temos um inimigo poderoso oculto na nossa própria sombra.

Paulo olhou a sua espósa que já estava começando a embranquecer os cabelos. Ainda não completara desenove anos. Êle, que nunca acreditou em velhice prematura! Maria Clara não tinha tido sequer o primeiro filho.

Paulo sem querer começou pensar no filho que ia nascer. Teve um caláfrio:

— Até eu vê-lo criado... O verdadeiro amor de pai, se mostra no instante de sustentar a prole. Dai o pensamento de Paulo.

— E um filho fica num preço extraordinário para um pai! Um homem bem empregado luta para criar um filho; quanto mais um que não tem emprêgo... A minha vida agrava-se cada vez mais. Este filho vai ser um transtôrno para mim. Uma criança quando nasce já é um consumidor. Enquanto mamar não é nada e... depois? Eu não posso enfrentar a vida. Não sei agir. Não tenho instrução, nem ação, nem resolução.

Pousou novamente o olhar no rosto de sua espôsa que estava difinhando-se. Os ossos de suas faces estavam salientes. Sentiu cansaço, deitou-se ao lado de sua espôsa. Não dormia. Pensava apenas que vinha de um passado triste para um futuro sombrio. Pensava. Nasci e cresci e não conheci a "felicidade". Vivi uma vida sem presente. Paulo estava com dois anos quando a mãe morreu. Não teve o apôio do amor materno. Os filhos criados com as mães levam uma existência mais amena. O amor de mãe ainda é tudo neste mundo.

* * *

Dona Raquel esperou o Renato a noite tóda. De manhã, ela e o seu espôso estavam inquietos. Ela lamentava:

— Meu Deus, o que será que aconteceu? Ele nunca dormiu fora de casa! É melhor você ficar em casa até êle chegar. Será que foi na vila procurar Maria Clara? Será que brigou com o Paulo e foram presos?

O senhor Gabriel concordou-se com esta segunda possibilidade. Mas ao sair acalmou a patroa.

As horas iam passando e as aflições de Dona Raquel iam multiplicando-se.

Ao meio dia o telefone tilintou. Era da polícia, avisando que o Renato estava ferido em consequência de uma trombada e pedia calma que a coisa parecia não ser tão grave. A voz era uma voz abafada e atrás daquela advertência, Dona Raquel parecia compreender tôda a extensão trágica do acontecimento.

Quando chegaram no hospital a enfermeira conduziu-lhes ao necrotério. Dona Raquel não teve dúvidas. Um sexto sentido, a intuição de mãe lhe confirmava o infausto.

Dona Raquel ficou nervosa quando viu vários corpos inertes em cima das mesas cobertos com lençóis. Suas pernas enfraqueceram-se. Seus passos eram vacilantes. O seu olhar triste pousava ora aqui, ora ali, fitando aquêle quadro tétrico.

A enfermeira retirou um lençol e Dona Raquel viu o corpo de seu filho. Mordendo os dedos e com os olhos lacrimejantes reconhecia o filho pelas roupas porque o rosto deformado pela pancada era quase irreconhecível. Atirou-se ao filho chorando e lhe chamando pelo nome num desespero espantoso:

— Oh! Meu Deus! Assim como ressuscitaste Lázaro ressuscita o meu filho. Era a única coisa de valor que eu tinha na vida. Minha bússola neste mar de misérias! Quando um filho morre, a mãe morre com êle. Filho é uma estaca que depois que nasce firma seus pais nesta vida. Deus deu-me apenas um filho. E agora arrebatou-o... Ontem eu supliquei para não sair. Êle não obedeceu-me. Êle, que sonhava com uma existência deslumbrante sem as desventuras que às vêzes não atinge; ter um fim trágico como êste.

— A realidade, às vezes é pior que a seta a nos re-
talhar o coração. É uma azagaia terrível.

Na saída do hospital Dona Raquel parecia ter enve-
lhido cem anos.

— Agora o mundo não mais interessa-me. Há golpes
tão profundos que nos atingem e nos rouba o prazer de
viver. Mandou transladar o corpo de Renato para a sua
casa.

Dona Maura foi correndo mostrar o jornal ao Paulo.
No retrato do jornal, Renato estava sorrindo. Ficaram atô-
nitos com a notícia. Maria Clara ficou pensativa. São as
ciladas da vida.

— Devemos ir vê-lo? Perguntou Maria Clara ao seu
espôso que estava lendo o jornal.

As mãos tremiam, nervoso e abalado, pensou um
pouco antes de responder-lhe.

— Na realidade não devíamos ir porque não sei como
é que a tia irá nos receber. Talvez queira nos culpar
pela infausta ocorrência.

— Mas por formalidade devemos ir, porque ele é
nosso primo, insistiu Maria Clara.

— Mas eu estou desanimado. Não mais tenho sequer
energia de outrora para dar um passo. Sinto que a vida
está fugindo-me. A tua tia já inspirou-me pavor, lembro-
me, disse Maria Clara, quanto mais agora. Meu Deus! Que
desastre!

Os inquietos reuniram-se e foram visitar o extinto,
mais por curiosidade do que por outro sentimento. Paulo
e Maria, embora apreensivos, foram. Parecia que iam en-
contrar-se com a morte, tal as preocupações que os tor-
mentavam.

Quando Dona Raquel lhes viu fulminou-os com um
olhar onde demonstrava a extensão de seu ódio. Mesmo

assim reuniu forças suficientes para perguntar, irada, e
montada no desespero e na sua superioridade:

— O que vieram fazer?

A pergunta foi direta e seca como uma bala.

— Eu não os convidei, prosseguiu, para presenciar
êste quadro que vocês criaram. Eu não os quero aqui.
Suas presenças, mais que piedade, me causam asco. Não
pretendo sentir outra coisa por vocês... se vocês não
fugissem como bichos éle não saia de casa. Veio procurá-la
para levá-la ao cinema. Os últimos pensamentos dêle fo-
ram dirigidos a você: "Se ela voltar diga-lhe para ficar...
e para sempre". Pobre filho! Querendo transformar a bur-
guesa em fidalga. Que papel ridículo vocês fizeram...
sairam sem despedir-se. São bem dignos um do outro...
não querem a minha casa... vocês que nunca residiram
numa casa decente e honesta. Estas últimas palavras eram
encendiadas pelas labaredas de um ódio mortal e irre-
conhecível.

Dona Maura aconselhou Maria Clara a retirar-se. Ela
obedeceu-lhe; saiu condoída e penalizada da desventura
de Dona Raquel. Não lamentava tanto de si própria, de
sua sorte de nômade, da sua pobreza. Maria Clara mais
que Paulo sentia profundamente o golpe.

Paulo amparou-a e foram andando unidos até ao
ponto do ônibus sem trocar palavras.

Ela curvou a cabeça para os passageiros não ver suas
lágrimas deslizar. Dona Raquel, lhe atirando ao rôsto que
ela era a causadora da morte de seu filho, lhe deixava
mal vista aos olhos dos vizinhos que comentavam tudo,
sempre aumentando um pouquinho. Ela ia ser o alvo do
disse me disse, tão comum nas habitações coletivas. Não
estava ressentida com Dona Raquel. Ela não podia domi-
nar a sua máguia e Maria Clara era o alvo. As mães

desejam a suprema ventura para os filhos, esquecendo-se que existe o destino.

Chegaram em casa, entraram e fecharam a porta. Paulo estava impaciente.

— Agora a tia nos enxota. E para onde havemos de ir? Peço-te não mencionar o nome de tia aqui na vila, é mais aconselhável. Aquêlê que ouvir irá contar-lhe, mas de outro modo. De outro jeito. E você percebeu que tia exagera os fatos. E eu não quero rivalidades. Ela não sabe perdoar. Se ela exigir o quarto temos que sair. Aqui não é grande coisa, mas não pagamos aluguel. Se ela vir aqui e nos atacar, você finge que não está ouvindo. Somos pobres, não temos direito de exaltar. Deu um suspiro e lamentou: Este casamento prejudicou a minha vida.

— Não, Paulo. A prejudicada fui eu, retrucou Maria Clara com energia. Eu é que sou a grande vítima.

A noite Dona Maura chegou e foi direta ao quarto de Maria Clara perguntando:

— Porque você não me disse que ia na casa de Raquel? Eu aconselhava-te para não ir. Eu a conheci desde solteira. Já trabalhamos numa fábrica como tecelã. Ela teve sorte, casou-se com um homem rico, ficou petulante. Ela não soube educar o filho. Você nada tem que ver com as ocorrências.

Maria Clara ficou mais confortada com as palavras amigas de Dona Maura.

— Obrigada, Dona Maura. Algum dia hei de retribuir tudo que a senhora vem fazendo por mim. E adiantou mais segura de si mesma: Eu não podia aceitar as propostas indecorosas de Renato: O Paulo é um homem sem ação. Não defenda-me. Eu é que tenho que lutar sôzinha. Ele queria levar-me aos dancings e eu reprovo êste gênero de

diversão. Obrigava-me a ingerir bebidas alcoólicas. E o meu estado não me permite. Dava-me náuseas.

Dona Maura fitava o lindo rosto de Maria Clara que estava transfigurando-se igual a uma flôr quando vae perdendo o viço.

— Você fez bem em recusar. Isto prova o valor de tua formação moral. Ninguém tolera a Raquel com a sua mania de nova rica.

Mesmo assim por vários dias lamentava-se a morte de Renato. Foi motivo de longos e intermináveis comentários.

Maria Clara conservava a porta fechada para não tomar parte nos comentários que poderia ser fatal para ela, que já estava começando a compreender que a felicidade não era a sua amiga.

Os credores de Renato apresentavam contas fabulosas.

Dona Raquel ficava apreensiva mas precisava pagar para reabilitar a memória de Renato. Vendendo o automóvel a baixo soldo, não cobriu as dívidas. Foi obrigada a vender as suas jóias e os objetos artísticos que adquiriu na Suíça.

— Fui pobre, enriqueci, parece que estou voltando a pobreza novamente. Que sensação horrível. Deus que me perdoe!

Dali há uns tempos, o tio, foi visitar Maria Clara que recebeu-lhe amavelmente.

Disse-lhe de início:

— Eu gostei de você. Não sensurei-te quando você fugiu lá de casa. Eu já estou habituado com estas fugas. As criadas fogem. E eu... de há muito já devia ter fugido, se não quizesse honrar as calças que eu tenho. A Raquel perforce ao tipo das mulheres arrogantes e presumidas.

E começou a falar do seu passado. Que a Dona Raquel foi a culpada da derrota do seu filho. — Tudo que nos

atinge é ela quem promove. Criou o Renato com muito mimo. Ele tornou-se homem sem conhecer a realidade da vida. Eu não tinha permissão para fazer-lhe uma observação que ela interferia; se eu insistisse era briga formada.

E continuou a subir pelo muro das lamentações:

— Eu não tive o direito de educar o meu filho. Percebi que não faz bom negócio quem casa nesta família. Eu era rico e casei-me com Raquel, que era pobre. Ela passou a dominar-me. E para evitar discórdia eu não reagia. Vi o meu filho crescendo orientado por uma mãe desorientada. Eu punha-me a pensar: "Ela está lhe conduzindo ao precipício. Deus queira que me engane".

— A Raquel casando-se comigo modificou por completo o curso da minha vida. Só ela lucrou-se com a ditosa união; ficou rica e com nome. Mas eu não quero recordar os momentos amargos que tenho passado.

Maria Clara fitava o seu tio. As rugas e os cabelos brancos já estavam manifestando-se. Notava nêla a personalidade de um homem bom e pacífico.

Como de costume, Dona Raquel foi receber o aluguel. Usava um vestido preto. Estava sem jóias. Ela, que quando saía na rua parecia um basar, procurou Paulo e entregou-lhe a conta.

— Agora vocês precisam pagar o aluguel. É um pecado ser filantrópica com vocês que são jovens e podem trabalhar. A ociosidade é prejudicial à saúde. Não quero ter parentes com cara de vagabundos. Precisamos exercitar o organismo. — Fitou Maria Clara com os olhos semicerrados. — Não tolero a tua presença!

As palavras brotavam-lhe com a fúria de um corisco.

Continuou com o seu resmungo:

— Você não quis ficar na minha casa porque não gosta de trabalhar. Prefere dormir o dia todo. Eu queria

você na minha casa para auxiliar-me a regenerar o meu filho. Você não avalia a extensão da minha dor. Ainda não é mãe. Desconhece o sentimento materno que transforma a mulher em escrava e em heroína. Eu não fazia questão de ficar na miséria mas, queria o meu filho ao meu lado; por êle eu enfrentaria qualquer espécie de trabalho. E sem esperar por resposta concluiu: — Eu estou esperando o dinheiro do aluguel.

Maria Clara abriu a bolsa e retirou quinhentos cruzeiros e disse-lhe:

— Eu pago cinco meses, assim não lhe verei por mais tempo.

Dona Raquel fingindo não ouvir replicou:

— Eu não admito atraso. Quando venho aqui, quero receber.

Paulo respirou mais aliviado dizendo:

— Antes assim.

Dona Raquel saiu sem despedir-se.

— Paulo! Paulo! vê se arranja um emprêgo ao menos para pagar o aluguel...

— Está bem. Eu vou dar um jeito. A única coisa que peço-te é não relatar a tua descendência.

— Ora, Paulo. Eu não sou insensata assim. Se eu dizer que sou rica, ninguém vai acreditar. E eu não quero cair no ridículo.

E os dias foram passando. E Dona Maura sempre boa para Maria Clara lhe auxiliava nos últimos dias de gestação. Dizia-lhe:

— Eu gosto de você porque sabe guardar segredo, por isso não receio dizer-te o que penso. Você é uma urna. As vezes penso que Deus castigou a Raquel. Ela melhorou suas condições de vida e não mais olhou os que sofriam. Nós eramos amigas de passeio; depois que ela casou-se,

desprezou-me. Não convidou-me para visitar sua residência. Mas o melhor advogado é Deus. E lhe fez sofrer o dâbro. Deus não castiga ninguém sem um justo motivo; porque Deus é sábio.

Maria Clara começou a sentir os extortores do parto: era uma hora da manhã.

O Paulo foi despertar a Dona Maura. Ele queria procurar a tia Raquel. Maria Clara recusou:

— Não. Não. Eu prefiro a Dona Maura. É mais compreensível. E até aqui é sempre ela que tem nos auxiliado. Ela nunca recusou-me um favor. A tua tia não veio ao mundo para favorecer ninguém. E se ela favorecer-me há de querer-me transformar em escrava. Ela já tem a alma de escravocata.

Paulo levantou-se de mau humor. É que eu queria dar a criança para ela batizar e o afilhado de um certo modo preenche a vaga de um filho, no caso de Renato. E, no futuro, poderá nomeá-lo seu herdeiro. E ela não nos cobrava o aluguel. Estes cem cruzeiros que damos todos os meses faz falta em casa. Agora que estamos aumentando precisamos estar sempre prevenidos. Uma criança poderá adoecer de um momento para outro.

Maria Clara alterou a voz:

— Vae, Paulo, chamar a Dona Maura. Deixe os teus argumentos para depois.

Paulo abriu a porta, recebeu a rajada de vento gélido que arrepiou-lhe a carne tépida. Quando ele bateu na porta e chamou-lhe, Dona Maura reconheceu-lhe a voz e abriu-lhe a janela.

Paulo citou o estado físico de Maria Clara.

Dona Maura saiu às pressas, dizendo:

— Anda Paulo, vae procurar a parteira e um médico. É melhor tomar um taxi. E não demora. Hoje você precisa agir.

Paulo ia recebendo as palavras de Dona Maura, como aguilhoada a perfurar-lhe o cérebro. E o seu pensamento retransmitia-lhe: parteira, médico, automóvel. Onde ia arranjar dinheiro? Saiu sem destino, passou o resio da noite andando como sonâmbulo. Dona Maura ficou quase louca. Vendo que Paulo não aparecia, ela mesmo pegou a criança e cuidou dos primeiros curativos. E cuidou de Maria Clara como se fôsse sua própria filha.

Era um lindo menino.

Os vizinhos vieram visitá-la. Uns dava-lhe talco, sabonete e roupinhas.

Carlos foi visitá-la. Disse-lhe:

— Sei que você detesta-me, mas mesmo assim vim visitar-te e dar-te um pouco do dinheiro que consigo com o meu trabalho. Se eu pudesse, dava-te mais. Mas com este dinheiro você pode restabelecer-se sem preocupações. As mulheres neste estado requer tranquilidade de espírito.

Dizendo isso entregou quinhentos cruzeiros.

— Agora eu quero ver o recém-nascido. Fitou a criança e disse:

— Você precisa crescer depressa para auxiliar a tua mãe. Eu hei de conseguir um emprêgo para você. Nós dois vamos ser amigos. Com um ano de vida ele já estará andando. E há de acompanhar-me até o armazem para eu lhe comprar um doce. Ele é o inquilino mais novo aqui da vila.

Maria Clara sorria.

— Se precisar de auxílio, continuava, eu estou às ordens. Eu gosto da senhora porque passa privações e não

se transvia. Não sei como classificar-te a tua tolerância com o Paulo.

Depois de dizer mais algumas palavras amigas e olhar a pobreza do ambiente, despediu-se e saiu.

Maria Clara estreitou o filho nos braços contemplando suas mãozinhas minúsculas e alvas.

Todos procuravam servir o casal nesta hora difícil.

O senhor Gabriel foi visitá-la e deu-lhe dinheiro.

Pouca coisa é verdade.

Todos estavam horrorizados com a ausência de Paulo.

E os comentários eram-lhe desfavoráveis. Cada mulher dava uma opinião:

— Se eu fôsse Maria Clara, eu não queria ver mais este Paulo. Que homem!

— É nesta hora que o homem prova se tem amizade a mulher. Mas, graças a Deus ele não fez falta. Tudo correu bem.

— Dá gosto auxiliar a Dona Maria Clara porque ela sabe agradecer.

Maria Clara mandou Dona Maura registrar o menino:

— Quero o nome de meu pai, Pedro Fagundes Neto.

Três dias depois, o Paulo apareceu todo amarrutado, sem escanhoar-se. Pegou o filho e deu-lhe um beijo.

Maria Clara vivia ao lado de Paulo por viver. Não lhe tinha afeto. Mesmo assim observou:

— Bonito! Hem, senhor Paulo! Que papel ridículo o senhor fez. Não sei como é que pode nascer uma pessoa com alma tão inferior, igual a tua. Os teus atos sempre te diminuem aos olhos dos outros. Mesmo que eu quisesse enaltecer-te você não coopera. Você mesmo se desclassifica. Não há possibilidades de reabilitar-te. Você não contribui. Eu não tenho leite. E você é o causador. Fiquei nervosa com a tua indiferença. Tenho que criar o meu filho

com leite artificial. Agora eu sei que não posso contar com você para nada. Já faz um ano que estou mantendo-te e os gêneros estão acabando. Já estou exausta. Você é o chefe da casa. Deve agir, provar que está vivo. Você procedendo assim obriga-me a escrever a papai. Com você... é loucura ter clemência.

Dona Maura entrou com uma bandeja de sopa, pão e leite:

— Oh, senhor Paulo! Daqui para o futuro não hei de confiar nada mais; o senhor revela-se dia a dia.

Depositou a mamadeira no criado mudo. Disse com voz carinhosa como se estivesse dirigindo a sua filha:

— Come, Maria Clara, enquanto está quentinho. Eu vou preparar a mamadeira para o Pedrinho.

— Ah! Você pôs o nome de teu pai? perguntou Paulo meio descontente.

— Sim, porque foi eu o único homem bom para mim neste mundo. Só agora percebo o quanto papai amava-me, pelo desvêlo com que tratou-me merece seu nome ser sempre lembrado na família. Se ele nos encontrar algum dia há de ficar contente com o neto que tem o seu nome. Preciso conquistá-lo. Quero amizade de papai. Agora é que compreendo que ele desejava o meu bem estar. E eu pensava que era implicância. Eu era inocente. Não compreendia que ele desejava a minha felicidade, pretendo ajoelhar-me aos seus pés e suplicar-lhe o seu perdão por não ouvir os seus conselhos. Os conselhos paternos tem mais valor que um diamante. O meu gesto impensado deturpou a minha vida.

Os meses foram correndo e o Pedrinho ia desenvolvendo-se. Com o dinheiro que ganhou Maria Clara comprou um bêrço e brinquedos para o filho entreter-se.

Ele já conhecia todos de casa. Quando via dona Maura exclamava:

— Olha a vovó!

Se o menino adoecia, ela não retirava o rosário das mãos. Dizia:

— Onde a medicina falha, o coração vence.

Maria Clara ficava preocupada por não ter recursos para comprar remédios, ficava perambulando pelos hospitais filantrópicos. Quando chegava em casa estava exausta. Perpassava o olhar no seu humilde quartinho. Que desordem! As roupas espalhadas. E o Paulo dormindo. Dormindo como um animal.

— Ter um espôso assim... mil vezes ficar solteira, livre, percebo que estou me extinguindo. A deficiência de alimentos atrofia o organismo. E se eu deixar de viver... quem irá cuidar pelo meu filho? Fica sozinho neste mundo. O Paulo não sabe amar e nem sacrificar-se por alguém; há de desfazer-se do menino entregando-o a qualquer pessoa que lhe pedir.

— Um filho é a semente humana que merece todo afeto e cuidado paterno. No lar onde nasceu uma criança é um elo unindo os casais. Filhos não se dá sem se averiguar se as pessoas que vae criá-los são cultos e generosos e compreensíveis. Um órfão não é um escravo. — Oh! Meu Deus! Porque me enviaste êste filho? Porque meu Deus? Reconheço que um filho proporciona muitas alegrias aos pais. Mas êste veio multiplicar o meu sofrimento. — Não posso enfrentar a vida sozinho. Que saudades que eu tenho de residir novamente numa casa confortável! Estou farta dêste quartinho!

Quando não tinha dinheiro para comprar leite ela chorava com o filho nos braços, coçava a cabeça e os cabe-

los despenteava-se, caindo nos ombros. Descalça, com os olhos fitos ao céu, dizia:

— Oh! Meu Deus, eu não quero enlouquecer. Eu tenho um filho para cuidar. Dai-me forças para enfrentar essa grande luta... que é a vida de miséria que eu vivo.

Ela foi preparar a mamadeira. O dia que não tinha dinheiro, ela dizia:

— Hoje eu escrevo ao papai. E seja o que Deus quiser. E assim ela ficava mais calma. Suas idéias eram confusas, esperava que um dia o Paulo decidia trabalhar. Ajoelhava e suplicava:

— Oh! Deus, vós que amparai os fracos, tendes compaixão de mim. São Judas Tadeu faça o Paulo trabalhar! Eu preciso, devo e quero ser "Feliz" já que não me foi possível ter um lar alegre e bem construído. E eu ponho nove velas queimar para o senhor. Esta cruz é pesada demais para mim.

E a esperança que ela alimentava foi cedendo aos poucos. Quando a casa estava em desordem, Paulo saía e passava o dia fora; se êle ficasse em casa ela lhe obrigava a fazer o serviço doméstico. As vizinhas achavam graça vendo-o de avental lavando as panelas e as crianças afluíam-se dizendo:

— Paulo virou mulher! Paulo virou mulher!

As mulheres que residiam na vila deixavam suas ocupações para apreciar as chacotas das crianças. Diziam:

— Ê... não presta para uma coisa presta para outra.

Paulo ficou preocupado quando viu o contentamento de Maria Clara. Ela estava cantando.

— A nossa indignância não nos permite ser alegres, disse Paulo. A nossa preocupação aumentou-se, será início de loucura? Maria Clara estava cortando papel de seda para fazer flores e enfeitando os móveis.

O quarto tomou outro aspecto.

— A nossa vida vai modificar-se, dizia Maria Clara.

Vendo que ela estava alegre, Paulo resolveu falar-lhe:

— Você deve dizer nossas vidas porque eu também pertencço à família. Reconheço que não tenho nenhum valor, mas sou teu espôso. Por isso creio que tenho alguns direitos sobre você. Paulo com essas palavras pretendia preparar ambiente para observar:

— Posso saber do que se trata?

— Não é um segredo e ao mesmo tempo quero fazer-te uma surpresa.

— Que não seja outro filho, crianças dá muito trabalho e preocupação.

— Eu sei, Paulo. As pessoas desditosas não devem ter filhos em excesso. Ainda mais quando os pais são indigentes.

Paulo já estava habituado com as observações de Maria Clara. Não resentia. Fingindo não compreendê-la, prosseguia sem demonstrar aborrecimentos.

— Paulo, já faz tempo que estou para lhe perguntar. Quando estiveste na minha terra, onde é que você se hospedou? Você não tinha dinheiro.

— Eu dormia dentro da igrejainha do cemitério.

— Mas Paulo! Que coragem! Você não tinha medo?

— Não, foi o único lugar que realmente gostei e gosei tranquilidade. Os mortos não me censuram, não acharam os meus defeitos. Não me fizeram observações.

Paulo tinha um certo prazer diabólico em relatar estas coisas.

— Oh! Paulo, então você acha que eu não sou tua amiga? Qual é a mulher que ia suportar um homem como você? Eu não posso enaltecer-te porque você procura os meios fáceis para viver. Você é um homem que se

acomoda com qualquer coisa. É um homem assim não vence. Eu pensava que os homens eram todos iguais. Ela ajeitou os cobertores para aquecer o filho que dormia.

— O que é que pretendes dizer-me? perguntou Paulo preocupado. Paulo levantou-se da cadeira que estava sentado e sentou-se na cama ao lado dela e acariciou os seus cabelos grisalhos, como se já adivinhasse a resposta.

Mas ela já estava tão desiludida da vida que as carícias daquele homem já não lhe fazia vibrar.

— Olha, começou Paulo calmamente, você que não sabe viver com pouco dinheiro pode sentar-se nos viadutos e pedir esmolas. Agora Você tem a criança e os ricos condoem-se. Você deve ir tôda esfarapada. Leva a criança; quanto mais suja, melhor. Existe muitas mulheres que vivem assim e ganham muito dinheiro. E nós podemos até comprar uma casinha ou um terreno. Parou de falar e ficou aguardando a resposta. Vendo que a sua espôsa não respondia perguntou-lhe em tom mais enérgico:

— Você não compreendeu-me?

— Compreendi, sim, Dr. Paulo! O senhor quer transformar-me em mendiga, mas se fôr para eu me transformar em mendiga e recorrer a caridade pública creio que devo recorrer ao meu pai. Eu estou adornando o quarto porque vou passar-lhe um telegrama. Ela começou a chorar.

— Lágrimas não solucionam. Devemos tomar uma resolução, continuava Paulo. No início você pertubase, depois vai habituando-se.

— Sabe, Paulo, tem hora que você repugna-me. Oh! meu Deus! isto não é vida! Você quer transformar-me em escrava. Quer tirar proveito da minha ingenuidade. Oh papai. Papai! vem socorrer-me porque estou num abismo! Que ações medíocres! Que tortura mental pungente que proporciona o Dr. Paulo Lemes...

Quando Maria Clara tratava-o de "Dr. Paulo", éle silenciava, reconhecendo que o homem que não diz a verdade perde a força moral. A língua é a tocha do corpo humano que prepara uma fogueira para queimar-lhe enquanto vive. Paulo era um homem que falava pouco, mesmo assim arruinou-se com estas palavras: "Eu sou dentista"!

Retornemos a casa do coronel Pedro Fagundes Filho, após a fuga de sua filha.

Vendo que o choque que a sua esposa recebeu era fatal ficou agitado. No Hospital fizeram junta médica para averiguar a causa mortis porque ela não era mais deste mundo. Ela sofreu um desgosto profundo que alterou o ritmo do organismo. O coração não resistiu. Houve uma agitação interna provocando hemorragia. Mesmo na presença de um esculápio nada podiam fazer. O coronel sentou-se numa cadeira e ficou meditando.

Os colonos foram dar o último adeus a Dona Virgínia, estranhando a ausência de Maria Clara; mas não comentaram.

Três dias depois, o coronel foi na fazenda. Mandou chamar o seu colono mais velho e disse-lhe:

— Eu vou empreender uma longa viagem. Você vem residir aqui na fazenda para tomar conta dos meus pertences. Quero que administre as lavouras e o teu genro Norberto vai tomar conta da casa da cidade. Vou procurar o homem que casou-se com a minha filha. Temos contas a ajustar. Éle foi o causador da morte de minha esposa.

Joel instalou-se na fazenda e Norberto transferiu-se para a cidade. O coronel preparou as malas e partiu para São Paulo.

Instalou-se no "Cliris Hotel".

A noite éle ia ao cinema procurando a sua filha porque éle sabia que ela adorava o cinema. Seis meses seguidos o coronel visitou todos os cinemas de São Paulo. Depois passou a ir aos teatros. Pensava: — Se éle é rico, deve frequentar a alta sociedade. Percorria as filas de ônibus, lia os jornais e comprou um binóculo.

Quando ia ao Municipal, sentava nas galerias e olhava todos os casais que chegavam. Não prestava atenção a ópera, seu objetivo era a sua filha. Já havia decorrido um ano que éle andava de um lado para outro. Até os funcionários do hotel lhe alcinhavam: "o judeu errante".

Pensou éle: — Disse-me que é dentista, vou procurá-lo em todos gabinetes dentários, quem sabe se encontro. — Citava aos dentistas que estava procurando um senhor por nome Paulo Lemes que disse-lhe ser dentista. Pedia que se conhecessem algum dentista de nome Paulo Lemes que lhe avisasse que ganhava 5 mil cruzeiros. Contratou um motorista para conduzi-lo nos bairros de São Paulo.

O motorista vagava o dia todo com o coronel. E a tarde recebia. O motorista foi conhecendo o drama do coronel. Um dia convidou-o para visitar a sua casa. O coronel aceitou, estava horrorizado com as desorganizações que ia observando na Capital.

— Então é isto o São Paulo!

Apreciou a casinha modesta do motorista, seus quatro filhos. O mais velho estava estudando o curso superior. O coronel disse-lhe:

— Vocês que são estudantes dão mais valor a cadeira escolar para pagar meia entrada nos cinemas do que para acompanhar as notas. Será que você sabe resolver a matemática alta?

Ao voltar ao Hotel ordenou ao motorista:

— As oito da manhã quero que esteja na porta.

Já havia completado um ano que o motorista não comparecia ao ponto. As vezes o coronel entrava num gabinete dentário e o dentista expulsava-o revoltando com a sua insistência:

— O senhor já estêve aqui; tenho mais o que fazer. E o coronel que estava habituado a ser tratado com frases de gases, ia odiando o Paulo cada vez mais. Quando aparecia algum crime em que envolvia uma mulher branca, lá ia o coronel examinar o cadáver.

Pediú auxílio a polícia. E todos os dias ia saber se haviam localizado o casal Paulo Lemes e Maria Clara. Retornava ao hotel às duas da manhã.

O motorista dizia-lhe:

— Onde é que o senhor encontra tanta resistência?

O coronel suspirava e respondia:

— Nunca pensei que ia ter uma velhice tão agitada. Hoje vamos visitar a escola odontológica e sabe se por lá estudou algum Paulo Lemes.

Depois de exaustivas buscas não encontraram. Mas o arquivista foi bem recompensado.

— Quem sabe se êle estudou no Rio? Vou comunicar-me com a escola de lá. E de tanto andar na chuva o coronel apanhou uma pneumonia que o deixou vários dias de cama.

Quem ia visitá-lo no hospital era o motorista que já gostava do coronel. Levava-lhe as correspondências e jornais e passava horas e horas conversando.

— O senhor é o meu melhor amigo e o melhor amigo que já tive até hoje.

Com o dinheiro que recebi do senhor, comprei uma casa. Agora estou livre do aluguel. Depois que conheci o senhor posso dizer que sou um homem feliz. Reservei um quarto para o senhor se quizer residir comigo. A

minha espôsa é boa cosinheira, ela cuidará do senhor. Quem trabalha para o senhor não precisa fazer economia porque é bem remunerado. Hoje eu fui a polícia, a tua filha não apareceu por lá. Eu vou-me embora e deixo o telefone na portaria. Se o senhor precisar de alguma coisa avisa-me. No início eu servia o senhor por interêsse, agora é por amizade. Quero cooperar na descoberta de tua filha.

O coronel andava tão nervoso que preferia pensar do que falar.

O motorista saiu, êle ficou conversando com a sua consciência. Examinando o seu passado porque êle estava sofrendo. Não recordava de haver prejudicado um semelhante. E dizia consigo mesmo:

— Será que Paulo é um desocupado? Será que êle eliminou a minha filha para livrar-se dela? será que obrigou-a a prostituir-se? Têm várias espécies de homens no mundo. O homem que espolia uma mulher não é um homem, é um verme. Quando eu restabelecer, vou procurá-la nestes antros.

Quando o coronel decidia percorrer um local ninguém retirava a sua resolução.

— Para mim, continuava consigo, aquêle homem era um forasteiro. Suas ações comprovaram minhas suspeitas. Ele pertence aos tipos que aprendem ler e não se ilustram e ficam jactanciosos pensando que são sábios e são verdadeiros asnos.

Quando o motorista foi visitá-lo ficou admirado vendo o coronel vestido para sair.

— Vamos percorrer os lupanares. Quero saber se êle abandonou a minha filha e ela degenerou-se.

O motorista mordeu os lábios e disse-lhe:

— Mas eu não conheço estas casas. Quem pode conduzir o senhor é um investigador.

O coronel foi ao gabinete requisitar um.

Quando o coronel entrava nestes antros, as beldades acariciava-o. Todas queriam ser a predileta. Ele repelia, enojado. Dizia-lhes:

— Eu passei por aqui só para pagar bebidas para vocês. Quero ver todas mulheres beber, até as criadas. Gosto de olhar as mulheres bonitas.

Era uma agitação, aparecia várias garrafas e copos. Ele fitava uma a uma.

— Não tem nenhuma doente? perguntava. Se tiver eu mesmo vou levar-lhe bebida.

— Vocês são as únicas que residem aqui ou algumas saíram para fazer compras?

— Somos as únicas.

— E vocês são de São Paulo?

— Nós somos do interior que viemos para São Paulo para trabalhar. E elas iam citando o local de nascimento.

— E é este o serviço que vocês encontraram em São Paulo?

Elas iam citando suas desaventuras na cidade "grande":

— Eu vim a São Paulo com os patrões. Não concordei com a patroa e deixei o emprêgo.

— Porque não procurou o teu pai?

— Eu já amava São Paulo, que é uma cidade fabulosa. Tem diversões de todas as espécies. Depois arranjei um namorado e fui viver com ele. Quando fiquei gestante, ele me abandonou, e eu não podia trabalhar. Não tinha onde dormir, ia pernoitar no albergue. Quando a criança nasceu, eu ia pedir esmola com a criança nos braços. Ganhava muito dinheiro, mas depois a criança morreu. Eu não tinha experiência da vida, se eu estivesse com a minha mãe ela auxiliava-me a criar o meu filho. Criança requer

um berço para repousar, horário de refeições. O meu filho foi atrofiando-se e morreu.

— E você, porque não procurou trabalho em vez de comercializar o teu corpo?

Eu já estava habituada a vadiar.

— Eu sou do interior. E vou aconselhar aos chefes de família que não deixe as suas filhas inexperientes vir para São Paulo. É uma cidade que lhes arruina a vida para sempre. E o homem que prevalece das infelizes do interior não é homem, é um animal. Ele não vê na mulher que vai infelicitá-lo uma compatriota. Uma mulher que nasceu no seu próprio país, que não tem experiência na vida e devemos ser superiores, moralizando o nosso povo, não infestando o nosso país de meretrizes. O coronel pagava as bebidas e retirava com os olhos fitos no solo.

O inspetor já estava aborrecido com aquelas investigações, mas era bem remunerado; tolerava. Almoçavam nos melhores restaurantes e ele foi compreendendo que estava sendo beneficiado com o coronel que pagava as despesas diárias. Andava de carro. Fumava os cigarros finíssimos que o coronel comprava. O coronel já estava desanimando-se. Mas pensava:

— Se eu não encontrá-la, não terei tranquilidade. Será que a minha filha ainda conserva aquelas belas qualidades que herdou de sua mãe?

— Será que corrompeu-se? Será que suicidou-se?

A noite tinha sonhos horríveis, sonhava que havia encontrado a filha toda estragada. Toda desfeita. As vezes sonhava com Dona Virgínia chorando suplicando-lhe para não desistir de procurá-la até encontrá-la que ela estava sofrendo muito, e chorando muito. Despertava banhado de suor. Enviava uma prece a esposa e pensava:

— Estes sonhos são advertências. Se enriqueci é porque a Virgínia instigava-me a luta. E agora depois de extinta encoraja-me para prosseguir na busca.

O homem necessita ter uma esposa e filhos para não envelhecer sozinho. Como é horrível a solidão! Ela gostava de cantar e tocar piano. Quem sabe se abraçou a carreira artística?

Começou a percorrer os palcos, os Teatros, as estações de rádios, circos e televisão. E assim passou outro ano.

O inspetor já estava farto daquelas buscas inúteis. Pensava:

— Este homem nunca foi pai. Obscado pela riqueza, procura esta filha imaginária. E este homem deve ser louco. E existem várias espécies de loucuras. Mas ele é inofensivo. E... então não é um louco. Deve ser maníaco. Mas um maníaco não chega a coronel. Bem, isto é um quebra cabeça sem solução.

Admirava a prodigalidade do coronel que gastava sem refletir. Quando iam na casa do motorista passava horas brincando com as crianças que sorriam e diziam: — "chegou o vovô bonzinho. Chegou o vovô rico". Amarrotavam-lhe o vínculo da calça. Pensou:

— Quem sabe se ela procura criados? Se eu fôsse nas agências de emprêgo talvez descobrisse o seu endereço. E lá se foi o coronel percorrer as agências: "Nós só recebemos os números das casas e os nomes das ruas por isso é difícil indicar ao senhor". Interrogava as criadas se não conheciam uma senhora por nome de Maria Clara que ele gratificava com cinco mil cruzeiros.

— Oh! meu Deus! Só falta suplicar aos astros para auxiliar-me.

O coronel percorria o bairro da Luz e os inferninhos observando aquelas jovens que habitavam aquelas espe-

luncas, condenando tudo aquilo porque está próximo do palácio do governo, local impróprio para as cenas pornográficas. Dizia ao motorista:

— Se eu fôsse governo haveria de moralizar esta cidade.

Resolveu descansar uns dias na sua fazenda. O inspetor e o motorista acompanharam-lhe:

— Já habituei com vocês. E vocês precisam de um descanso. O motorista deve estar exausto porque está ao meu dispor seis anos. Mas o inspetor já está habituado a investigar.

— Eu confesso, já estou fatigado. Eu gosto de solucionar tudo com rapidez, realizar as coisas dentro de vinte e quatro horas. E os anos passam e não consigo encontrá-la, lamentava o inspetor.

— Quando ela saiu de casa era muito bonita, prosseguia o coronel, será que ela já é mãe? Será que os filhos vieram normais? Será que já sou avô? Será que vou ter o prazer de abraçar um neto? Meu Deus, a infelicidade marcou encontro comigo na velhice.

Chegaram na fazenda. A primeira pergunta que o coronel fez foi:

— A minha filha escreveu?

— Não senhor.

Aquilo foi uma hecatombe na sensibilidade do coronel que deixou-o desolado.

Passava os dias percorrendo os lugares prediletos de sua filha. Os arvoredos com seus galhos frondosos onde ela sentava unida ao tronco para bordar seus vestidos. As abelhas vinham acariciá-la, confundindo-a com as flores. O balanço onde ela gostava de balançar. O piano e seus retratos adornando os móveis, os guardas roupas com vários vestidos. Seus trages para andar a cavalo.

Na casa da cidade o quarto estava como haviam deixado. As gavetas abertas e os jornais espalhados pelo assoalho. Tudo coberto de pó. Guardou as chaves no bolso.

“Quem há de vir fechar estas gavetas há de ser a Maria Clara”. E o olhar do coronel circulo; deu um longo suspiro e pensou: “Depois que conheci São Paulo é que adoro este silêncio. Se São Paulo é sacrificado para um homem rico, o que não há de sofrer um pobre! Os jovens que circulam pelas ruas não respeitam as mocinhas. Há homens que se transformam em animais atacando as crianças para saciar seus desejos sexuais. Já estou saturado da cidade. Vi coisas que deixou-me desiludido com a humanidade. Eu desconhecia as corrupções”.

O investigador ouvia as críticas do coronel descorrendo, querendo vencê-lo com argumentos e deu sua opinião:

— Se um colono nasce e cresce numa fazenda não aprende ler, não aprende nem a cultivar o solo, nossas produções agrícolas são fráquíssimas. E além do mais a maioria sofre de anemia, os dentes deturpam os homens que trabalham nas fazendas. Poucos se preocupam com a educação do povo rural. Os fazendeiros preocupam-se apenas com a educação de seus filhos que cursam os melhores colégios. Os colonos cansam de ser espoliados e se dirigem para as cidades grandes.

— Sinto não poder dizer o mesmo, disse afoitamente o coronel.

O investigador tenta mudar o curso da conversa:

— Este silêncio enerva-me. Já estou habituado com o corre corre no gabinete, mesmo assim sinto que aqui estou reconstituindo-me.

O motorista e o inspetor quando ficavam só um perguntava ao outro:

— O coronel não diz quando é que vamos partir?

— Não.

— Já faz um mês que estamos aqui e a única distração que temos aqui é a sinfonia das aves quando vem rompendo aurora. E à noite o cochar dos sapos.

— Mas em compensação temos o bom vinho do coronel. Ele deixa a adega ao nosso dispor.

O coronel resolveu partir dizendo:

— Não gosto desta casa sem a Virgínia e sem a Maria Clara. Tudo aqui me entristece. Eu vim aqui para refazer-me e restaurar o meu espírito, reabastecer a confiança na minha pessoa. Eu não conhecia a tristeza. Creio não mais conseguir tranquilidade de espírito; já estou exausto de tudo nesta vida. Tenho a impressão que estou numa batalha e pretendo não voltar sem a minha filha. Hei de localizá-la!

— Vou levar uns retratos. Vou mandar ampliá-los e distribuir nas delegacias, nos escritórios dos advogados. Vou contratar um fotógrafo só para mim. Não tenho receio de ficar pobre. Mas... quero encontrá-la. Será que ela não sente saudades de mim? Ou eu não presto para nada? Quem será o homem que domina e predomina a minha filha? Quem sabe se ele não lhe permite sair de casa? Será que ele proibiu-a de falar-me? Eu não era um pai severo, não há motivos para ressentimentos. Será que aquele homem era meu inimigo e casou-se com a minha filha para vingar-se? Será que ele espanca-a? Tem homens canalhas que torturam uma mulher. Nem sempre a lei toma conhecimento. Será que ele é homem ou um paranoico?

É o coronel andava de um lado para outro pensando, antes da partida:

— Com quem casei minha filha? Sei que a casei com um homem de São Paulo, o lugar dos homens enigmáticos. Há homens que trabalham em excesso e há os que querem viver de oportunismo. Será que aquele homem decepcionou minha filha? Uma mulher decepcionada deixa de confiar nos homens. Eu lhe satisfazia todos os desejos; era o seu escravo. Não posso lhe chamar de ingrata porque não sei do que se trata. Eu tenho que lutar para esclarecer esta confusão que há na minha vida. Nunca gostei de odiar ninguém, mas agora tenho motivos para odiar aquele canalha. Preciso ver que espécie de genro que eu tenho. Já estou convencido que êle não é formado. Um doutor tem que comprovar a sua integridade. As pessoas das grandes cidades pensam que nós do interior somos inconscientes ou imbecis. Que velhice agitada! Que drama de vida!

* * *

Os gêneros alimentícios estavam acabando-se e Paulo vivia despreocupado.

Maria Clara tinha receio de passar fome. Ficava horrorizada quando via as mulheres pobres vagando pelas ruas pedindo esmolas. Revoltava-se pensando:

— Será que os nossos políticos não têm vergonha de ver tantos pobres circulando pelas ruas? Dá a impressão de desumanidade. Como é horrível passar pelo mundo sofrendo. Quando eu era rica não me preocupava muito com os pobres, mas agora estou nesse núcleo. Se os ricos conhecessem a vida sacrificada que os pobres levam haviam de obrigar seus filhos a estudar e aprender uma profissão. Mas os ricos pensam que satisfeitos todos os caprichos de

seus filhos já esta completa suas felicidades na vida; chego a conclusão que os ricos não sabem criar seus filhos.

Maria Clara compreendia que quem vivia de esmola sofria muito. Observava as mulheres pobres trabalhar, lavar roupa para ganhar uma miséria.

Uma senhora foi procurar uma lavadeira na vila. Maria Clara aceitou. Pois tôdas roupas reunidas no tanque e as roupas de côres mancharam as brancas. Quando a Dona Maura viu, pôs as mãos na cabeça:

— Dona Maria, Dona Maria, o que foi que a senhora fez? Não é assim que se lava roupas. A senhora estragou-as. E agora tem que pagá-las; qualquer serviço que executamos é uma responsabilidade que assumimos.

Maria Clara começou a chorar:

— O que será de mim, meu Deus!

E as roupas ficaram no tanque vários dias. E as vizinhas comentavam:

— Ela nasceu predestinada a ser granfina. Ela é aristocrática. Pertence a classe de mulheres que sabem utilizar as mãos só para pintar o rosto e tocar piano.

E as vizinhas apelidaram-na de "A pianista".

Quando a dona das roupas foi procurá-la, as vizinhas mostrou-lhe o tanque.

Paulo vestiu o paletó e saiu, como se nada daquilo lhe dissesse a respeito.

A dona das roupas desesperada chorando dizendo:

— Eu não lavei por estar doente. Se ela sabe que não é de nada porque se ofereceu? Mulher que não souber lavar roupas não é mulher, é um resto de gente. É que ela está habituada a ganhar dinheiro facilmente, não sabe dar valor a nada. Volta para o lupanar, vagabunda! Você não teve mãe para ensinar-te a trabalhar, agora só pode servir de repasto dos homens.

— Existe muitas mulheres pobres com pretensões de princesas. Lugar de princesas é nos palácios e não num cortiço como este. E a dona das roupas furiosa espancou a Maria Clara que pedia por socorro, mas as vizinhas sorriam, instigando-as com insultos escarninhos.

— Vamos ver quem é o Eder Jofre!

Alguém traiçoeiramente chama a Rádio Patrulha e Maria Clara foi presa.

Quando ela entra na prisão, disse chorando: — Pela educação que recebi eu podia ser Madame.

O delegado sorriu e disse: — Vamos entrando Maria Fumaça.

E a dona da roupa dizia: — Ela pensa que por ter um rosto bonito já é o bastante para uma mulher viver no mundo.

Dona Maura assumiu o compromisso de pagar as roupas e libertou Maria Clara, criticando o descaso de Paulo que não defendia a sua esposa.

Quando Maria Clara saiu da prisão saiu chorando, e coberta de humilhações.

A dona das roupas dizia: — a senhora aceitou a companhia deste homem é porque não ganhava nada como meretriz.

Maria Clara não respondia, o seu olhar circulava pela vila. Ela sabia que não ficou presa mais tempo por ter vários filhos.

Dona Maura reanimava-lhe. Preparou as refeições para as crianças que diziam: — que vovó boazinha!

Maria Clara transformou-se em "chacota" dos vizinhos que passaram a tratar-lhe de a "pianista" e para zombar diziam: — Qual é a melhor lavadeira do mundo?

— É a pianista! É a pianista!

E assim Maria Clara ficou conhecida na polícia com alcunha de "a pianista" e pouco a pouco foi habituando-se com o seu novo nome.

Dona Maura vendo-a chorar ficou zangada: — Faz seis anos que a senhora leva esta vida, já deve estar habituada. E ao mesmo tempo exausta. Todos os anos um filho. Ontem eu ganhei estas roupas usadas e trouxe-as para a senhora. Agora eu tenho prazer de dar roupas para a senhora porque a senhora aprendeu a lavá-las.

— A lição me foi benéfica. Fui obrigada aprender lavar, passar e encerrar, disse Maria Clara mais resignada.

— Hoje nada mais me é difícil. Era pungente ver os meus filhos pedir um pedaço de pão e não ter. Que tortura hedionda para uma mãe ouvir: "mamãe eu estou com fome"! Eu não sei como é que eu não enlouqueço. Eu prefiro trabalhar do que pedir esmolas. Eu idealizei a minha vida de um jeito e Deus destinou-me de outro. No início eu chorava de desespero. Agora choro porque já habituei a chorar. Reconheço que devo muitos favores a senhora, que encorajou-me a carregar a minha cruz. Depois os filhos foram surgindo, fui obrigada a resignar-me.

— Antes assim, fico contente vendo-te alegre, respondeu Dona Maura; vim convidar-te para irmos n'uma festa amanhã. Enquanto eu lavo as louças a senhora serve as bebidas e dividimos o dinheiro. Eles são ricos e querem pessoas de confiança. E assim a senhora diverte-se um pouco. E ganha dinheiro.

— Oh! Dona Maura! Como lhe fico grata! Não mais preciso de diversões, o que estou precisando é de um trabalho fixo. Preciso comprar sapatos para os meninos. Seis filhos para calçá-los vai muito dinheiro. O Pedrinho o ano que vem vai para a escola. Ele quer crescer depressa para auxiliar-me. Já não sou tão infeliz porque tenho um filho

que interessa-se por mim. Quando os filhos tornam-se homens decentes e honestos as mães tem a sua recompensa. Quando êle começar a trabalhar, eu hei de descansar um pouco. Já não receio a velhice. Êle não há de deixar-me faltar o pão de cada dia. Os meus filhos são os legados que Deus deu-me. Êles são travessos mas eu tenho paciência. Tolerô porque êles já sofrem tanto. Desejam brinquedos caros e eu não posso dar-lhes. Ainda tive a sorte de encontrar bons compadres. Quando chega o Natal os padrinhos não olvidam os afiliados.

Paulo chegou e cumprimentou a espôsa que estava remendando umas meias de lã para os filhos. Ela fitou o seu espôso com a barba para fazer. O dinheiro não dava para êle escanhoar-se nos barbeiros. Paulo fazia a barba com cacos de vidros. Os dentes estavam cariando e faltavam alguns. Pedrinho aproximou-se e sentou-se no colo de seu pai: — "quando eu crescer eu vou trabalhar e comprar uma casa bem bonita para a mamãe". Alisava a barba negra de seu pai e continuava: — "Ê horrível vivermos aqui. Somos oito pessoas neste quartinho. Eu quero um quarto só para mim. E um guarda roupa com espêlho. Eu quero estudar.

Paulo e Maria Clara olharam-se.

— A mamãe disse-me que vai trabalhar para auxiliar-me a estudar.

— Sim meu filho. Tudo farei para auxiliar-te a estudar, para ser o arrimo da família. Maria Clara sorriu alegre. Já tinha um filho para conversar com ela.

Paulo olhou a folhinha e disse: — Hoje faz sete anos que nos casamos.

Ela deu um suspiro longo e triste: — Não faz sete anos; para mim representa sete mil anos. Data que não tenho o prazer de comemorar. Data funesta. Data hedionda.



Pedrinho olhava a sua mãe sem compreender suas palavras. Maria Clara e Paulo eram um casal sem ideal, não discutiam planos para o futuro. Como é horrível um casal onde não há carinhos!

Ele ouvia a voz de Dona Raquel que vinha cobrar o aluguel. Ficou nervoso, desvencilhou-se dos braços de Pedrinho e saiu.

Maria Clara preferia passar necessidade, mas quando Dona Raquel chegava encontrava o dinheiro do aluguel.

Dona Raquel recebia satisfeita e dizia-lhe: — você é pontual.

— Eu sou uma Fagundes. Pertencço a uma família de fibra e tradição, respondia Maria Clara fitando Dona Raquel com altivez.

— O que você quer dizer com isso? Você é descendente de nobre?

— Algum dia a senhora há de saber.

— Não gosto de enigmas. Quando você pretende dizer-me algo, esclareça-o.

Ah! Eu vim receber o aluguel e avisar-te que vendi a vila. Devolvo-te o dinheiro. E o novo dono quer a vila desocupada. Ele vai demolir para construir um edifício. Vocês têm noventa dias de prazo.

Maria Clara pensou: — onde é que vou encontrar um senhorio que aceite-me com as crianças. Seis filhos hoje em dia é como se fôsse mil quilos de chumbo. Aqui o aluguel não sacrifica-me.

— Está bem, observou Dona Raquel, eu vou ver se encontro um quarto ou um porão para vocês. O novo senhorio não quer mover ação de despejo. Eu conservava esta vila para garantir o futuro de Renato. Agora não tem nem um sentido eu me misturar a pobreza dessa vila todo mês. Também já é tempo de vocês procurar residência

mais confortável. As crianças estão crescendo e multiplicando-se. Dona Raquel despediu-se.

Maria Clara ficou pensando onde ir arranjar dinheiro para pagar um aluguel mais elevado.

Dona Maura foi procurar a espósa de Paulo: — onde será que a senhora vai encontrar um quarto? Os senhorios atuais exigem casais sem filhos.

— Deus dá um jeito, suspirou Maria Clara alisando os cabelos.

— Eu vou residir com Carlos, meu filho. Nunca residiu com noras. Não sei como vai ser a minha vida, o que eu sinto é separar-me da senhora.

Assim que dona Raquel despediu-se, Paulo foi chegando. Entrou e sentou-se.

Dona Maura disse-lhe: — A dona Raquel vendeu a vila e quer que desocupamos os quartos. O novo senhorio vai construir um edifício. Nos deu noventa dias de prazo. Estou pensando onde é que o senhor vai residir?

Maria Clara ficou nervosa e começou a chorar. Dirigiu um olhar colérico ao seu espóso. Ordenou-lhe energicamente: — você procura um quarto! Vê se trabalha!

Dona Maura sorriu e disse: — é mais fácil um elefante voar do que o compadre trabalhar.

— Ele precisa encarregar-se do aluguel, prosseguiu Maria Clara, e a manutenção fica aos meus cuidados.

Na vila ninguém dormiu pensando onde conseguir casa. Na casa de Maria Clara a coisa ia ser mais difícil. Com seis filhos onde é que iriam morar?

Cada padrinho prontificou-se a levar um afiliado.

..... Fica a senhora e o compadre Paulo, diziam, vocês arranjam um emprêgo. Têm famílias que empregam casais.

— Oh! Meu Deus! Lamentou Maria Clara com profunda tristeza. Sei que vocês zelam os nossos filhos melhor

do que nós porque tem mais conforto. Mas eu não sei ficar longe deles.

Foi a noite mais longa para Maria Clara, que já estava convencida que viera ao mundo para sofrer. E ela que ambicionava ser uma "felizarda"... Os minutos pareciam séculos. Paulo como sempre dormiu tranquilamente.

Maria Clara deixou o leito antes do astro rei surgir. Suas idéias oscilavam bailando no cérebro. Preparou a primeira refeição para os filhos. Despertou o Paulo e em seguida disse: — hoje eu e dona Maura vamos trabalhar numa festa. Você fica em casa para olhar as crianças.

Maria Clara e Dona Maura saíram. E em pouco tempo estavam diante de suntuosa residência.

Era lindo o palacete, espaçoso, com lindos quadros nas paredes. No centro da sala estava exposta a mesa de doces, enfeitadas com flores brancas. Na outra sala um lindo piano. Maria Clara recordou-se de seus dois pianos. Um na fazenda e outro na cidade. Pensou em sua mãe. Será que ela já estava resignada com a sua ausência?

Ouindo a voz de Dona Maura pronunciando o seu nome assustou-se e pensou: — vim aqui para trabalhar. Por um instante pensei que era uma das convidadas. Esta festa é para as pessoas de destaque. E eu... não mais pertenco a este núcleo. Para mesclar-se neste ambiente é necessário ter dinheiro.

Foi preparar as bandejas para servir os aperitivos. Festejavam o aniversário de um menino. Pensou nos seus filhos que não conheciam aquele gênero de distração: — os meus filhos são criados fora das normas sociais; se algum dia eu voltar a ser rica, que luta para reajustá-los na sociedade! Eles desconhecem os hábitos civilizados.

Recordou a sua infância quando festejavam o seu aniversário. E o pai lhe acariciava pegando-a nos braços

e dançava com ela. "Viva a rainha loira" e o êco repercutia dentro da casa. A voz do coronel era estendida e a casa tinha acústica. E todos invejavam a filha do coronel. lam surgindo as ricas convidadas. Todos ostentavam toiles de alto preço e jóias de valor.

O aniversariante partiu o bôlo e cantaram canções.

Ali estava um povo alegre e feliz, pessoas que sabiam sorrir com prazer.

Iniciou-se o baile ao som dos discos. E ela servindo os doces e as bebidas. Assustou-se quando viu a sua imagem no espelho usando uniforme de criada.

O piano estava aberto. Ela não pode dominar os seus desejos a muito tempo estacionado. Pôs a bandeja no cimo do piano e sentou-se para tocar. Seus dedos rústicos deslizaram no teclado do piano. Todos olharam atônitos. Aquela senhora trajando uniforme de criada tocando valsas vienenses!...

Dona Maura foi ouvi-la e disse-lhe: — avisaram-me que a senhora estava tocando piano. Vim ver para crer. Que coincidência! Na vila alcunharam-lhe de "a pianista". E a senhora sabe tocar mesmo. Será que o povo tem intuição para perceber as qualidades de uma pessoa? Dona Maura continuou a servir as bebidas enquanto Maria Clara tocava.

Quando parou de tocar foi aplaudida e tornou-se figura principal da festa. Foi bem remunerada e levou um pacote de doces para os filhos. Com o dinheiro que recebeu comprou sapatos para os filhos porque o inverno estava aproximando-se. Era a primeira vez que eles calçavam sapatos novos. Que alegria! Eles sorriam e foram de casa em casa mostrar os sapatos aos vizinhos. As botinas de Pedrinho rangiam; êle achava graça; passaram o dia saboreando os doces. Êle dizia: — Sabe, mamãe, nós pensá-

vamos que o único doce que existia no mundo era o arroz doce.

Dona Maura contou que Maria Clara havia tocado piano na festa. Ninguém acreditou. E relatou aos filhos os comentários elogiáveis:

— Uma mulher suja, feia, vai saber tocar piano?

Os dias foram se passando e os vizinhos iam arranjando casas e foram se mudando. E Maria Clara pensava: — E nós, para onde vamos?

Dona Maura e dona Martha foram para o terreno de Carlos. Era um reboleiro na vila. Faltavam duas famílias para mudar-se. Como não encontrasse casa para alugar iam comprando terrenos.

Dona Maura veio visitar as crianças e foi logo dizendo: — Eu não sei ficar longe dêles; tenho-lhes amizade porque auxiliei a criá-los. E a gente aprende a amar as pessoas que convive conosco. Habituei-me com vocês.

As crianças ficaram contentes bradando: "A vovó voltou!"

Dona Maura era simples, mas tinha bons sentimentos. Continuou na sua explicação: — Se o terreno fôsse meu, a senhora ia viver ao meu lado; o Carlos e muito bom. O homem depois que casa-se acata mais as palavras da esposa. O Carlos modificou-se. E continuava: — É penoso esta separação. Oh! que saudades das crianças... eles quando eram pequenos dormiam nos meus braços; agora é que sei quanto gosto de crianças. E eu tenho pena da senhora porque é infeliz. Não tem pai, não tem mãe. E foi infeliz no casamento. A senhora sempre confiou-me os seus filhos sem receio. E filho é uma coisa de valor para os que compreendem.

E Dona Maura chorava comovida: — faz tempo que eu não choro!

Maria Clara deu um suspiro dizendo: "infelizmente, eu não posso dizer o mesmo. Agradeço-te a dedicação com os meus filhos; compartilhistes comigo nos duros momentos de minha vida. E foi com lágrimas nos olhos que Maria Clara viu dona Maura partir, presentindo que jamais encontrasse essa tão bondosa criatura.

Teve a impressão que ia ficar sem apoio físico e moral, oscilando na vida sobre um abismo de amarguras.

No outro dia, Paulo chegou com um caminhão dizendo: — vamos embora, desta vez consegui um caminhão.

Maria Clara ficou nervosa porque ninguém avisou-lhe se ia ou não mudar-se naquele dia.

Quando as crianças entraram no caminhão sorriram. Iam sentadas nos móveis. O caminhão percorreu várias ruas, parou num terreno desocupado pertinho de uma casa.

Maria Clara ficou contente pensando: — Será que Paulo conseguiu, um quarto n'uma casa tão chic assim? Com ruas asfaltadas. Oh! que bom residir n'uma casa sem lama ao redor.

Paulo retirou os móveis do caminhão e colocou-os na calçadas e pagou o motorista que zarpou-se. Carregou os móveis para o terreno vazio e encostou-os no muro.

— Onde é que vamos morar? Perguntou-a espôsa de Paulo.

— Vamos passar a noite aqui, respondeu, e amanhã construiremos um barracão neste local.

Maria Clara levou as mãos à cabeça. "Meu Deus! que hei de fazer de minha vida? Oh! Paulo do céu! Que desastre! Como é que vamos passar a noite ao relento? Já está garoando! Daqui a pouco começa esfriar e as crianças sem agasalhos. Como fui tôla em confiar em você.

Você não veio ao mundo para dizer a verdade. A primeira vez pensei que você ia dar-me uma casa e você deu-me aquele quartinho. E agora pensei que você ia dar-me um quartinho, você me pôe na rua. Naquele tempo eu era sôzinha. Agora tenho as crianças. Não compreende Paulo? Você não tem dó dos seus filhos! Daqui a pouco as crianças querem tomar banho. Querem jantar e querem dormir. Eu preciso preparar a mamadeira para o Carlinho. Eu te acompanhei porque pensei que você tinha deixado de mentir. Se eu tivesse alguma coisa de valor eu vendia para pagar um hotel ao menos por esta noite. E você ficaria aqui para tomar conta dos móveis. Você não dá valor a êstes móveis porque não foi você que os comprou. E se você dormir e alguém roubar a máquina? Eu não sei! Você não trabalha e está sempre com sono!

Paulo colocou o estrado da cama no solo, pois o chão e preparou a cama das crianças. Pegou uns tijolos e fez uma fornalha. Procurou lenha e fez lume. Pegou um balde e foi procurar quem lhe dava água.

— Onde é que vou arranjar água para acabar de lavar as roupas? perguntava Maria Clara. Paulo! Paulo! Será que você quer habituar-me a viver no relento? Eu não sou cigana.

Começou aparecer alguns curiosos olhando aquela cena. Queriam perguntar qualquer coisa, mas não ousavam por causa da tristeza de Maria Clara. As crianças e os adultos paravam e contemplavam comentando: — Eles são infelizes. Eles passam fome. E estas crianças que são filhos de pobres atualmente por viver ao relento não terão possibilidades para aprender ler e escrever. Serão desajustados. Problemas sociais no futuro....Hóspedes dos presídios.

Maria Clara levou as mãos à cabeça gritando: — não... não... não... vocês que são ricos desejam o mal para

os pobres! Vocês são egoístas! Só vocês é que querem ser felizes no mundo. Oh! Deus! que fatalidade na minha vida!

As pessoas iam jogando dinheiro. Os filhos de Maria Clara iam recolhendo e sorrindo. Paulo ganhou tanto dinheiro e pensou: — Se ficarmos aqui uns seis dias conseguiremos para comprarmos um terreno e umas tábuas para fazermos um barracão.

Maria Clara sentou-se no estrado da cama pensando.

Paulo esquentou comida e deu para as crianças. Pedia a Deus para não chover até ele conseguir o dinheiro que visava arranjar da caridade pública. Embrulhou o rádio e amarrou-o no estrado da cama. Amarrou a máquina no estrado para não molhar-se com o orvalho.

Dormiam os oito no estrado. Maria Clara pôs todos os cobertores e não aqueceram-se. Ela estava tão agitada que não pôde conciliar o sono.

De manhã, Paulo levantou-se e recolheu as cédulas que haviam sido atiradas durante a noite e foi comprar leite, pão e manteiga e queijo.

Os raios de sol iam diretos ao estrado. Maria Clara aquecida pelos raios solares adormeceu.

Paulo sentou-se numa cadeira e ficou aguardando o despertar de sua família. Os que passavam iam jogando dinheiro. Ele ia recolhendo. De vez em quando erguia os olhos sob o céu observando e suplicando ao grande Deus para não enviar chuvas. Esta era a sua preocupação.

Maria Clara despertou-se, fitou o espaço e disse-lhe: — Não é nada agradável viver ao relento. Já estou tão desiludida da vida; parece que quando nasci a "felicidade" não quis reconhecer-me. Talvez seja por eu gostar imensamente destas palavras "feliz", "felicidade" e "felizarda".

A minha vida só segue a linha curva. Se tivéssemos o dom de adivinhar que iam nascer eu teria implorado a Deus para não enviar-me ao mundo.

Até aqui só tenho tido decepções. Quando eu envenenar nada tenho para recordar. Tem dia que penso procurar o papai. Mas nós não temos uma casa decente para recebê-lo. Fico com vergonha. Temo as repreensões.

— As crianças precisam comer. Eu fiz o café e fervei o leite, comprei pão, queijo e manteiga, disse Paulo com a satisfação de um grande herói.

Maria Clara aceitou o café com profunda indiferença.

— Vou comprar carne para fazer uma sopa ou senão vamos almoçar no restaurante, continuava Paulo.

— Está bem Paulo. Fitou seus filhos, que dormiam miseravelmente naquele estrado. — Oh! Paulo, eu não me conformo com o que você fez!

— Você tem razão, Dona Maria Clara Fagundes. Todos procuravam casas e mudavam. E nós iam ficando. Eu fiquei com vergonha vendo os outros homens deixando a vila e nós sem ter para onde ir. Eu sou o chefe da casa. Resolvi tirar você de lá de qualquer jeito. Juro que sofro mais do que você. Já estou enfastiado das críticas.

— Críticas justas, Dr. Paulo!

— Oh! Maria. Até você! Se eu pudesse não deixava sofrer, lamentou Paulo, tristonho e acrescentou: — Eu resolvi viver de qualquer jeito.

— Você não procura um emprêgo. Diz que não tem sorte e não age. Várias pessoas aconselhou-me para deixar-te, mas eu não tenho coragem. Você é o meu legado fatal. Eu vou sair daqui a pouco para ver se encontro um quartinho. Daqui para o futuro, não mais hei de confiar no senhor. Eu acho horrroso uma mulher predominando num lar.

Estava frio, ela vestiu o casaco desbotado, penteou os cabelos grisalhos, calçou uns chinelos velhos e reacendeu o fogo e pois água aquecer para dar banho nas crianças.

— Vamos preparar uma sopa.

— Oh, Meu Deus! sempre a sopa! Será castigo? murmurou Maria Clara.

Paulo fingiu não ouvir, falando com petulância: — é que a comida do restaurante é insuficiente.

— Você tem razão, vai comprar a carne.

Paulo obedeceu-lhe. Ela preparou o caldo quando Paulo entregou-lhe a carne. Ela pegou a carne sem ter coragem de fitar o rosto do marido.

Quando terminou a fraca refeição, Maria Clara pediu dinheiro para a condução. Ela que tinha horror de gastar dinheiro conseguido com a mendicância, era obrigada a utilizá-lo porque não havia outro recurso. Saiu indecisa e desorientada em direção de um subúrbio qualquer.

— Quem sabe se Deus ajuda-me encontrar um quarto mais barato. Não tenho posses para pagar um quarto aqui na cidade. Estava indisposta por ter passado a noite sem dormir. Entrou numa igreja. Já fazia sete anos que ela não entrava nos templos sagrados. Recordou as promessas que fez quando era solteira, ir na missa para Deus lhe auxiliar a encontrar um namorado. Agora que estava senil é que achava tãta a promessa que fez na mocidade.

... — Se eu soubesse que ia ter um casamento hediondo assim, teria suplicado a Deus para enviar-me a morte. Foi a única promessa que eu fiz na minha vida. E agora tenho receio de suplicar um auxílio do céu. Fui tão infeliz na minha primeira súplica. Muitas promessas só atrae desventuras. Quem sabe se eu viera ao mundo para viver solteira e Deus castigou-me, já que os jovens de minha

terra não preocupavam com a minha pessoa eu não devia ambicionar um espôso. Eu seria mais feliz se tivesse me casado com um empregado de papai, aqueles homens resolutos que enfrentava qualquer espécie de trabalho.

Ajoelhou-se aos pés da cruz olhando Jesus crucificado e perguntou-lhe: — O senhor não gosta de mim? Reclinou-se nas pedras do altar onde os aflitos vão procurar a proteção de Deus para aminizar suas angústias. Começou sentir frio exterior e interior. Estava dominada pelas atribulações. Sentiu sono. Adormeceu.

Paulo preparou sôzinho a sopa para as crianças. Começou esfriar, êle remeceu as trouxas procurando agasalhos.

As pessoas que passavam paravam para contemplar aquele quadro doloroso, uns pedia as crianças. Paulo fingia não ouvi-las. Êles não insistiam respeitando o seu silêncio.

Chegou um caminhão dizendo que iam levar os móveis e as crianças para o depósito Municipal até resolver aquela situação.

— Não posso ir. A minha espôsa saiu. Foi ver se consegue um quarto, preciso esperá-la.

— Amanhã os senhores voltam.

— Não podemos obedecer-te.

— É ordem do prefeito. Estas crianças não podem ficar ao relento.

Começaram a vascular os móveis anotando tudo. Outros carregavam os móveis para o caminhão. Partiram levando as crianças. No depósito Municipal, Paulo viu seus filhos jantar, depois irem para o leito. Um leito alvo, como neve.

Começou a chover. E a chuva foi aumentando. Êle agradeceu a intervenção divina ao seu favor.

Fecharam a igreja e não viram Maria Clara.

Quando ela acordou ficou apreensiva. Supunha estar sonhando, vendo os altares iluminados a meia luz: — Meu Deus! onde será que eu estou? As pernas doíam-lhe devido a posição incômoda que dormiu várias horas: — E os meus filhos? Filhos são hóspedes eternos do pensamento materno. Porque será que não estão ao meu lado? Quem será que teve a coragem de separar-me deles? Mas onde estou, meu Deus? Será que o próprio Deus desprezou-me? O que faço aqui? Será que enloqueci? Deus, porque é que o senhor só me reserva agruras? Eu estou com fome. Nunca pensei que ia conhecer todos trechos fatais da existência. Será que eu sofro para pagar os pecados dos meus antepassados? E o Paulo será que está cuidando bem dos meus filhos e das minhas coisas?

Começou recordar que saiu para procurar um quarto. "Não não temos quarto, estamos ao léu. "Ouvia o rimbombiar dos trovões. E a chuva nas vidraças deu dois relâmpagos seguidos iluminando o templo. "Ah! Eu estou na igreja. Ah! eu entrei para suplicar ao onipotente o seu auxílio. E o sono dominou-me. Pela hora que estou no templo compreendo que dormi o dia todo e uma parte da noite".

Não estava revoltada. Apenas pensando nos filhos que deviam estar molhados. "Paulo é um homem sem expediente. Não soluciona nada. A minha máquina vai molhar e o rádio ficar inutilizado. E eu aqui prisioneira sem poder sair".

O relógio badalou três horas. Mas ela não podia sair, estava desorientada. E não podia orientar-se e nem dominar suas apreensões. Queria gritar. Será que havia alguém na igreja?

Será que ouviram seus brados? mas ela não tinha forças para gritar. Dirigiu-se até a sacristia, premeu a campainha e não teve resposta. "Se há alguém na igreja está dormindo, pensou. Quem têm tranquilidade de espírito dorme toda a noite. Só eu... não tenho este privilégio. Ah! Seja o que Deus quiser, já que estou nas mãos dele, vou rezar até surgir a aurora; pelo menos esqueço que estou sofrendo". Ajoelhou-se aos pés do altar, pediu ao criador para prolongar a sua existência até criar seus filhos. "Pego-te, ó Deus! Melhor sorte para os meus filhos. Se Deus auxiliar-me, quero comprar um terreno e mandar construir uma casinha para eles. Se eu sucumbir, de um colapso ou desastre, qual será o destino de meus filhos? Não de ir para um asilo de órfãos. Viver enclausurados sem poder manifestar suas vocações". A vida não lhe interessa. Não lhes atrai. Não mais esperava a "Felicidade. " dizer que eu na mocidade gostaria de marcar um encontro com a felicidade. Esperei, esperei, ela não apareceu. Eu não sabia que a felicidade era orgulhosa. Todos os dias havia uma surpresa para mim. Uma surpresa funesta".

Quando o sacristão foi abrir a porta ficou perplexo vendo-a ajoelhada aos pés do altar, interrogando-a: — A senhora passou a noite aqui?

— Passei. Entrei para rezar e cai no sono. Quando ví as portas estavam cerradas.

— Pois se a senhora não tem onde dormir, saiba que Deus condeou-se da senhora porque se estivesse lá fora ia passar uns maus bocados. Choveu toda noite, vários prédios desabaram, ocorreram vários desastres.

Maria Clara vendo a porta aberta saiu correndo. Queria ver os seus filhos. Quando ela chegou ao local não havia ninguém. Suas vistas escureceram e ela desfaleceu. Caiu no solo inconsciente.

Paulo passou a noite no abrigo social. Anotaram a sua identidade, o seu estado civil. Ficou nervoso quando perguntaram-lhe qual era a profissão que exercia.

Resolveu dizer que era doente.

O escrivão que lhe interrogava disse-lhe: — Quando o senhor casou não era doente. Devia trabalhar nalgum lugar. E se adoceu deve estar no seguro.

Paulo ficou vermelho pensando que atualmente é difícil um homem viver entre os homens.

— Eu sou do interior, tentou desculpar-se Paulo.

O escrivão exaltou-se: — Mas o senhor nos disse que nasceu em São Paulo! Quem nasce em São Paulo tem possibilidades de conseguir bons empregos. O senhor foi menino vadio que não estudou?

— Eu vivia perambulando porque era órfão.

— Se o senhor não era um homem arrojado porque casou-se? E quem sofre são os seus filhos. Esta classe de homens apáticos, morosos, indolentes por força há de extinguir-se porque com o decorrer dos tempos o mundo vai evoluir-se. E todos terão de trabalhar porque o homem vadio não tem valor.

Houve um intervalo constrangedor antes da seguinte pergunta:

— Onde residiam e porque saíram se não tinham para onde ir?

— A casa vai ser demolida.

— Ah! exclamou o escrivão, anotando os dados de rotina com indiferença. — O nome e a idade das crianças?

Paulo enumerou sem muita certeza de que estava dizendo o certo.

— Porque é que a sua esposa está ausente? Se ela era doente mental ou se sofria de amnésia.

Paulo já estava se aborrecendo com as perguntas. Ia respondendo agitado, pensando em Maria Clara. "Será que suicidou-se? Ela tem sido uma heroína suportando tantas atribulações. Sua alma e seu corpo deve estar combalido".

Paulo passou a noite meditando e não encontrou uma solução para por um ponto final nas suas desditas. E a sua vida oscilante, agradecia a interferência social recolhendo seus apetrechos e agasalhando seus filhos, evitando de serem surpreendidos pela tempestade. Quando o dia despontou foi veloz procurar a sua esposa.

Quando Paulo chegou no local viu Maria Clara estendida no solo. O seu coração acelerou o ritmo. "Será que ela morreu? Se ela morreu eu devo morrer também porque se eu ficar neste mundo um dia o coronel me encontra e se eu não lhe apresentar a filha com vida, aí de mim... a tortura será duplicada. Uma caldeira com água fervente e a minha orelha para a coleção". Ergueu-a nos braços e começou a friccioná-la. Pensou: "Ninguém lhe socorreu porque ela está mal vestida. E nestes trajes lhes confundem com as indolentes que vagueiam por aí sem paradeiro e sem destino.

Ela foi recuperando os sentidos. Abriu os olhos e fitou o seu espôso. Perguntou-lhe: — E êles?

Paulo uniu seus lábios nos dela ainda frios. Fazia tempo que êles não beijavam-se.

— Paulo onde estão os nossos filhos?

Paulo não respondeu-lhe. Adorava a sua esposa e estreitou-a nos braços. Êle tinha receio de beijá-la. Mas era a primeira noite que êles passavam ausentes. Foi a ausência que provou o quanto êle amava a mãe de seus filhos.

— Fiquei preocupado com você, disse Paulo, pensei que você havia posto fim a existência. Mas você é sensata. É boa mãe. Pensei que você havia viajado para a tua fazenda.

— E os meninos? insistiu Maria Clara, cada vez mais apreensiva.

— Estão numa creche do Estado. E você, onde passou a noite? Estou intranquilo. Não posso exigir que você honre o meu nome porque sou um relegado da sorte. Um infausto. Apenas quero que se algum dia você encontrar seu pai que ele orgulhe-se de você.

— Passei a noite na igreja. Entrei para rezar e adorei. Quando despertei a igreja estava fechada. Eu apenas via os reflexos dos relâmpagos e os ribombar dos trovões. Fiquei agitada pensando nas crianças. Tenho a impressão que faz um século que não os vejo. Agora compreendo que não posso separar-me delas. Conta-me o que passou.

Paulo fitava a sua esposa e percebia que ele não ocupava lugar no seu pensamento. E ele que adorava-a loucamente! Sofria. E o seu sofrimento ia multiplicando. Ela não lhe procurava acariciá-lo. Dedicava sua vida unicamente aos filhos. Pensava se ela beijasse-me pelo menos... um beijo espontâneo, arrebatador. Eu seria o homem mais feliz deste mundo".

— Paulo, eu quero ver os meus filhos. Leva-me para junto deles. Ontem eles comeram?

— Preparei sopa para eles.

— Eu quero viver dentro de uma ampola, mas quero estar sempre com os meus filhos. Várias pessoas nos pediu as crianças. Você não as deu?

— Oh! Maria! Então eu ia dar os nossos filhos? Eu não tenho classe, mas não desclassifico-me tanto assim.

As crianças estão numa creche, pode crer tranquilamente.

Ela fitou seu espóso nos olhos: — Eu deixei de crer em você. Eu quero estar é ao lado deles. Preciso duplicar minhas forças para criá-los. Onde estão os meus utensílios? Você não os vendeu?

— Estão no depósito Municipal. Paulo relatou as ocorrências a sua esposa de modo claro e circunstancial.

— Estou exausta. Faz dois dias que não alimento.

— Vamos, convidou Paulo oferecendo o braço.

Ela recusou. Deu um longo suspiro e seguiram silenciosos. Paulo pensou: — As contingências da vida faz ela distanciar-se de mim.

— Você não quer entrar num restaurante para fazer uma refeição? convidou Paulo amavelmente.

— Não quero. O que anseio é ver os meus filhos. Como será que passaram a noite? Será que sentiram frio? Será que deram a mamadeira para a Virgínia? A única coisa que eu tenho ciume neste mundo é dos meus filhos.

Quando chegaram na creche Maria Clara pediu:

— Quero ver os meus filhos.

— A senhora não tem um lar para eles, disseram-lhe. Não podem ficar nas ruas, Se não recolhessemos eles ontem a noite iam molhar-se com aquela chuva. Podiam até apanhar pneumonia.

— Paulo, porque iludiu-me?

— Juro-te. Eu disse a verdade. Daqui para o futuro jurei dizer-te só a verdade. Pretendo fazer tudo que você ordenar-me. Eles trouxeram as crianças apenas para pernoitar aqui. Prometeram devolvê-los hoje.

— Quando o senhor conseguir casa poderá vir que lhe entregaremos as crianças. E sem isso não adianta suplicar. Não admitimos insistências.

Paulo deu o braço a sua espôsa que acompanhou-lhe como uma sonâmbula. Seus passos vacilavam. Sua boca ficou amarga, o seu coração acelerado.

— Paulo, para onde é que vamos?

— Não sei. A minha vida por cima da terra é tão angustiada que até já estou farto de viver.

— Onde é que vamos arranjar casa? Temos que reaver os nossos filhos. E não adianta chorar porque a lei dos homens não se comove com lágrimas.

— Vamos ao depósito Municipal, recebi ordem de estar lá as três horas. Oh vida desajustada! Até quando?

— Lamentos não resolve o nosso angustiioso problema. Mas o juiz está certo. Até devemos lhe ser grato, disse Paulo. Ainda existe solidariedade de homem para homem. Um homem que tem possibilidades poderá favorecer inúmeras pessoas.

— Eu deixei de sonhar porque os meus sonhos não se realizam. Nada mais me surpreende na vida.

— Até o coração... habitua-se com as cutiladas do destino. Sei que os nossos filhos hão de ser bem tratados, observou Paulo e continuou. Atualmente o povo é culto e não maltratam as crianças que são semelhantes humanas desabrochando-se. Creio que sou um homem feliz. Tenho espôsa e filhos. Não sou rico. Não tenho um lar. Mas nós neste mundo não vivemos com tudo completo. Sempre está faltando algo. Amanhã vamos andar até arranjar um quartinho. Um quarto é pouco, mas eu não tenho recursos para pagar uma casa. Paulo ficou mais calmo vendo a sua espôsa resignada e juntou para consolá-la: — Até eu já estou com saudades deles. Breve vamos abraçá-los e acaiciá-los. Reconheço que preciso lutar. Vou regenerar-me para evitar essas agruras.

— Não creio, disse-lhe Maria Clara ceticamente, não é a primeira vez que você me faz essa promessa. O meu pai sim prometia hoje e realizava amanhã. Estou fatigada, com sono e com fome. E sem um lar para repousar. Não pretendia ser andarilha na vida. E perguntou a Paulo com certa dose de ironia: — Você tem dinheiro para pagar um hotel?

— Não. O dinheiro que eu tenho apenas dá para condução e fazer uma pequena refeição. Quando eu estava com as crianças eu ganhava esmolos. Um homem deu-me mil cruzeiros.

— Oh! Paulo! Você está ensinando os nossos filhos ser malandros! E o fim dos vadios é o cárcere...

Maria Clara parou e reclinou-se num poste. Andei demais, estou exausta. Não há organismo que suporta uma vida assim. Que existência atribulada! ia pensando Maria Clara. Está longe ainda o depósito?

— Já estamos chegando.

Paulo esperou-a refazer-se e prosseguiram. Quando chegaram o guarda disse-lhes que os móveis foram para a favela.

Maria Clara repetiu mentalmente: — "Favela". E, perguntou-lhe: — Favela é um lugar decente?

— Vamos ver Maria Clara. Vamos ver, respondeu Paulo nervoso com os escrúpulos de Maria Clara.

— É caro o aluguel? Quiz saber de início porque era ela que pagava.

— Não custa nada. Vocês vão residir no patrimônio Municipal, disse-lhes o guarda.

Paulo sorriu satisfeito e acrescentou: — Oh! Graças a Deus! Eu já não acreditava na misericórdia dos homens porque acho-os tão metalisados! E é o homem quem vai favorecer-me na minha hora pungente.

Maria Clara deu um suspiro longo: — Favela. O meu coração não aceita viver neste lugar. E atualmente eu creio nos meus receios.

— Oh! Maria Clara, nós não estamos em condições de exigir. Devemos dar até graças a Deus. Já temos onde dormir.

Paulo ia saindo quando o porteiro disse-lhe: — Espere que um carro do serviço social vai conduzi-los até a favela. Tem um guarda vigiando os móveis.

Paulo e Maria sentaram-se num banco. Ela reclinou a cabeça no seu ombro e adormeceu. Passou uma hora e meia. Paulo estava impaciente mas não reclamava. Chegou um carro e o porteiro deu-lhe ordem para levá-los até a favela.

Maria Clara estava indisposta. "Eu vou adoeecer", disse Maria Clara. Quando chegaram na favela, Paulo ficou alegre. Era o seu ambiente. Todos pobres. Todos irresponsáveis. Todos marginais. Eram as pessoas conformadas com a pobreza. Viviam resignados, sem lamentos. Crianças brincavam na terra, descaldas e rotas, rodando pião.

Maria Clara olhava os barracões. E o Paulo olhava a sua esposa que estava hirta igual uma estátua. Apenas o seu olhar percorria aqueles antros de miséria e de pobreza humana. Parecia não acreditar no que via.

Desceram do auto e seguiram o motorista que indicou-lhes um barracão feito de lascas de madeiras velhas e coberto por latas. No barraco de quatro por quatro os móveis se espalhavam como trastes velhos.

— Aqui é maior e tem espaço, dizia Paulo, podemos fazer uma cosinha. E enquanto falava ia colocando os móveis no lugar. Armou a cama. A sua esposa se deitou completamente atarrada. Acendeu o fogo e foi procurar água. Quando voltava com o balde cheio de água, Paulo observava os barracões, uns construídos com tábuas, outros com

latas velhas e outros de papéis pintados com pixe para não absorver as águas pluviais. Para ele a favela era um recanto paradisíaco. Um pedaço do mundo como um novo Edem.

Aqueceu a água para tomar banho. Depois lhe deu dois sedativos para transpirar. Fez uma sopa de fubá. Era o único alimento que eles conseguiram por ser o mais barato. Ela tomou sem protestar; já estava compreendendo que os pobres não podem ter preferências e nem ser exigentes no paladar.

— Agora você vai dormir. E amanhã... há de estar recuperada. Vamos ver se Deus decidiu nos ajudar, disse Paulo que continuou: — hoje ele condeu-se da nossa desventura. Ontem você foi a igreja para suplicar auxílio e como resultado conseguimos este quartinho. Cheguei a conclusão que Deus atende só as tuas súplicas. Mil vezes aqui do que na rua. Tenho visto tantas pessoas dormindo debaixo dos viadutos. São os que cansam de lutar. O homem é fraco; qualquer desilusão desmorona o seu ideal; ele transforma-se em farrapo humano. E, amanhã vamos reaver os nossos filhos. Amanhã é um novo dia para nós; devemos agradecer unicamente a Deus. Até aqui temos sofrido com humildade sem transgredir os ditames da pobreza. Não sei o que deduzir da tua tenacidade ao meu lado. Deve ser opinião.

— Por amor não é.

— Infelizmente, o homem faz questão de ser amado por uma mulher, disse Paulo pesadamente, e quando não consegue prender um afeto feminino, sente-se derrotado na vida. E o homem quer desfrutar tudo que existe no mundo. Quer dinheiro, saúde enfim a felicidade. Por isso devo admirar-te por viver ao meu lado, e creio que devo agradecer-te. Obrigado dona Maria Clara Fagundes.

Paulo parou de falar quando percebeu que ela estava dormindo. Começou pregar umas ripas nas frestas para diminuir a corrente de ar frio que vinha de fora.

Maria Clara começou a delirar, chamando os filhos. Debatia-se no exterior, implorando socorro. "Não enciaura os meus filhos". "Quero-os ao meu lado". "Não maltrate-os, eles são bons..."

Paulo ouvia os seus lamentos com os braços cruzados, fitando-a. Sentou-se na cama para impedir a sua queda. Apalpou-lhe a testa para ver se ela estava com febre.

Alguém cantava. Paulo ouvia e refletia — este povo vive nestes barracões miseravelmente, sem conforto, levando vida primitiva, conhecendo todas agruras que as suas condições lhe proporcionam, ainda cantam.

Ouvia as gargalhadas, pensou: — parece que na favela ninguém preocupa-se com o futuro. Se tem ambição ou projetos não revela. Vamos ver como vai ser a minha vida neste núcleo.

No outro dia quando os raios solares já haviam penetrado pelas frestas clareando o barracão no interior, Paulo deixou o leito e foi buscar água. Ficou horrorizado com a fila de latas e compreendeu que em qualquer direção que o pobre inclina-se encontra dificuldades. Suplicou com infinita delicadeza um pouco de água para preparar o café para a sua esposa.

Terminado o pobre café foram em busca dos filhos.

Paulo no caminho já pensava nas perguntas que o juiz ia fazer-lhe. Maria Clara estava impaciente, andava depressa. As preocupações enchiam de inquietude e dizia: — Tenho a impressão que separaram minha alma do corpo. Estou tão preocupada que não consigo coordenar os meus pensamentos. Cada passo que eu dou na minha

vida tropeço numa dificuldade, que até já perdi o hábito de sorrir. Os pensamentos de Maria Clara iam se atropelando uns sobre os outros.

Quando chegaram Paulo disse ao Juiz que estava alojado num barraco na favela, ao preencher vários formulários para poder reaver os meninos.

Quando as crianças viram os pais correram na direção de Maria Clara abraçando-na comovedoramente. Não notaram a presença de Paulo, e se notaram não deram importância. Ele fitava sua esposa que sorria beijando os filhos; sua fisionomia transformou-se. Aqueles gestos das crianças valeram-lhe por uma acusação.

As crianças deram as mãos formando roda. Maria Clara estava no centro, o seu olhar circulava fixo no rosto de cada filho que cantava:

— A mamãe voltou. Lê, lê, lê.

— A mamãe voltou.

— A mamãe voltou. Lê, lê, lê.

— A mamãe voltou.

Até Paulo sorriu, achando graça na canção que seus filhos improvisaram.

— A senhora não vai nos deixar, não é mamãe? Nós precisamos da senhora. Nós somos pequenos.

Mamãe tem dó de nós. Não é?

— Tranquilizem-se meus filhos. A mamãe não os deixará jamais, porque longe de vocês eu também sofro.

Todos queriam beijá-la ao mesmo tempo.

Ninguém poderia sofrer maior humilhação do que Paulo, recebendo o desprezo dos próprios filhos, por causa da sua indolência.

Maria Clara e Paulo agradeceram aos diretores e partiram.

Ela ia de cabeça erguida, igual um atleta vitorioso; o seu olhar e o de Paulo encontraram-se. Ele sorriu com amargor dizendo: — Os nossos filhos lhe receberam com um grande amor filial. Nunca pensei que a ausência dos pais deixasse os filhos intranquilos.

Quando chegaram à favela as crianças ficaram espantadas vendo tantos barracões agrupados, perguntando: — é aqui que nos vamos morar mamãe?

— Que lugar esquisito, falou outra criança.

— Isto aqui é o inferno. Concluiu Maria Clara consigo mesmo.

— Mamãe; porque são de tábuas estas casas? São casas de pombos?

— Não sei meu filho. Não sei.

— Eu tenho medo dêste lugar. As crianças fitavam aquêles barracões mal construídos, sujos e exalando mau cheiro.

Maria Clara preparou a refeição com carinho e contentamento interior. Enquanto comiam as crianças iam relatando o que comeram no abrigo.

— Que comida gostosa, disse um dos meninos.

— Comemos até não mais querer. Todos falavam ao mesmo tempo.

Ela ouvia-os com prazer. Agora sim o barraco ficou mais alegre. As crianças trouxeram uma nova vida a êle.

— Êles adornam isto aqui, pensou Maria Clara.

Depois da refeição, passado alguns tempo, Maria Clara banhou as crianças. Fitava Virgínia como se estivesse vendo-a pela primeira vez. Enfim seus filhos não eram uma miragem diante de seus olhos; pegava os filhos em-

balava-os beijava-os com a ternura que só as mães saudosas sabem fazer.

— Graças a Deus estamos reunidos novamente, e levantava as mãos ao céu.

Paulo saiu. Queria conhecer a favela e observar os habitantes que iam ser seus vizinhos. Viu uns homens amontoados e pobremente vestidos. Aproximou-se e cumprimentou-os. Palestraram longamente e nem viu que as horas iam passando. Era a primeira vez que êle falava e era ouvido. Ficou emocionado quando um homem disse-lhe:

— Senhor Paulo.

Alguém lhe reconheceu. Alguém sem importância que não sabia quem era. Ali não existia classe. Todos eram iguais. Não havia preconceitos.

Todos estavam conformados com a ironia do destino. Não viviam preocupados com o fantasma do aluguel. Cada um trajava como podia. Paulo infiltrando-se naquele núcleio, tinha a impressão que estava andando no espaço, tinha a impressão que estava habitando outro planeta. Sentia-se bem plenamente ajustado aquela matilha de infelizes e desocupados. Não havia espionagem. Não lhe interrogavam para saber onde êle trabalhava. Bebia e cantava com os novos amigos. Ficou espantado quando amanheceu e estava no seu leito. Mas, quem será que conduziu-lhe ao seu barracão? Recordava apenas que havia saído a tarde e encontrou uns amigos. E que havia bebido um pouco. Deixou o leito e o astro rei já estava no centro do céu. Maria Clara não estava. Pedrinho disse-lhe que ela estava lavando as roupas no rio; para o senhor não sair que ela precisa falar-te.

O pequerrucho aproveitou a ocasião para fazer as suas costumeiras perguntas: — Papai, porque é que a mamãe sempre chora? Eu não vejo a mamãe sorrir. E nem cantar. Será que ela está doente? Ouvi dizer que os doentes é que são tristes. Ela parece tão infeliz! O que quer dizer tudo isto?!

Paulo acendeu um cigarro e acompanhou com a vista a fumaça que evaporava-se no espaço, sem dar muita importância as perguntas de Pedrinho. Aboliu-se e procurou café enquanto Pedrinho insistia com as perguntas. O menino queria saber porque todos condoiam-se deles.

Paulo pensou: — Algum dia ele há de querer saber o passado dos pais. Há de interrogar a sua mãe. Ela há de citar a sua origem. E ele há de querer procurar o coronel. Os jovens são impulsivos. Todas crianças aspiram um avô. Ele ia mandar Pedrinho dizer a Maria Clara que ele estava ao seu dispor, mas conteve-se, recordou que ele nunca deu uma ordem a sua esposa. Ele é quem estava habituado a obedecê-la. Resolveu esperá-la. As horas passavam tão lentas, um minuto era um século. Paulo saiu para o quintal. Dirigiu a vista para o rio até onde a sua vista alcançou e perguntava a si próprio: — o que será que ela irá dizer-me? Estava inquieto temendo as repreensões.

E o pior é que ela chamava atenção na frente das crianças.

— Quando eles compreenderem não irão obedecer-me, continuava dizendo consigo mesmo, não terei força moral para fazer valer a minha autoridade de pai. Até lá... Deus, já lembrou-se de mim. Estarei gosando a paz celestial, ouvindo o cantar dos anjos. As vozes dos anjos devem ser harmoniosas e sem as malícias da terra. Creio que não levo saudades da vida terrena. Não encontrei abrigo nem

no coração feminino. O coração que talvez iria abrigar-me com carinho com deferência especial seria o coração de minha mãe. Mas a fatalidade interviu, e arrebatou-a. Não sei citar o sabor das carícias maternais; sempre fui olhado como se eu fôsse uma sombra. Quando procuro fazer amizade com alguém nos primeiros dias, trata-me de "se-nhor Paulo". Quando percebem que não tenho nada, que entre os pobres eu sou o mais pobre, tratam-me "Paulo". E quando vêm que eu não tenho ocupação, dizem com ironia — "aquilo", e deixam de cumprimentar com receio que eu vá pedir dinheiro emprestado. Realmente eu não sei dizer qual foi o dia mais feliz da minha vida: se quando eu nasci, ou se quando dei por mim sozinho no mundo.

Paulo interrompeu seus pensamentos quando dirigiu o olhar para o lado do rio e viu Maria Clara que vinha com uma bacia na cabeça, molhadinha, quase da cabeça aos pés. Assustou-se. O seu coração bateu acelerado, começou a transpirar. Tinha a impressão que Maria Clara era um verdugo; um carrasco e éle a vítima inocente; pensou: — Pobre e rico são metais que não se ligam. São duas vozes que não podem formar dupla, porque são desafinados. Como é horrível a desigualdade num lar. Quando a mulher é superior ao homem então a coisa é de amargar.

Ele reconhecia que amava a sua esposa, mas não ousava acariciá-la livremente; não estavam unidos para uma palestra amigável. A presença de Maria Clara era-lhe um suplício. Ele queria acariciá-la, dar-lhe um abraço e um ósculo mas, ela não permitia. Quando seus olhares cruzavam ela desviava o olhar, como se éle fôsse o seu pior inimigo.

Com esses pensamentos Paulo foi ao encontro de Maria Clara para carregar a bacia. Ela recusou dizendo: — obrigado, eu me ajeto sôzinha.

— O Pedrinho disse-me que a senhora quer falar-me. O que deseja?

Ela estava descalça e o vestido em desalinho, parecido a mais pobre e desgraçada das criaturas. Ergueu a vista para certificar-se das condições do tempo antes de estender as roupas no varal para secá-las. Entrou e sentou-se. Os filhos agruparam-se ao seu redor. Paulo seguia-a apressado. Ela fitou-lhe o rosto. Ele correspondeu o seu olhar. Maria Clara parecia preparar o ambiente para dizer-lhe algo de muito sério.

— Agradeço-te a bellissima cena que representaste ontem. Eram duas horas quando vieram trazer-te em casa. O senhor estava inconsciente. Dominado pelo alcool. O senhor nunca apresentou-me uma qualidade apreciável. Insultou-me e disse-me que eu sou rica e avarenta. Que eu não procuro o meu pai para impedir que você compare a minha riqueza. Que já está farto de minha companhia e que é o teu desejo partir para bem longe. Que eu insisto os nossos filhos contra você. Apareceram várias pessoas para ouvir-te. Você me descompôs e pôs a cantar em seguida. A tua voz é bonita, percebi que aqui neste núcleo eles apreciam estas cenas de indivíduos inúteis como você. Você depois de infligir-me tantos aborrecimentos ainda vai aprender a beber, Paulo? Terei que aprender a tolerar o espôso ébrio e indolente? Daqui uns dias você há de querer espancar-me, imitando a classe de homens que são valentes só com as mulheres. Envez de adquirir vícios porque não adquiere hábitos salutaros. Se você aprender a trabalhar há de ficar famoso. Há de ser

um sensacionalismo para quem te conhece. Todos hão de querer ver para crer. Você deve ser um exemplo diante de seus filhos para formar-lhes a mentalidade dentro da honestidade. Já que não há possibilidade de dar-lhes educação esmerada, temos que ser decentes no nosso lar, contribuir e cooperar para que eles arranjem bons empregos e aprendam um ofício modesto que seja. Os nossos filhos não hão de ser favelados profissionais. Estes tipos que preferem viver numa favela do que se esforçar para progredir na vida. Há os que inculcam os govêrnos de serem os causadores das multiplicações dos homens pobres que vivem desajustados nos cortiços e nas favelas. Eu penso que é o homem quem deve ter vontade de melhorar e não ser impellido pelos ventos do comodismo ou da preguiça. O combustível do homem é a sua decisão. O homem que não trabalha é igual uma árvore que vai atrofiando-se até extinguir-se, sem dar nem sombra e nem frutos.

Maria Clara continuava agora em tom ainda mais sério: — Chega a vida atribulada que você proporciona-me. Já estou senil, combatida. Você diz que tem dó de mim. Não creio. Você não tem consciência. Lá na vila você era pacato porque temia a dona Maura. Aqui eu não tenho ninguém. Não tenho defensor. Lá você me auxiliava nos serviços domésticos. Aqui deixa tudo por minha conta. Tudo aos meus cuidados. Quando penetro dentro desse barracão não sei onde iniciar, a desordem é tamanha que me sinto vencida. Você disse-me que é meu escravo... mas a escrava sou eu. Eu não sabia andar calçada com tamancos; aprendi. Eu não comia pão amanhecido. Atualmente como pão duro. Tenho estômago de avestruz.

Paulo enchendo-se de coragem interrompeu o monólogo para perguntar: — Tudo que você disse-me é algo

que você pretendia dizer-me há muito tempo, mas estava aguardando uma oportunidade?

— Eu idealizei a vida matrimonial tão diferente. Um lar com vários filhos, mas com conforto. Quartos bem adornados; um jardim perfumado, e frases de veludo para o meu espôso.

Eu acho horrível a incompatibilidade. Eu era inocente, e pensava que tudo que pensamos realiza-se. Quando alguém perguntava a minha mãe: — “a senhora é que é a espôsa do coronel Pedro Fagundes Filho?” minha mãe sorria e respondia satisfeita: — “sim, sou eu, e estou contentemente com êle ao meu lado. Agradeço a Deus por dar-me um espôso tão sensato assim”. E a mim perguntam-me com piedade: — “é a senhora, a espôsa do Senhor Paulo Lemes”? E, todos comentam: — “coitada é uma infeliz; é uma infeliz. Agora os nossos vizinhos já sabem que sou filha de milionário. Uns crem... outros não. Os indigentes já vieram perguntar se é verdade tudo o que você disse. Este lugar é irresidível. Só dá gente curiosa, e abeludados que gostam de saber de tudo que acontece com a vida dos outros. Eu já esperava a tua degradação, mas não a êsse ponto. Quando eu percorria as terras de papai e via aquelas árvores fortes e frondosas onde os pássaros pernoitavam e de manhã chilreavam saudando o astro rei e via outras árvores desfolhadas atrofiando-se, extinguindo-se; eu não compreendia aquele quadro. Agora compreendo. É o próprio quadro da vida. É a desigualdade. O papai é a árvore frondosa. Você é a árvore raquítica.

Neste momento se fez um silêncio de catacumba entre êles antes que Maria Clara dissesse: — hoje você fica em casa. Devo sair. Não temos nada para comer.



Paulo ia ajuntando as louças que estavam espalhadas. As crianças onde comiam deixavam os pratos.

--- Peço-te desculpas se me embriaguei; foi inconsistentemente. Sempre reprovei o álcool. Você perdoa-me. Juro que hei de regenerar. Não mais hei de beber. É horrível a companhia dos ébrios, dizem o que não devem dizer. Não refletem no que dizem; ficam insensatos. Não prevêem as consequências que seus atos acarretam. Já que não posso dar-te conforto, creio que devo dar-te tranquilidade de espírito. Não mais te direi palavras rudes. Você tem razão, é preciso pensar nos filhos. E, quero pedir-te um favor: não me repreenda perto dêles. Eles já estão crescendo e quando compreendem não hão de querer obedecer-me. Espero que eles sejam melhor do que eu. Que sejam árvores frondosas. Eu penso nos meus filhos diariamente. Quando passo perto de uma vitrine e contemplo aqueles brinquedos que eles gostariam de possuir, fico triste. Quando vejo as casas bem edificadas desejo-as para você. Mas, tenho que conformar-me com o reverso da existência. Os meus desejos neste mundo não passam de miniaturas. Esta vida de indigente que levamos deixa-me combatido. Eu que nasci pobre, tem dia que me revolto. Quanto mais você que nasceu rica. A tua revolta é justa. Entre mim e você a vítima é você, que teve a infelicidade de ser minha esposa. Você que é o fruto de uma árvore frondosa, passando o resto de tua vida ao lado de uma árvore raquítica que não pode abrigar-te.

Maria Clara foi estender o resto das roupas que não eram alvas porque ela não havia ainda apreendido a lavá-las. Depois pegou uma sacola e saiu. Mas sair sem dinheiro? Com seis filhos para mantê-los precisava com-

prar tantas coisas. Mas como conseguir dinheiro? Pensava constantemente em Dona Maura que lhe auxiliava olhando as crianças para ela trabalhar. Estava indecisa porque ela não conhecia o bairro. Não sabia onde devia ir. Resolveu procurar dona Maura e pedir-lhe dinheiro emprestado. Mas desistiu quando recordou que não tinha dinheiro para a viagem. Devia tomar duas conduções.

— Meu Deus! Que hei de fazer de minha vida!? Fico oscilando sem direção. Minha vida piora cada vez mais. Que provação hedionda. Oh! grande Deus corta o meu sofrimento. Estou tão atribulada. Vou voltar a favela e seja o que Deus quiser. Sete anos de luta. Sete anos de martírio. Sete séculos de exterior.

Quando chegou a favela pôs a sacola na mesa e foi deitar-se.

O fogão estava sem lume. Paulo estava sentado lendo uma revista vagabunda. Alegrou a fisionomia quando viu Maria Clara; pensou — ela deve ter conseguido qualquer coisa para as crianças.

As crianças pegaram a sacola e foram mostrar ao pai dizendo: — Oh papai. A mamãe não comprou nada para nós comer... e eu estou com fome.

As crianças choravam e Paulo ficou agitado, nervoso.

— Até quando hei de resistir esta vida de atribulações e misérias? Era a primeira vez que ele via os filhos chorando de fome. Não tinha nada para vender, para resolver aquela negra situação. Que sinfonia horrível; cinco filhos pedindo pão.

Maria Clara levantou-se. Não conseguia dormir sem tomar sedativos.

— Paulo, Paulo o que havemos de fazer? Sei que não adianta implorar-te. Você não é pai.

— Não sei Maria. Não sei. Eu vou sair quando estou em casa o meu espírito fica conturbado. Uma tristeza profunda domina-me. Se existe um homem que não gosta da vida, êste homem sou eu. Você é rica e está habituada a dominar-me. Não sou dono de minhas ações. O homem pobre que casa-se com mulher rica perde a sua autonomia. Tem dia que penso "será que ela vai me obrigar a lhe tomar a bênção". Se eu deixasse de existir... não ambiciono a vida porque tudo que almejei não consegui. Não me revolto. Aprendi resignar-me.

Paulo pegou o paletó para sair. Maria Clara impediu-lhe dizendo: — quem vai sair sou eu. E vou levar as crianças na feira. Lá há qualquer coisa no solo, que eles podem catar e comer. Enquanto eu possuía algo de valor, a vida não parecia tão negra. Agora que eu não tenho nada para vender, fico sem ação. Fico condoida vendo os meus filhos comendo pães duros; restos que os vizinhos ganham por aí. Uma não quer e dá para a outra. E o pão vai transferindo-se até chegar na nossa casa. Aprendi a não ter escrúpulos, depois que conheci o jugo da fome.

Maria Clara reuniu os filhos pegou uma sacola e saíram.

Que alegria quando chegaram na feira. As crianças iam catando frutas e comendo sem lavar, enquanto Maria Clara pensava: — meu Deus. Os meus filhos vão crescendo sem conhecer os hábitos higiênicos.

Enquanto isso Paulo ficou meditando: — se eu abandoná-la o coronel há de odiar-me ainda mais.

Vestiu o paletó e saiu. Foi até a esquina e pensou na recomendação de sua espósa: — "não deixe o barracão sozinho porque na favela os favelados não respeitam as

leis sociais. As amigas não são sólidas. É um povo sem ideal. As mulheres falam só banalidades e palavras de baixo padrão. Só temiam a polícia. Uma espancavam os filhos da outra. Se uma mulher adoecer não aparece outra para socorrê-la. Eram mulheres que não serviam para ser amigas de ninguém”.

Paulo estava inquieto, mas por fim decidiu sair. Durante o dia ninguém ia violar o seu barracão, pensava êle. Pegou um saco e foi catar latas na rua.

Quando Maria Clara voltou, êle já estava em casa e com o dinheiro que ganhou na venda das latas comprou: pão, leite, café, açúcar. Estendeu a toalha na mesa e pois oito xícaras.

Maria Clara chegou com a sacola cheia de frutas e legumes que catou na feira. Ganhou alguns ossos para fazer uma sopa. Ficou emocionada.

— Oh Paulo! Que espetáculo divino. O que foi isto?

— Eu catei latas e vendi. Com o dinheiro comprei êstes alimentos para as crianças.

Ela sorriu dizendo: — é a primeira vez que você trabalha e compra pão para os nossos filhos. Creio que devo dizer “parabéns Dr. Paulo”.

Não tinham cadeiras. Comeram de pé.

— Faz tanto tempo que não como queijo, dizia Maria Clara com satisfação, como se estivesse comendo pela primeira vez.

Paulo lavou as louças. Estava contente porque estava ainda com Cr\$ 10,00 no bolso. Tinha a impressão que era um homem importante.

Maria Clara catou umas cabeças de peixe na feira e fez um pirão.

Paulo comprou cinco cruzeiros de farinha de mandioca.

— Aqui há possibilidades de trabalhar para auxiliar-te.

Maria Clara pensava: — a maturidade modifica um homem.

* * *

O coronel pensava constantemente na sua filha depois de conhecer São Paulo e observar todos os ângulos. Quando chegou a São Paulo sua decisão arquetitou-se de forma que se não encontrasse a filha não voltaria.

— Fui a fazenda para descansar e voltei mais triste, dizia consigo o coronel. Se é que todos nós temos um Deus que nos protege, tenho a impressão que o Deus que se encarregou de mim olvidou-me. Eu sempre pensava “se a Virgínia faltar, a Maria Clara velará por mim; ela já conhece os meus hábitos. Mesmo se ela casar reservará um quarto para mim. E eu hei de ter um lugar na sua mesa”. Como gostaria de ouvir meus netinhos pedindo-me para que eu contasse histórias. Meu Deus! Eu era um homem feliz. Que transtorno na minha vida.

O Coronel assim que chegou foi hospedar-se no mesmo hotel que havia se hospedado na outra vez. E, os funcionários assim que o viram comentaram logo: — o louco... o louco.

Desta vez o coronel pretendia reproduzir os retratos de Maria Clara e distribuir aos investigadores e aos guardas-civis, ficou horrorizado quando aproximando-se de um guarda-civil observou suas roupas velhas e lustrosas de tanto lavar. Pensou e comentou com o motorista: — êstes homens trabalham para o governo, é necessário ter uma bela aparência porque êles é quem atende o público.

Quem estava desinteressado era o inspetor. Não interferia nas críticas do coronel. O motorista pedia a Deus para o coronel não encontrar a sua filha porque pretendia construir outra casa para alugá-la, dizia: — êste caipira veio do céu, e não tem dó de gastar dinheiro.

O coronel andava à pé observando nas filas. Ficava com dó dos operários que trabalhavam o dia todo e à tarde exaustos eram obrigados a permanecer horas e horas em pé a espera da condução. Achava a vida em São Paulo muito agitada, com a espoliação ilimitada e os preços não serem tabelados. Dizia ao motorista: — da impressão que isto aqui é um covil de piratas. Todos querem ficar ricos ao mesmo tempo. — Observava as lojas e seus preços oscilantes, ficou furioso porque em geral os governos só se preocupam com as tabelas do arroz e do feijão, enquanto os outros produtos também são utilidades.

O coronel foi ver a propalada Praça da Sé que constitui uma tribuna popular onde os idealistas pessimistas e derrotistas discutem os assuntos mais diversos das organizações do país. E todos políticos são mencionados, onde as teses mais absurdas são discutidas. É o local onde se mescla o culto e o inculto; o verdadeiro e o especulador e os que discutem puramente por exibicionismo.

E assim o coronel que era um homem que se preocupava unicamente com a sua família, ia observando e tomando conhecimento das desorganizações do país pensando: — eu é que devia ser governador. O coronel olhava a quantidade fabulosa de homens que circulavam à noite. Outra coisa que horrorizou o coronel foi ver as mulheres que tem filhos pequenos vendendo amendoins à noite. E as crianças chorando. Deviam estar com sono. Era um

quadro pungente ver as mulheres sentadas na calçadas da grande loja do Mappim. Contraste e confronto; luxo nababesco e miséria dantesca. A maioria são pretos que andam descalços e as mães são analfabetas queixando-se que não haviam jantado. O coronel pensou: — será que a minha filha vive assim?

O coronel percorria tôdas as praças e ficou conhecendo todos os seus segredos. Na Praça da República êle ouvia dizer: — "é um absurdo que os deputados queiram abandonar Brasília e transferir a capital federal para o Rio de Janeiro. Eles não querem ser missionários do país, porque em Brasília não tem dez poderes". Ouvindo o coronel gritou: — não são dez, são três poderes. Sempre ouvi dizer que as organizações republicanas de feito democráticos são constituídas de três poderes: o executivo, o legislativo e o judiciário. O bêbado alterou a voz dizendo: — o senhor é um burro. O senhor não conhece o poder do Maracanã? O carnaval carioca? A buite? As lutas de boxes? A Praia? O senhor não leu que no Rio de Janeiro há três mil jovens desajustadas. Os nossos políticos deviam saber governar, mas eles são uns artistas da política camuflada. O coronel sorriu e seguiu comentando: — Êstes pobres coitados, quando abordam os problemas degradantes do país são taxados de "comunistas".

O coronel já estava cansado quando decidiu procurar um jornal para anunciar que estava procurando uma senhora por nome Maria Clara. No jornal o jornalista perguntou-lhe: — coronel, o senhor que é um homem tão inteligente o que notou na cidade de São Paulo?

O coronel coçou a cabeça e disse: — nesta cidade com o pouco que eu vi eu digo; que devia chover pólvora num

cia e fogo no outro. Um incêndio para destruir os corruptos e os exploradores.

O coronel lembrava das mocinhas que circulavam à noite pelas ruas pobres e desajustadas. Trezentas mil moças e moços desajustados no Rio de Janeiro, foi a estatística que o coronel leu.

O drama da cidade; várias mulheres dormindo nas calçadas agasalhadas com a desilusão da vida e na Praça Marechal Deodoro o coronel passava olhando aqueles bancos velhíssimos e pensou: — "Oh. Se eu fôsse Prefeito de São Paulo seria uma cidade bem ornamentada; com árvores frondosas. Na Praça Buenos Aires o coronel ficava observando os casais de namorados aristocráticos e ficou criticando o calçamento velhusco do jardim pensando: — "Meu Deus! onde será que vai a verba do estado?"

O coronel pretendia encontrar a sua filha, para gosar a tranquilidade na fazenda. Já estava saturado de São Paulo com suas greves que não beneficiam um operário porque pedem o aumento de salário quando deviam pedir, para diminuir os preços dos gêneros alimentícios, diminuir os preços das conduções e outras utilidades. Observava que os senadores e deputados não promovem greve para aumentar os seus subsídios. Criticava os deputados que trabalham quatro dias num mês ganhando Cr\$ 200000,00.

O coronel queria escrever um livro sobre as suas observações, mas tinha medo de ser preso como comunista.

O coronel ia saindo do correio quando viu uma jovem que entrava no carro. Deu ordem para o motorista para segui-la. O motorista obedeceu-lhe.

— Não perca o carro de vista, dizia o coronel emocionado. É a primeira pista.

Quando o carro parou, o coronel foi o primeiro a descer. A moça entrou numa loja e o coronel e o inspetor e o motorista lhe acompanharam. O coronel olhava a jovem atentamente perguntando-lhe:

— a senhorita pode dar-me umas informações?

A jovem demonstrou aborrecimento. Mas quando ele exibiu a sua carteira onde se lia — "coronel do exército", a jovem sorriu e ficou apreensiva dizendo-lhe: — estou as ordens.

— Onde foi que adquiriste estas jóias, que está usando?

— Foi o papai que me deu de presente no meu aniversário.

— E onde reside o teu pai?

— Aqui. Ele é o dono da loja.

— Quero falar-lhe.

— Pois não. Vou avisá-lo.

A jovem entrou para o interior da loja. Três minutos depois surgiu um senhor anoso cumprimentando-os.

O coronel estava impaciente e foi logo perguntando-lhe:

— Como foi que o senhor adquiriu as jóias?

O dono da loja relatou tudo e foi procurar o recibo. O coronel reconheceu a caligrafia de Maria Clara. Se ela vendeu foi por necessidade, e logo no mês que casou-se. Isto dá o que pensar. Então ela comprou a máquina para costurar.

O dono da loja não soube informar o endereço de Maria Clara. O coronel pagou as jóias para reavê-las. Agora estava mais animado. Ele sabia que ela devia estar em São Paulo.

As crianças de Maria Clara comeram frutas deterioradas e adoeceram. Ela deixou o leite as quatro horas para ir ao Pronto Socorro. Conseguiu a receita, mas não conseguiu dinheiro para comprar os remédios. Era um suplício andar com as crianças que andavam tão devagar. Quando alguém dava esmola ela ia comprar pão e dividia com os filhos. Estavam cansados por ter andado a pé. Ao chegar ao viaduto do Anhangabau ela sentou-se no terceiro degrau das escadas para descansar e trocar a Virgínia que estava molhada e com febre.

Estava frio, as crianças agruparam-se unindo na sua mãe para aquecer-se iguais aos pintinhos quando estão implumes. Estavam cansados e com fome.

O coronel, o inspetor, e o motorista iam atravessando a avenida, iam galgar as escadas quando o inspetor parou e exclamou: — oh! vagabunda! você na rua outra vez? Pedindo esmola hem! Outro dia os teus filhos foram para o juizado. Mas hoje você vai presa. É uma vergonha uma cidade civilizada como São Paulo infestada de mendigos. Vocês arranjam filhos para que eles sejam o meio de vida de vocês. Hoje os teus filhos vão voltar ao juizado novamente.

— Ela é conhecida na polícia de "a pianista"; os mandros não revelam o seu nome; continuava o inspetor.

— Eu vou chamar a rádio patrulha e volto já. Com licença.

Maria Clara conservou a cabeça curvada indiferente as ameaças do inspetor dizendo: — eu não sou vagabunda. Este título não orna para mim. É que a minha filha está doente. Eu fui levá-la ao médico. Fui à pé porque não tenho dinheiro para pagar a condução. E nós pobres um

dia temos dinheiro, no outro não temos. Eu não sei que mal fiz a Deus. Todos os dias é um sofrimento que vem visitar-me. Visita que me faz chorar.

Maria Clara continuava lamentando-se: — se eu fôsse rica todos acreditariam em mim. O rico mesmo sendo mentiroso é acreditado, e tem valor. Os homens da lei são impiedosos com os pobres.

O coronel olhava àquelas crianças descalças usando roupas de adultos, rotas e desbotadas que mais os protegia do frio.

— E o teu espôso onde trabalha? Perguntou o coronel.

— Ele não tem emprêgo. Não tem ofício. Não trabalha.

— Oh! Exclamou o coronel horrorizado. — Mas um homem que nasce e vive em São Paulo tem possibilidades para trabalhar. Os que não têm cultura para conseguir um trabalho intelectual, podem trabalhar na Prefeitura para varrer ruas. Podem trabalhar nas repartições públicas furando o solo para estender as redes de esgotos. Podem trabalhar num restaurante lavando pratos. Para mim o teu espôso é um vadio que não obedecia aos pais e não comparecia as aulas; tipo dos que desviam-se para a malandragem. E êstes malandros transformam-se em pragas para a sociedade. Eles querem ter igualdade de condições com os ricos mas não querem estudar e nem trabalhar. Ocupam muitas vêzes os lugares nas escolas de outros que poderiam aproveitar as lições. Depois querem casar-se. O malandro é um homem desajustado, sendo também um péssimo chefe de família. São homens atabalhoados.

— Qual será o destino destas crianças? continuava o coronel revoltado. Como é que um homem que não tem

ofício tem coragem de por tantos filhos no mundo para viver desnutridos? Mas um homem arrojado sustenta um lar mesmo que tenha que enfrentar os rudes trabalhos da lavoura. Mas o homem da atualidade quer viver na cidade atraído pelas invenções da época. Eu sou um homem que tem possibilidades para viver na cidade, mas prefiro viver na minha fazenda. Não tolero este São Paulo com seus contrastes e confrontos. Uns ricos demais, outros pobres demais. E esta desigualdade fermenta uma revolta interior. Estas crianças já estão crescendo revoltadas porque vem os doces e os brinquedos que eles não podem ter. Eu sou um homem humano e desejo o bem para a humanidade. Eu é que gostaria de governar este país. Queria reajustar tudo. As escolas têm que ser obrigatórias e gratuitas. Os pais que não mandassem os filhos às escolas deviam ser multados.

E o coronel prosseguia: — estas crianças serão infelizes no futuro. Mas os filhos estimulam um pai ao trabalho. O filho é uma seta indicando um homem a lutar. E o teu espôso não trabalha?

— Não senhor.

O motorista estava ficando nervoso. Queria ir-se embora mas não ousava dar ordem ao coronel.

O coronel abriu a carteira e retirou uma cédula de mil cruzeiros e deu-lhe dizendo: — com este dinheiro a senhora compra remédios para a tua filha. Eu sei que um filho quando adoce deixa os pais desorientados.

Quando ela pegou o dinheiro exclamou: — mil cruzeiros! poderei comprar também um par de sapatos, porque não sei andar de chinelos. Muito obrigado e que Deus te ajude.

O coronel ficou emocionado com a cena que presenciava condoído daquela mulher que por ter muitos filhos já mereceria a consideração pública. Uma mulher sendo mãe é digna da consagração pública. E os homens da lei não compreendem isso.

O coronel deu um suspiro e pediu-lhe:

— a única coisa que peço-te é rezar para eu encontrar a minha filha. Parece que Deus atende aos atribulados. E os que vivem assim vão morrendo lentamente. Suplica a Deus porque ele também teve uma existência atribulada.

O coronel olhava para todas direções e dizia: — o insetor está demorando. Com este dinheiro a senhora compra carne e faz uma sopa.

— Eu não gosto de sopa.

— A minha filha também não gostava. As vezes eu e Virgínia insistíamos para ela tomar sopa e ela recusava.

Quando o coronel pronunciou o nome de Virgínia, Maria Clara ergueu a cabeça e pronunciou emocionada: — papai!

— Minha filha!

O coronel sentou-se ao lado de Maria Clara e beijou-a várias vezes. Fitava-lhe o rosto, como se estivesse vendo-a pela primeira vez. Como se estivesse vendo uma jóia de valor.

— Minha filha. Meu amor!

As crianças aproximaram-se. Maria Clara apresentou todos os seus filhos: — este é o meu papai! É o meu papai! É o vovô de vocês.

— É o vovô que dá doces?

— É sim meus filhos.

— É o vovô que carrega no colo?

— É sim meus filhos, e é também o vovô que conta histórias.

— Que bom. Que bom. Agora nós temos vovô.

E as crianças armanharam as roupas do coronel. Quem não ficou satisfeito foi o motorista que já estava habituado com a companhia amável do coronel.

A rádio patrulha chegou com o inspetor que deu as ordens: — entra no carro vagabunda, nogueira, sugeira! Faz tempo que venho observando teus passos. Anda, anda, que eu não tenho tempo a perder com você que é uma desocupada.

— Ela não vai presa. Interferiu o coronel.

-- Ora senhor Coronel, estas indolentes não merecem consideração.

O povo ia aglomerando-se.

-- Ela é... a minha filha senhor inspetor.

— Oh! É isto que é a tua filha!

— Esta é a minha filha. Afirmou o coronel demonstrando contentamento.

O inspetor dispensou a Rádio-patrulha e disse: — Faz tempo que eu conheço esta mulher. Nos retratos ela é chic.

As crianças entraram no carro e foram para o hotel. O coronel entrou na frente alitivo igual um General na frente do exército.

Os hóspedes ficaram horrorizados vendo as crianças descalças, sujas e os cabelos longos como se fôsem descendentes de Sansão.

O coronel pediu um médico para examinar a menina. Era início de intoxicação. Levaram-na ao hospital, enquanto

os outros foram ao banheiro se lavarem. Que confusão no hotel. Todos queriam ver a filha do coronel.

— Telefona para uma casa de modas vir aqui e pregar roupas descentes para os meus netos, ordenou o coronel ao motorista. Depois que eles estiverem com seus cabelos cortados e limpos vou querer almoçar sôzinho com a minha família.

Três horas depois dava gosto ver os netos do coronel. Eles não conheciam barbeiros porque Maria Clara era quem cortava o cabelo deles por não poder pagar barbeiros. Almoçaram. As crianças queriam comer carne de frango. E comiam dizendo: — que comida gostosa.

— Obrigado vovô. O senhor é o vovô que desce do céu? Porque é o vovô que vem do céu que compra doces, brinquedos e comida.

O coronel dava rizadas enquanto o motorista e o inspetor olhavam-se.

— É a primeira vez que vejo o senhor sorrir; disse-lhe o motorista.

As crianças estavam contentes era a primeira vez que elas entravam dentro de uma casa chic. Olhavam tudo com curiosidade. O motorista e o inspetor tomaram parte na refeição.

Todos olhavam Maria Clara que estava tão chic. Tão bonita.

— É uma plebéia transformada em rainha, disse o motorista.

O coronel ficou admirado vendo Maria Clara tomar sopa. É que ela jurou a si própria nunca mais desobedecer o seu pai.

Terminado o almoço o coronel disse a Maria Clara: — vamos na tua casa. Só você pode nos indicar porque procurei-te por toda parte. Vasculhei até os núcleos sórdidos.

Entraram num taxi e Maria Clara mandou tocar para a favela.

— Favela?! indagou o motorista horrorizado. Que lugar... que ambiente! A senhora é favelada?

— Sou.

— Que desventura. Quanto tempo faz que está na favela?

— Dois meses.

O coronel não interferiu porque não conhecia a favela.

O transito estava impedido. Enquanto o carro permanecia parado os meninos viram uma loja com brinquedos e logo pediram: — vovô... compra um brinquedo?

— Pois não meus filhos. O vovô compra tudo o que vocês quiserem.

— Como é bom ter um vovô. Exclamou Pedrinho e perguntou-lhe:

— Vovô, nós temos vovó?

— Não meus filhos. A vovó morreu.

Maria Clara começou a chorar. Sentia-se culpada pela morte da mãe.

O coronel desceu com as crianças e entraram na loja.

— O meu sonho sempre foi ter uma bicicleta, disse um. E, o meu foi ter um caminhão... E o coronel prestava atenção nas palavras das crianças. Esperava as crianças falarem para dar-lhes resposta.

— Meus filhos, esta época de privações para vocês acabou... vocês agora vão levar uma vida própria de

séres humanos... não ficarão mais revoltados por não ter o que as outras crianças têm.

As crianças voltaram para o carro carregadas de brinquedos.

Quando o carro chegou na favela Maria Clara desceu.

As mulheres da favelas observavam admiradas Maria Clara tão bem vestida. E os comentários logo começaram. A má impressão desapareceu quando ouviram as crianças puchando o coronel dizendo: — vem vovô.

O coronel perpassava o olhar pelos barracões mal construídos. Dizia: — se eu fôsse govêrno isto não existia. Um govêrno deve iniciar o seu trabalho reajustando êste povo. Êles são as enfermidades crônicas do país. Construiria um colégio especial para educar os filhos dos pobres. Eles crescem desnutridos e desumanos. E um homem desumano é um monstro que terá as suas taras insaciáveis. Deve ser horrível para uma pessoa culta viver neste núcleo. Um país deve ser governado por um homem culto e superior que reajusta e estimula os inferiores. Um govêrno deve construir escolas, casas, colégios e dar trabalho ao povo. Destinar terras para a lavoura. A grandeza de um país depende de homens bem nutridos e bem instruídos.

— Se Jesus voltar ao mundo, continuava o coronel, há de ficar horrorizado com estas desorganizações. Deve ser por isso que êle não vem.

Os favelados deixavam seus barracões e aproximavam-se do coronel para ouvir o que êle falava.

— Nós do interior pensamos que os que vivem em São Paulo são felizes, mas vejo que é preferível viver no interior trabalhando como colono, do que viver como favelado.

Quando o coronel chegou ao barracão de Maria Clara, ficou penalizado. Uma cama de casal, uma mesa, a máquina e o rádio sobre um velho guarda-roupa. Não viu cadeiras. Ficou parado na porta enquanto as crianças invadiram o quarto. Fizeram tanto barulho que Paulo acordou e sentou-se.

— Como vocês estão bonitos! disse assim que percebeu as crianças limpas e com roupas novas. E dirigindo-se para Maria Clara disse: — sempre desejei ver-te assim. Eu sei que você conseguiu tudo isto com dignidade.

— Papai, olha os nossos brinquedos. Olha a bola.

— Olha papai, eu tenho um carrinho.

— E eu tenho uma bicicleta. O vovô foi quem comprou.

O coronel aproximou-se.

Quando Paulo viu o coronel exclamou:

— Maria! Maria!... não deixa o teu pai me matar. E caiu no travesseiro, quieto sem respiração.

— Será que êle desmaiou?

— Não papai, disse Maria Clara após ter colocado seu ouvido no peito de Paulo, êle está morto. Êle sempre teve medo de que o senhor o encontrasse e lhe cortasse as orelhas. Disseram-lhe que o senhor tem jagunços e que coleciona orelhas humanas.

— A única coisa que eu coleciono é dinheiro no banco.

— E então, continuou o coronel, êste é o homem que casou-se com a minha filha. Não. Êle não era homem. E quantas frações de homens existem neste mundo. Vamos embora. Eu vou mandar as autoridades sepultá-lo.

— Eu quero levar a máquina e o rádio. O motorista e o inspetor ajeitaram a máquina no porta mala do carro.

Quando chegaram ao hotel, Maria Clara pediu dois quartos para ela e as crianças. O motorista foi ao hospital saber se a menina estava melhor, e o inspetor foi cuidar do funeral de Paulo.

Maria Clara telefonou a Dona Raquel participando o falecimento de Paulo e disse-lhe que estava hospedada no Cliris Hotel.

— Cliris Hotel!... foi a resposta de admiração de Dona Raquel. Onde está o corpo de Paulo?

— Na igreja.

Quando Maria Clara entrou no quarto encontrou camisas e pijamas para as crianças e, pegoir e chinelos de veludo para ela. Dois dias seguidos ela fez as refeições no quarto. Estava readquirindo a tranquilidade anterior. Mas o seu espírito era um espírito velho e exausto. Apesar de Paulo não prestar, Maria Clara sentia saudades porque a mulher aprende amar o homem que vive ao seu lado.

O coronel contratou um médico nutricionista para examinar a sua filha. O coronel andava de um lado para o outro dizendo "venci a batalha". Contratou amas para cuidar das crianças que choravam dizendo que queriam o papai.

As crianças iam ao cinema, aos parques infantís e em outros locais próprios para a sua formação.

Quando o coronel foi levar a certidão de óbito de Paulo a sua filha disse: — agora você é livre minha filha. Quero saber quais são os teus projetos?

..... Quero apenas ter uma casa. É bom ter uma casa onde podemos viver com tranquilidade.

— Porque você não procurou-me?

— Vergonha. Porque eu residia em casebres. E é horrível; não dispunha de acomodações para hospedar um coronel.

— O erro do teu espôso foi mentir. Eu sempre disse-lhe isso.

— Papai. Eu quero que o senhor compre a vila onde morei. Quero reunir os meus compadres novamente. Os meus melhores amigos. Estou com saudades deles.

— Então vamos já para lá, disse o coronel ao motorista que andava de um lado para o outro.

Quando Maria Clara chegou na vila viu uma placa onde estava escrito: "vende-se", pensou: — a dona Raquel disse-me que vendeu a vila. A mentira é o mal da família.

O motorista levou as cartas aos compadres de Maria Clara convidando-os a reunirem-se na vila.

Que festa! Todos queriam abraçar Maria Clara ao mesmo tempo enquanto o coronel observava aquela recepção. Dona Raquel e Maria Clara trocaram apenas uns olhares frios e semi-serrados.

Dona Raquel pensava consigo: "se eu soubesse que ela é rica teria a tratado melhor".

Quando Maria Clara apresentou o coronel como sendo o seu pai houve um murmúrio de admiração.

Dona Maura olhava a farda do coronel abismada. Não acreditava no que presenciava.

— Agora a vila é minha! Vocês podem voltar para cá; fica próximo ao local de trabalho de vocês. Como foram bons para mim procuro retribuir. Quem favorece uma Fagundes recebe o bem em dobro. E não é necessário vocês pagarem o aluguel. Usem o dinheiro para dar escola a seus filhos. Eu agora vou voltar para a fazenda.

— A senhora é fazendeira? perguntou dona Maura assombrada.

— O papai tem fazenda.

— Hum. Hum. E dona Maura meneava a cabeça.

— E a senhora se quizer poderá me acompanhar.

— Claro que eu quero. Dona Maura ficou radiante com o convite.

— Eu quero o descanso que só se pode encontrar na fazenda.

— É um descanso justo, respondia dona Maura, quando eu vim procurar a senhora aqui na vila, a senhora já tinha mudado. Para onde foi?

— Dois dias ficamos na rua e depois fomos para a favela.

— Oh! exclamou horrorizada. Como a senhora deve ter sofrido. E o compadre Paulo onde está?

— Morreu.

— Ele já era um morto em vida, interferiu Dona Raquel.

O coronel observava que Maria Clara dava mais atenção a dona Maura. Todos olhavam as crianças bem vestidas enquanto Maria Clara distribuía presentes aos compadres. Olhando dona Raquel disse-lhe: — a nossa amizade sempre foi fraca, e o que é fraco extingue-se. Falava em bom português para provar que tinha cultura.

— Eu era fidalga quando casei-me com o teu sobrinho.

— E como você deve ter sofrido. Lamento a tua odisséia. O meu sobrinho era um irresponsável.

— Não Dona Raquel, a senhora está enganada. O Paulo era um infeliz, um desajustado, um abandonado. A senhora sendo sua tia tinha por dever ampará-lo porque

ninguém se orienta sozinho... a senhora é egoísta. E os egoístas são desumanos.

— E você que é rica porque não o protegeu, já que ele era o teu espóso.

-- Ele não me permitia recorrer ao meu pai. E a espósa deve obedecer o espóso em consideração a sua força moral.

Maria Clara terminou por dizer que dos que lhe fizeram mal ela não levava rancor e daqueles que lhe ajudaram ela levava uma eterna lembrança com eterna gratidão.

Ao entrar no carro Dona Maura acompanhou-lhe. Ao automovel partir os compadres lhe abanavam as mãos.

Assim que Maria Clara chegou no Hotel, foi tocar piano. As crianças vendo sua mãe tocar ficaram olhando curiosos e Pedrinho perguntou-lhe?

— Mãe, quem é a senhora? O papai vai voltar?

— Não meu filho.

— Porque o vovô não quer?

— Deus não quer. Deus levou o teu pai para o céu.

— Será que no céu ele vai ser feliz?

— Vai.

— Porque ele dizia que era infeliz. O que quer dizer infeliz mãe?

Maria Clara tocou piano com mais energia para por um ponto final nas perguntas incômodas.

O motorista não retirava o olhar do rosto de Maria Clara, e o seu olhar aborrecia-lhe. Ela estava ansiosa para rever a sua casa e a fazenda.

Finalmente resolveram ir de avião sendo que em pouco tempo Maria Clara estava novamente em sua casa

materna. Estranhou muito. Achou tudo muito diferente e o que a deixava mais triste era a ausência da sua mãe.

Maria Clara começou a receber várias visitas.

Dona Maura explicava que Maria Clara desposou um homem muito rico e rude, muito ciumento que não permitia comunicar-se com o seu pai. Só depois de viúva é que pode rever o seu pai.

A amizade das duas assim consolidava-se cada vez mais.

Dona Maura sorria quando dizia: — eu sempre notei que a senhora era uma jóia fora do exército. Estou contente porque a senhora agora está bem amparada.

Maria Clara queria rever o seu quarto. Foi pedir a chave ao coronel. Estava do jeito que ela deixou. As gavetas abertas e os jornais espalhados no assoalho, tudo coberto de pó. Compreendia naquele momento que a época mais perigosa da vida é a mocidade em que os jovens são inocentes e não obedecem.

O coronel que acompanhava a filha parecendo adinhar os seus pensamentos perguntou:

— Então minha filha, você foi uma felizarda?

— Não papai. Fui uma infeliz. Fiquei conhecendo o rigor da existência. Tenho a impressão que retorno de uma viagem ao purgatório. Agora estou contente porque o senhor protege-me, porque o senhor defende-me. O senhor é uma sombra amiga na minha vida. Enfim... o senhor é o meu pai!

O coronel entregou-lhe um embrulho.

Ela desfez o embrulho e exclamou: — minhas jóias! Obrigada papai! É ao lado do senhor que devo dizer: — sou uma felizarda.

O coronel sorriu dizendo-lhe: — agradeço-te a confiança que depositas em mim. E o inspetor que chegara a tempo de ouvir as últimas palavras disse:

— A senhora é viúva e eu sou solteiro. A senhora quer casar-se comigo?

Maria Clara disse-lhe: — É que o senhor é homem de São Paulo.

O coronel notou que Maria Clara já não demonstrava entusiasmo pelos homens de São Paulo e pensou: — São Paulo é um bôlo que os paulistas prepararam, mas não sabem comer. O bôlo são as fábricas, as escolas, e a possibilidade de evoluir-se. O homem deve aprender ler e aprender um ofício para ser decente. E por falar em ler e escrever, os teus filhos devem ir para a escola. A criança necessita boas orientações para ser bom homem no futuro. Se os teus filhos fôsem criados naquelas espeluncas, cresceriam desajustados.

— Por que não abandonou o seu espôso, continuou o coronel.

— Porque mulher depois que casa, se abandona o lar ou desquita-se, fica mal vista.

— Você é uma Fagundes. E os Fagundes não renunciam.

O motorista perguntou-lhe:

— Esta história de renúncia é indireta para alguém?

O coronel retirou o cigarro da boca e comentou:

— É que uma eleição fica muito cara para um país.

O coronel perpassava contente o olhar contemplando os seus netos. Gratificou o motorista com Cr\$ 100.000,00 e o inspetor também com Cr\$ 100.000,00, conforme havia prometido e cumprimentou-os emocionado quando partiam.

— Estou contente com o meu gesto. Quando início algo vou até o fim. Não decepçiono-me e nem decepçiono aos meus amigos.

— Sendo assim devemos dar-lhe nossos parabéns, dizendo isso o motorista e o inspetor abraçaram o coronel.

— E o senhor vai descansar alguns tempos?

— Sim. E mais tarde vou escrever uns livros. Pelo que ví e passei neste últimos anos tenho muito o que contar.

— Ficaremos então aguardando o seu regresso como escritor.

— Adeus coronel.